



Secretaria de Educação e Cultura

Boletim

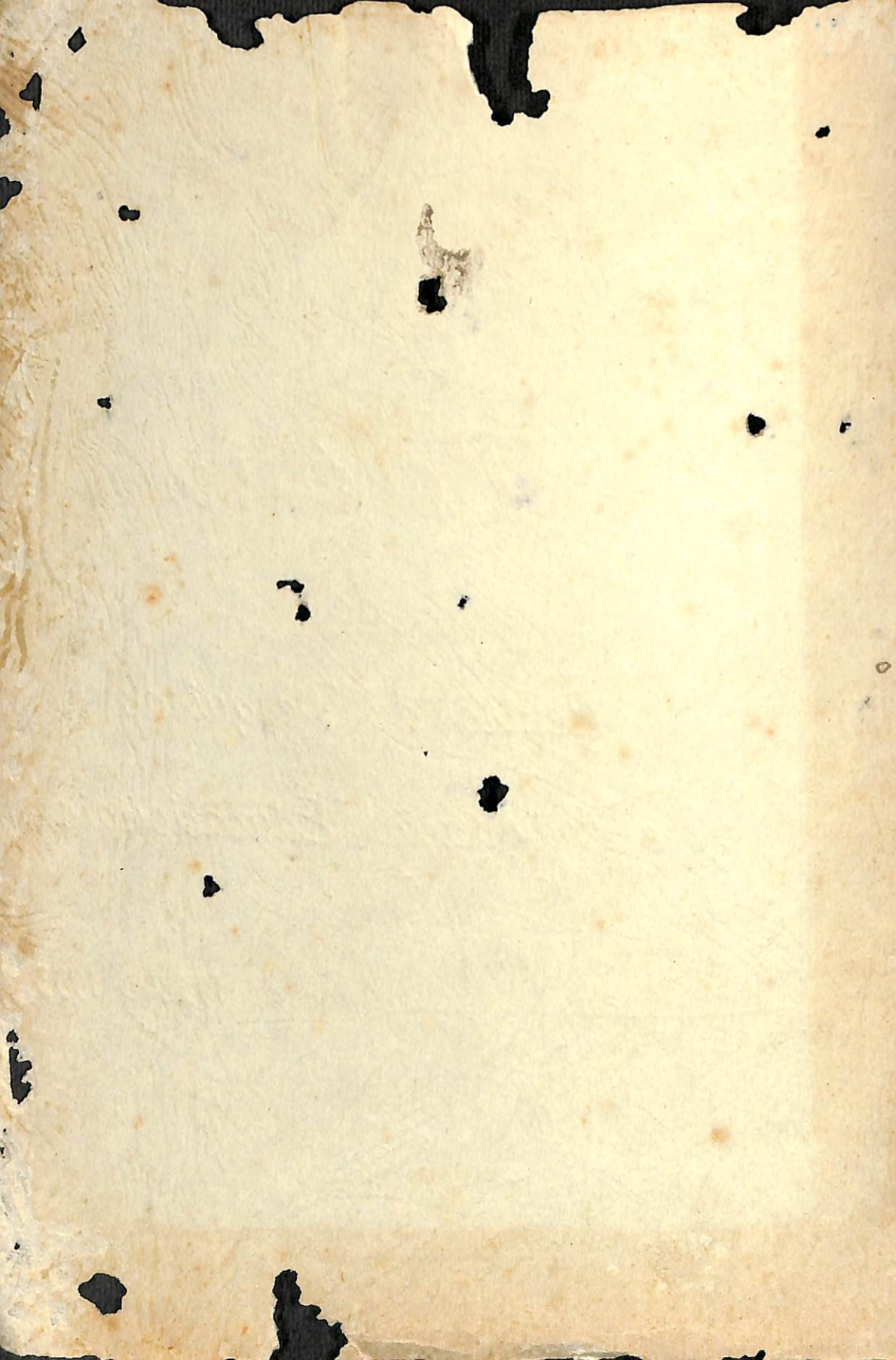
da

Centro de Pesquisas
e Orientação Educacionais



Anos de 1952 e 1953

Rio Grande do Sul
Brasil



Bona Norma

BOLETIM
DO CENTRO DE PESQUISAS
E ORIENTAÇÃO EDUCACIONAIS

Colaboraram neste Boletim, os seguintes técnicos em
educação, deste Órgão:

Alda Cardozo Kremer

Eddy Flores Cabral

Eloah Brodt Ribeiro

Ida Silveira

Ruth Ivoty Torres da Silva

Sarah Azambuja Rolla

Sydia Santana Bopp

Yandir Martins Santos

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA

BOLETIM

DO

CENTRO DE PESQUISAS

E ORIENTAÇÃO EDUCACIONAIS

1952 — 1953



RIO GRANDE DO SUL — BRASIL

SUMÁRIO

<i>Eloah Brodt Ribeiro</i> — A diagnose em Educação	5
<i>Eloah Brodt Ribeiro e Ruth Ivoty Torres da Silva</i> — Sugestões para desenvolvimento de atividades nas escolas primárias rurais..	9
<i>Ida Silveira</i> — Regulamento para uma instituição destinada a menores desajustados ..	23
CURSOS:	
Cursos de aperfeiçoamento para professores de nível normal e primário	45
Estágio dos orientadores de educação primária no interior do Estado	52
COMUNICADOS:	
1. Educação Moral	58
2. Semana da Pátria	60
3. Do Período Preparatório no 1.º Ano	64
4. Semana da Economia	73
5. Sugestões para realizar atividades agrícolas nas escolas primárias	77
OFÍCIOS:	
Ofício Circular N.º 269	83
Ofício Circular N.º 81	86
BIBLIOGRAFIAS:	
Relação dos livros indicados para as diversas séries do Curso Primário e do Supletivo.	
PROVA:	
Prova-diagnóstico para o 2.º ano	109

A DIAGNOSE EM EDUCAÇÃO

Eloah Brodt Ribeiro

Determinar a natureza e as causas de desajustamentos, ou de ajustamentos não satisfatórios em situações escolares, corrigi-los ou preveni-los, constitui problema de capital importância para o professor, porque de sua solução depende, em grande parte, a orientação científica de seu trabalho.

Sendo este problema o da diagnose educacional, se infere o que esta significa para o desenvolvimento do educando, para a avaliação da eficiência de métodos e processos de ensino e, conseqüentemente, para a direção inteligente da aprendizagem.

O campo da diagnose, em educação, é muito amplo em virtude da complexidade da natureza humana e da obra educativa.

Os desajustamentos podem provir de defeitos orgânicos, como imperfeições da vista ou do ouvido; mau funcionamento de algum órgão ou glândula; conflitos emocionais; deficiência intelectual; incorreta formação de hábitos; falta de interesse ou outros fatores.

Embora reconheçamos quão dilatada é a esfera de ação da diagnose educacional para não limitá-la às causas que interferem no aproveitamento escolar do aluno, mas para incluir em seu campo importantes e difíceis aspectos como aquêles que se relacionam com ajustamentos sociais e desordens da personalidade, temos de convir que as deficiências de aprendizagem apresentadas pelos alunos, face ao plano de estudos da escola, se destacam por sua freqüência e significação.

São mais freqüentes, dizemos, porque tôdas as causas, já mencionadas, responsáveis por desajustamentos ou ajustamentos não satisfatórios, determinam, em geral, concomitantemente, um aproveitamento escolar abaixo das

possibilidades intelectuais do aluno ou abaixo das possibilidades do grupo a que pertence apesar de se encontrarem casos de alunos desajustados socialmente, mas com aproveitamento escolar acima da norma. São de grande significação, porque constituem o sintoma que alerta o professor sobre a existência de um mal que é preciso combater, corrigindo-o, atenuando-o ou prevenindo-o.

Numerosas experiências têm demonstrado o valor da diagnose e das medidas terapêuticas apropriadas.

Scruggs comparou o aproveitamento de duas classes paralelas de 5.º grau; a uma delas se proporcionaram períodos de instrução comum ao grupo em caligrafia e a outra iguais períodos de prática corretiva baseada em uma detalhada análise das deficiências de cada aluno. Em sete semanas o segundo grupo tornou a qualidade média de sua caligrafia duas vezes melhor do que a do primeiro.

Do mesmo modo, alunos do 5.º e 6.º graus de 23 escolas, que dedicaram, durante 5 semanas, 40 minutos diários a testes diagnósticos e práticas corretivas ganharam de duas a seis vezes mais em habilidade, para resolver problemas de raciocínio do que outros de igual capacidade que tiveram somente trabalho aritmético comum na escola.

“A psicologia de tais processos, diz Ross, professor de Psicologia Educacional da Universidade de Kentucky, parece razoavelmente clara. Um princípio fundamental de ensino considera que a aprendizagem deve sempre começar onde o conhecimento do escolar cessa.

A não observância deste princípio resulta em duas tentativas insensatas: ensinar ao aluno o que ele já conhece ou ensiná-lo em um nível acima de seus atuais conhecimentos. O único meio de salvaguardar aquele princípio é uma freqüente e segura verificação do progresso do aluno.

Face a nossa realidade educacional, verificamos que a experiência relativa à diagnose em educação é, entre nós, limitada, reduzindo-se a ensaios isolados sem continuidade e repercussão no ambiente educativo.

Vários fatores concorrem para esta situação: preparo profissional deficiente; condições desfavoráveis de desenvolvimento das atividades escolares (insuficiência de prédios e professores, horário escolar reduzido) e falta de material apropriado (provas diagnósticas, escalas, indicações sobre práticas corretivas, etc.).

O processo da diagnose educacional abrange quatro aspectos ou níveis:

1. que técnica empregar para localizar os erros?
2. quais as causas que os determinam?

3. que práticas corretivas são indicadas?
4. como prevenir os êrros?

Dentro das limitações dêste breve estudo não se pode, é óbvio, abordar todos os aspectos acima mencionados, atenta a natureza e a extensão de cada um. Procuraremos, no entanto, situar-nos no primeiro dêles, apresentando, como contribuição ao propósito de difundir entre os professôres as técnicas da diagnose educacional e proporcionar-lhes material apropriado, uma prova-diagnóstico organizada com a colaboração da professora Sídia Santana Bopp, para ser aplicada no início do 2.º ano escolar com a finalidade de verificar:

- a) quais as crianças que precisam de assistência especial por apresentarem um atrazo em relação às crianças de sua idade ou por não corresponder seu aproveitamento escolar às normas estabelecidas para a classe que freqüentam;
- b) qual a natureza dos erros.

A prova-diagnóstico precisa atender a êstes dois objetivos donde resalta seu fundamento estatístico e seu caráter analítico.

Aplicada no início do 2.º ano escolar, propiciará ao professor, num breve período de tempo, o conhecimento das deficiências de cada aluno, no que diz respeito à aprendizagem, ponto de partida para a investigação das causas dos erros e posterior aplicação das medidas terapêuticas adequadas.

SUGESTÕES PARA DESENVOLVIMENTO DE ATIVIDADES NAS ESCOLAS PRIMÁRIAS RURAIS

Ruth Ivoty T. da Silva

No desenvolvimento dos programas ter-se-á em vista que a escola primária rural deve ser um centro de irradiação de cultura e trabalho para a população da zona a que serve, um centro orientador, por excelência, dos meios rurais. Para atingir êste objetivo, terá o educador de considerar os interesses e as aspirações da população campesina, compreendê-la, sentir-lhe as dificuldades, sugerindo os meios de solucioná-las o que representará o necessário ajustamento do programa ao meio social, condição fundamental para que possa gozar de confiança e ascendência e exercer influência benéfica sôbre a coletividade.

* * *

Dever-se-á cuidar de que o ensino seja de caráter eminentemente prático condicionado às necessidades da escola e do meio e relacionado com o clima da região, o solo e a estação do ano; predominará êste critério principalmente no que se refere à seleção e ao cultivo de plantas, aos métodos técnicos de trabalho racional. As instruções teóricas, quando indispensáveis, devem ser ministradas de forma acessível, simples e objetiva, como imperativo ou decorrência dos diferentes trabalhos que se realizarem, de modo que os alunos as apreendam, aplicando-as em situações reais de vida.

* * *

O plano de atividades rurais não deve ser desenvolvido dissociado das outras matérias do currículo. Em qualquer oportunidade propícia que se apresente — no jardim, na horta ou em outros trabalhos rurais procu-

rá o professor a associação natural com outras disciplinas que intervirão, em algumas situações, como instrumentos necessários à solução dos problemas rurais e em outras como sugestão de novas atividades. Assim, para o traçado de canteiros que os alunos se propuserem fazer, a Geometria será aplicada como meio, do mesmo modo que a Matemática, no cálculo da produção da horta; a observação e o estudo das diferentes partes da planta poderão motivar o cultivo de determinadas espécies; a leitura de notícias sobre realizações de outras regiões talvez conduza a iniciativas semelhantes.

As atividades rurais servirão, com freqüência, de tema para composições orais e escritas, exercícios de linguagem e outros relacionados com as demais disciplinas. Proporcionarão, do mesmo modo, a formação de hábitos e atitudes desejáveis.

As artes aplicadas e o desenho inspirar-se-ão, de preferência, nos motivos que a localidade apresenta e no material que oferece.

Cuidará o professor de que as crianças dominem a significação dos vocábulos empregados, os apliquem com propriedade e os pronunciem corretamente.

Não obstante se apresentarem estas Sugestões em forma um tanto analítica e ordenada, caberá ao educador dar a flexibilidade necessária à sua aplicação, podendo, de acordo com as peculiaridades da zona em que se situa a escola, sugerir ao órgão competente, justificando, a supressão de alguns tópicos, o acréscimo, ou a substituição de certos assuntos por outros de interesse local ou regional.

Poderá, ainda, levar o professor a reduzir ou ampliar os conhecimentos implícitos em determinados tópicos, a consideração das experiências que, com referência ao assunto, possuem as crianças, de seu nível de maturidade e de seus interesses predominantes.

* * *

Princípio didático de que se não deve descuidar o professor é a motivação de todas as atividades. Estas devem ser desejadas, por satisfazerem a necessidades sentidas pelos alunos. Daí o imperativo pedagógico de estabelecer, previamente, para cada atividade, objetivos definidos. Podem, algumas vezes, não coincidir os fins de caráter cultural e educativo, visados pelo professor, ao sugerir ou orientar as atividades, com os que têm em vista os alunos ao realizá-las (imediatos e utilitários); a habilidade do educa-

dor consistirá, pois, em saber conciliar as finalidades culturais e educativas com os interesses próprios da idade dos alunos e do meio em que vivem.

* * *

Os objetivos gerais da escola primária rural não são diversos dos atribuídos às demais escolas primárias do Estado, mas a necessária adaptação às peculiaridades do meio justifica os objetivos específicos que lhe são iminentes e a organização de um plano de estudos no qual constem, além das atividades comuns aos cursos dêsse grau de ensino, estudos e práticas tendentes a afeiçoar o homem ao meio e a elevá-lo cultural e economicamente.

A iniciação do educando no trabalho rural não implica em especialização do ensino, ou seja, dar-lhe caráter profissional, pois seria prematuro e, conseqüentemente, antipedagógico impor uma formação especializada na infância; constitui, antes, um meio através do qual se alcançam, com maior facilidade, os fins culturais da escola e a integração do educando no ambiente social.

Além das finalidades do ensino primário, que o professor terá sempre em vista, cabe-lhe ainda diligenciar no sentido de que a escola primária rural cumpra os objetivos específicos, abaixo discriminados:

- a) formar a consciência do valor e da dignidade do trabalho rural.
- b) manter e desenvolver o interesse pela vida das plantas e dos animais.
- c) levar o aluno a adquirir conhecimentos e a formar atitudes e hábitos necessários à conservação e ao melhoramento da vida, da propriedade e dos recursos naturais da zona rural.
- d) iniciar o educando em métodos e processos científicos aconselhados pela técnica moderna.
- e) ampliar as possibilidades econômicas do meio pelo aumento da produção e pela introdução de novas culturas, criações e pequenas indústrias.

Não deverá o professor considerar, isoladamente, os objetivos e as atividades peculiares a cada série, mas como etapas necessárias à realização dos objetivos gerais que a escola rural se propõe alcançar.

Visados em uma série, serão objeto de maior desenvolvimento nos anos subseqüentes para que se mantenha vivo, durante todo o curso, o interesse pelos diversos aspectos da vida rural e se assegure a continuidade e a sistematização requeridas pelo estudo.

De outra parte, sempre que, para a solução de um problema surgido numa classe, houver necessidade de conhecimentos e práticas ainda não adquiridos pelos alunos, se solicitará a cooperação das séries mais adiantadas. Dêste modo, não só se promove a colaboração, entre as classes, como ainda se proporciona uma solução oportuna e adequada.

PRIMEIRA SÉRIE

I — Objetivos específicos:

- a) orientar o espírito infantil no sentido rural pela observação direta, dirigida e freqüente, da vida das plantas e dos animais.
- b) iniciar a formação de hábitos e promover o desenvolvimento de habilidades inerentes às atividades do campo.

II — Atividades indicadas:

Excursões a campos cultivados e a locais de criação situados na propriedade da escola ou nos arredores.

Experiências muito simples, relacionadas com a vida dos animais e das plantas.

Observação, reconhecimento e descrição superficial das plantas mais comuns cultivadas na escola e nas propriedades rurais situadas nas proximidades.

Reconhecimento de plantas úteis e nocivas.

Plantio da "Árvore da Classe", em data comemorativa.

Prática dos cuidados que requer.

Cultura em vasos para ornamentação da sala de aula ou da escola.

Observações gerais sobre animais considerados úteis ao homem do campo, e especiais, sobre determinado animal.

Prestação de pequenos auxílios aos alunos das outras classes: regar plantas, racionar animais, coadjuvar no plantio de grama, no sombreamento de culturas, na limpeza do jardim, no combate às pragas e outros.

III — Instruções para o desenvolvimento das atividades:

No período letivo compreendido no primeiro semestre do ano, destinado, especialmente, ao domínio das técnicas fundamentais da leitura e escrita, selecionar-se-ão, do programa, as atividades mais fáceis e que exijam menos tempo para seu desenvolvimento, a fim de reservar àquele estudo a quase totalidade do horário escolar.

Como recursos para enriquecer as experiências dos alunos e, conseqüentemente, desenvolver-lhes o pensamento e a linguagem, recomenda-se, nesse período, a observação, sempre que possível diariamente, durante alguns minutos, dos trabalhos dos alunos das outras séries, a narração de historietas sobre animais e plantas, pequenas excursões e a descrição de gravuras que concorram para o desenvolvimento da linguagem oral, do senso estético e para a compreensão da utilidade dos animais e das plantas na vida do homem.

Estas atividades não só influem favoravelmente na aprendizagem da leitura, mas ainda ampliam os conhecimentos relativos à vida vegetal e animal e combatem o individualismo, tão comum nas crianças de zona rural, facilitando seu ajustamento ao meio.

São, também, atividades muito aconselháveis a apresentação de problemas que possam ser resolvidos pela observação e a realização de experiências muito simples como as que seguem:

a) conservando numa caixa uma larva qualquer e alimentando-a com as folhas da planta onde foi encontrada, que acontecerá ?

b) se colocarmos grãos de feijão ou de milho numa vasilha com um pouco d'água e outros em cima de algodão úmido, que sucederá ?

Vencida grande parte das dificuldades peculiares à leitura e à escrita, a participação dos alunos tornar-se-á mais ativa.

Prestando pequenos auxílios às outras classes, a criança observará o animal como ser vivo e reconhecerá seus característicos principais de vida: alimentação, locomoção, defesa, necessidade de abrigo; terá oportunidades de distinguir os úteis e os nocivos, de dispensar cuidados aos primeiros e combater os últimos.

A par das habilidades e dos conhecimentos adquiridos inicia-se a formação de atitudes e hábitos desejáveis; entre outros — cuidados com as plantas e os animais, interesse e simpatia pelo trabalho de outrem, auxí-

lio mútuo, confiança. A atuação esclarecida do educador muito contribuirá para êsse clima de compreensão e solidariedade que deve envolver todo o trabalho da escola.

Desde o primeiro ano o educando será orientado no sentido de apreciar o resultado da ação do homem sôbre a vida dos animais e das plantas através de comparações adequadas e oportunas.

Por que algumas flores ou hortaliças estão viçosas e bonitas e outras feias e mirradas ?

Procurar-se-á valorizar todo e qualquer auxílio prestado pela criança, levando-a a estimar a significação do mesmo no trabalho do grupo.

Durante as observações e experiências que realizar para resolver problemas que se apresentem, e, no decorrer de tratos culturais dispensados a pequenas plantações, apreciará a planta como ser vivo, as partes que as constituem e suas condições de vida: necessidade de água, ar, luz e solo apropriado.

Através de narrações e descrições levar-se-á o aluno a interessar-se pelos animais em geral e a valorizá-los como auxiliares úteis e necessários ao homem.

Observando, de modo especial, a galinha ou outro animal comum, cujos cuidados sejam acessíveis às crianças desta classe, o aluno estabelecerá comparações, conhecerá seus característicos externos, sua utilidade, proporcionando-se as práticas necessárias à criação do animal observado.

Todos êsses conhecimentos resultarão de atividades que interessem os alunos e que lhes sejam acessíveis; serão adquiridas de modo prático e objetivo e não ministradas, apenas, sob forma teórica.

SEGUNDA SÉRIE

I — Objetivos específicos:

a) proporcionar a aquisição de conhecimentos, a formação de hábitos e a prática de tratos culturais relacionados com as aves e as plantas cultivadas pela classe;

b) levar a compreender a relação entre o ser vivo e o ambiente através da apreciação da influência de fatores extrínsecos, como o calor e a umidade, etc., na vida dos animais e das plantas.

II — Atividades indicadas:

Preparação prévia da terra: capina, limpeza, rotura de torrões, fertilização.

Traçado de canteiros.

Preparo de sementeiras, alegretes e canteiros para o cultivo de flores e hortaliças.

Observação de sementes. Experiências para demonstração prática das condições necessárias à germinação. Cultivo de flores e das principais hortaliças.

Semeadura de plantas comuns na região. Semeadura a lanço, em linhas, em covas, etc. — prática dos diferentes tipos e conhecimento de algumas espécies vegetais a que se aplicam.

Prática de transplante de flores e hortaliças mais comuns cultivadas na localidade. Hortaliças de semeadura definitiva e de transplante.

Irrigação da horta. Formas e horas aconselhadas.

Colheita e aproveitamento de produtos da horta.

Colheita de plantas e sementes. Corte e conservação de flores. Execução de ramos.

Reconhecimento de árvores florestais, frutíferas e ornamentais comuns na região, sua utilidade, seu valor econômico, etc.

Enumeração e descrição superficial, feitas oralmente, das espécies conhecidas.

Processos práticos de combate às pragas mais comuns e aos inimigos do jardim e da horta.

Emprêgo correto de instrumentos e utensílios adequados aos diversos trabalhos: pá, enxada, ancinho, regador, mangueira, transplantador, etc.

Cultivo de amoreira. Criação do bicho-da-sêda.

Criação de galinhas. Cuidados especiais. Alimentação racional. Abrigos.

III — Instruções para o desenvolvimento das atividades:

Nesta série se ampliarão os conhecimentos adquiridos na 1.^a. Os alunos poderão fazer descrições mais detalhadas das diversas plantas e animais sob seus cuidados. Procurar-se-á desenvolver sua capacidade de observação e raciocínio e exigir-se melhor qualidade e maior disciplina nos trabalhos práticos. As comparações e associações devem ser ricas e significativas quanto ao fim visado.

Despertado na classe o interêsse pela jardinagem, seja pelo desejo de embelezar a propriedade escolar, de ornamentar a sala de aula ou o lar num dia de aniversário ou de festa, ou ainda, por motivos econômicos: venda de flores ou sementes; apreciada a conveniência de possuir a escola uma horta para o aproveitamento alimentício das espécies hortícolas, surgirão, naturalmente, os problemas relativos à execução.

Onde localizar o jardim e a horta? Como será o traçado? Como demarcar o terreno? De que modo se prepara o solo? Que espécie vamos cultivar? Que fazer para conseguir as sementes e as mudas? Como realizar o plantio e cuidar das mudas?

As atividades que se tornarem necessárias à solução de cada um desses problemas, levarão a adquirir certos conhecimentos práticos constantes das exigências programáticas, em forma globalizada e em situação real.

Sob a orientação do professor e com o concurso de todos os alunos será organizado o planejamento das atividades. Êste deve ser claro, suscito, de acôrdo com o nível da classe, recorrendo-se à ilustração sempre que necessário ou quando, em virtude do baixo nível de desenvolvimento lingüístico, as crianças tiverem grande dificuldade em exprimir suas idéias. As ilustrações feitas com êsse objetivo, entretanto, devem ser empregadas em caráter excepcional, por isso que não deve o educador perder estas oportunidades, criadas pelo interêsse, e por essa razão tão propícias ao desenvolvimento da linguagem oral e escrita dos escolares.

A prática do planejamento oral ou escrito deve ser iniciada desde o 2.º ano, porque leva os alunos a executar, consciente e intencionalmente, as várias atividades.

O professor procurará orientá-los através de noções e indicações elementares, sôbre os terrenos mais adequados à localização do jardim e da horta. Escolhidos os terrenos, poderão as crianças observar jardins e hortas da localidade e gravuras sôbre êsses motivos, para traçarem as respectivas plantas e demarcarem o terreno. Oferecem-se aí, oportunidades de aplicação do desenho, da matemática e, principalmente, da geometria. Localizando a planta do jardim e da horta na planta da escola e por último esta na da localidade, desenvolver-se-á parte do programa de geografia, entrosando-se, dêsse modo, sem associações forçadas, as matérias. São êsses alguns dos numerosos laços que se podem estabelecer entre as disciplinas.

Atendendo a que muitas práticas empregadas no jardim têm também sua aplicação na horta, o professor deverá, para economizar tempo e es-

fôrço, confiar atividades idênticas a alunos diversos, dividindo a turma em grupos e, assim, pondo em prática a técnica do "trabalho em grupo".

A maneira correta de empregar os instrumentos e utensílios usados no jardim e na horta será ensinada de modo concreto à medida que as diferentes tarefas reclamem seu emprêgo. Idêntico critério deve ser adotado com relação aos métodos e processos de cultivo das plantas.

A escôlha das espécies a cultivar ensejará a observação das plantas (porte, colorido, época de inflorescência, estação do ano em que se cultivam, influência da fôrça e direção do vento, etc.) e a apreciação de sua beleza e utilidade.

Ressaltados por descrições interessantes, êsses aspectos, apresentam-se ocasiões propícias ao desenvolvimento da linguagem (através de leituras informativas, composições realizadas, etc.) de senso estético e de grande parte do programa de Estudos Naturais.

As providências necessárias à obtenção das mudas e sementes levarão à prática da iniciativa e à colaboração dos pais dos alunos no trabalho da escola.

A germinação das sementes e o desenvolvimento das plantas, assim como a influência de fatores extrínsecos como o calor e a umidade, devem ser estudados através de experiências simples como por exemplo:

- a) colocar algumas sementes na terra e outras em areia ou algodão úmidos ou em qualquer recipiente, contendo um pouco d'água.
- b) notar as principais fases da germinação (o aparecimento do caule, das fôlhas e raiz).
- c) comparar depois de certo tempo o desenvolvimento das plantinhas colocadas na terra com as que germinaram somente no meio úmido.

As flores, de modo geral, e algumas hortaliças exigem sementeiras prévias, em viveiros. Surgirá, neste momento, a necessidade de prepará-los, adquirindo os alunos prática em medir as tábuas, serrar, pregar, pintar, pesar a terra, fertilizá-la, etc.

Na ocasião de fazerem as sementeiras, completar-se-á o estudo da germinação das plantas e dos cuidados indispensáveis às mesmas.

A criação de galinhas, gansos, patos, marrecos e perus solicitará a colaboração dos alunos das séries subseqüentes quanto à construção de galinheiros, pequeno tanque ou açude, segundo as condições locais. No decorrer dessas atividades adquirirão os alunos, de modo ocasional, conhecimentos relativos à instalação e construção de galinheiros, higiene e desinfecção, às diferentes classes de aves que se criam na escola e nas granjas próximas, à utilidade das aves de curral, raças e variedades mais difundidas, poedeiras e para corte, à alimentação racional, cuidados especiais, etc.

Do reconhecimento das principais árvores florestais, frutíferas e ornamentais da localidade, dirigir-se-á o interesse do aluno no sentido do cultivo de amoreiras para realizar a criação do bicho-da-sêda.

Identificada a planta, escolhida a espécie a cultivar, adquirirão os alunos noções sobre a preparação do solo e os tratos culturais exigidos.

A necessidade da obtenção dos óvulos do bicho-da-sêda, para iniciar a criação, poderá determinar a correspondência com estações sericícolas.

Organizadas pelos alunos da 2.^a série algumas sentenças referentes ao assunto, a carta poderá ser redigida com a colaboração dos que freqüentam as séries mais adiantadas.

Problemas reais e atualizados, em tórno do cálculo aproximado do número de pés de amoreiras necessários para obter um quilo de fôlhas, dois, três, etc., da quantidade de quilos para alimentar determinado número de sirgos, da quantidade de óvulos a pedir e tantos outros serão solucionados.

Na organização da sirgaria apresentam-se ocasiões propícias ao desenvolvimento de habilidades manuais (preparação de castelos, bosques e cestos para transporte dos casulos, aplicação dos motivos em bordados, desenho ou recortes).

No reconhecimento das condições relativas à organização da sirgaria, na prática dos cuidados com os óvulos e as larvas, numerosas oportunidades se oferecem de associar o estudo aos programas de Ciências Naturais, Matemática e Linguagem.

TERCEIRA SÉRIE

I — Objetivos específicos:

- a) despertar, nas crianças, maior interesse pela agricultura praticada na localidade, através do cultivo, na escola, de plantas regionais;

- b) ampliar e sistematizar os conhecimentos da classe, em relação ao cultivo de plantas ornamentais e alimentícias;
- c) levar a criança a colaborar na solução do problema da sua alimentação.

II — Atividades indicadas:

Prática de sementeiras, transplantes e cultivo de plantas regionais, segundo as espécies e estações do ano (flores e hortaliças). Método de propagação. Emprêgo do calendário agrícola. Tratamento de plantas doentes — processos práticos e econômicos. Elementos de enxertia prática (época e finalidade; tipos de enxertos, segundo as espécies; vantagens).

Colheita, conservação, seleção de sementes, bulbos, tubérculos e estacas, para propagação futura. Prática de determinação do poder germinativo das sementes. Preparação do solo, sementeiras e cultivo de alguns cereais (trigo, milho, aveia, cevada, etc.), de plantas forrageiras, oleaginosas e têxteis, de acôrdo com o clima e o solo da região. Sistemas de sementeiras aconselhados, cuidados gerais referentes ao cultivo, colheita da produção, seu aproveitamento, acondicionamento e conservação.

Emprêgo de adubos. Preparo de adubos naturais. Maneira de aplicar as diferentes espécies de adubos.

Planejamento e organização de uma pequena horta no lar. A rotação dos cultivos: conveniência de efetuá-la. Preparação do solo destinado à plantação de árvores e viveiros. Importância das árvores.

Construção de viveiros: cercados, abrigos, sementeiras e transplantes de árvores em viveiros e plantações definitivas.

Sementeira e cultivo de algumas plantas ornamentais e florestais, mais comuns e úteis à localidade.

Poda, prática de enxertia, segundo as épocas; cuidado das árvores da escola, em geral; tratamento e cura de enfermidades.

Plantação de árvores nas ruas e na frente da escola (Dia da Árvore).

Criação de aves. Construção de galinheiros, casinhas e currais para aves; ninhos, poleiros, bebedouros higiênicos, comedouros, etc.

Incubação natural e artificial. Incubadoras. Aplicação de métodos preventivos contra enfermidades das aves de curral e cuidados gerais do galinheiro. Cura de aves enfêrmas.

III — Instruções para o desenvolvimento das atividades:

Nesta série se aplicarão os conhecimentos adquiridos na anterior e se introduzirão novas práticas e culturas, desenvolvendo-se as indicadas para a 2.ª série. Imprimir-se-á ao estudo maior profundidade e maiores detalhes, levando-se o aluno a compreender os fundamentos racionais das práticas empregadas.

Motivado o estudo, poder-se-á, por exemplo, interpretar o provérbio “Espera a estação para semear o grão”, e daí familiarizar a criança com o “Calendário de sementeiras”, levando-a ao conhecimento da estação do ano em que se deve realizar a sementeira e os transplantes das espécies hortícolas cultivadas na escola. Habituar-se-á, dessa forma, o aluno a ter em sua casa uma pequena horta, por isso que já será capaz de determinar-se por si mesmo, recorrendo, quando necessário, à orientação da escola.

O estudo do calendário agrícola ensejará muitas oportunidades interessantes; nome e reconhecimento de outras variedades hortícolas, grafia correta do vocábulo, descrições, composições, ilustrações, preços de mercado, estudo dos fenômenos naturais característicos das estações do ano, das relações entre as plantas e as condições de clima, temperatura, natureza do solo e condições topográficas, dos efeitos do calor e da umidade. Os processos racionais e higiênicos de aproveitamento alimentício das plantas começarão a ser empregados, como atividades previstas no programa de Economia Doméstica, ressaltando-se a necessidade de uma alimentação variada, adequada e higiênica.

QUARTA SÉRIE

I — Objetivos específicos:

- a) dar às crianças conhecimento das técnicas mais simples, relativas à fruticultura;
- b) levá-las a colaborar na solução do seu problema alimentar;
- c) fazê-las compreender o valor das reservas florestais existentes e o perigo da devastação das matas;
- d) preparar viveiros de essências florestais, para distribuição na localidade.

II — Atividades indicadas:

Prática de plantação de árvores aproveitando o “Dia da Árvore” para incentivar o trabalho. Regas e cuidados das mesmas, a cargo exclusivo dos alunos.

Observar a localidade do ponto de vista do seu patrimônio florestal. Organizar campanhas de propaganda, na localidade, para conservação das matas ou para reflorestamento, de acôrdo com as necessidades locais.

Pomar, árvores frutíferas, localização do pomar, determinação das espécies a cultivar; tratos culturais.

Noções práticas de apicultura.

Organização de uma cooperativa escolar.

Idéias concretas sôbre o que é uma cooperativa agrícola.

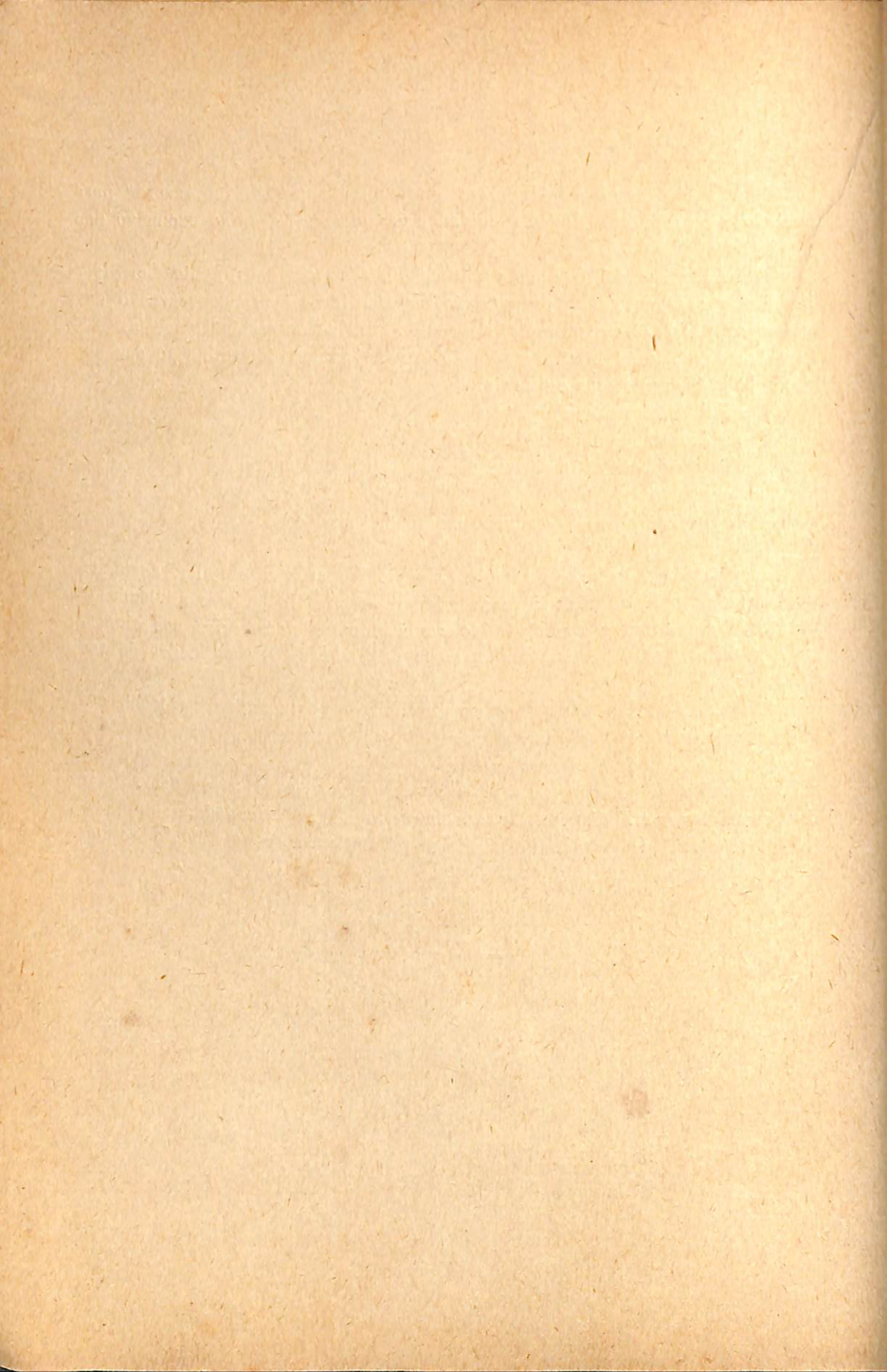
III — Instruções para o desenvolvimento das atividades:

Atendendo à orientação dada às séries anteriores, ampliar, nesta, os conhecimentos já adquiridos pelas crianças e introduzir novas atividades e hábitos, bem como a aquisição de conhecimentos necessários aos alunos, para a vida prática, considerando as características e necessidades da região.

Dessa maneira poderá ser organizado um pequeno bosque local, em colaboração com a Prefeitura, onde plantem algumas essências florestais, cujo cultivo seja interessante à região.

As crianças poderão encarregar-se do preparo de viveiros das referidas essências, para distribuição aos interessados na localidade.

Recomenda-se, ainda, nesta série, dar maior desenvolvimento às indústrias e artes rurais.



PROJETO DE REGULAMENTO

SECÇÃO DE PESQUISAS

Ida Silveira

REGULAMENTO PARA UMA INSTITUIÇÃO DESTINADA A MENORES DESAJUSTADOS

DA FINALIDADE

Art. 1.º — O estabelecimento destina-se ao recolhimento, observação, re-
educação e orientação profissional de menores abandonados e
delinquentes.

DA ORGANIZAÇÃO

Art. 2.º — O estabelecimento compõe-se das seguintes instituições:

- I — Internato;
- II — Escola Especial;
- III — Oficinas e terreno cultivável;
- IV — Gabinete médico;
- V — Gabinete de psicologia;
- VI — Gabinete dentário.

Art. 3.º — Fazem ainda parte do estabelecimento:

- I — Campo de jogos;
- II — Auditório;

- III — Biblioteca;
- IV — Museu profissional.

- Art. 4.º — A Escola Especial funcionará subordinada à Secretaria de Educação e Cultura e com pessoal docente designado por esta Secretaria, cabendo à entidade mantenedora a responsabilidade da manutenção de tôdas as outras instituições integrantes do estabelecimento, provendo-as de pessoal e materiais necessários.
- Art. 5.º — Como decorrência do tipo de instituição e da necessidade de unidade de propósitos no plano educativo, haverá um Conselho Técnico, constituído do Diretor do estabelecimento, da Diretora da Escola Especial, do psicólogo-chefe, dos médicos e dos assistentes sociais, o qual fará o estudo dos casos e traçará o plano para a reeducação de cada aluno em particular.

DO INTERNATO

- Art. 6.º — O Internato tem por finalidade substituir o lar que faltou ao menor ou lhe foi nocivo no processo de seu desenvolvimento, por isso deverá reunir as seguintes condições:
- I — ser acolhedor como um lar, onde todos se compreendem, estimam e respeitam;
 - II — ensinar a disciplina interior e o respeito à autoridade que é temperada com simpatia e apoio, e aos regulamentos e leis, como algo que defende o indivíduo e favorece a vida coletiva;
 - III — ser organizado de maneira que cada um tenha sua parte de responsabilidade na conservação da ordem, da limpeza, da boa aparência, do conforto de todos;
 - IV — ser rigorosamente sã na sua vida, nas suas exigências;
 - V — preocupar-se com o menino, individualmente e como membro da comunidade;
 - VI — proporcionar um ambiente agradável, educativo, em que sejam realmente exercitados valores positivos na formação do caráter;
 - VII — proporcionar recursos para recreações e sadia ocupação do tempo livre.

DA ESCOLA ESPECIAL

Art. 7.º — O plano de atividades da Escola Especial envolverá um programa mínimo de conhecimentos, adquiridos de forma objetiva e prática, técnicas de trabalho e, concomitantemente, a formação de hábitos e o desenvolvimento de habilidades.

§ único — O plano incluirá aulas, sessões de estudo, trabalhos de oficina, biblioteca, auditório e jogos e terá, em tôdas as formas de atividades, a assistência e a supervisão dos professôres, embora com a orientação especializada de técnicos na parte relativa à educação física, industrial e agrícola.

Art. 8.º — O programa de estudos e sua orientação metodológica regular-se-á pelo adotado nas escolas primárias do Estado, com as restrições e modificações que se tornarem necessárias, atento o tipo da escola na qual é aplicado.

DO GABINETE MÉDICO

Art. 9.º — O Gabinete Médico tem por finalidade:

- I — estudar, nos casos individuais, as causas orgânicas que determinam os desajustamentos sociais;
- II — prestar assistência médica aos enfermos;
- III — cooperar no serviço de orientação profissional.

DO GABINETE DE PSICOLOGIA

Art. 10.º — O Gabinete de Psicologia tem por finalidade o estudo da personalidade do aluno para o diagnóstico das causas dos desvios de comportamento, indicação de um plano de reeducação e orientação profissional.

DO GABINETE DENTÁRIO

Art. 11.º — O Gabinete Dentário tem por finalidade prestar assistência dentária aos menores recolhidos.

DAS OFICINAS

Art. 12.º — As Oficinas têm por objetivo preparar o adolescente para a vida profissional, de acôrdo com as suas aptidões e interêsses e com as exigências do mercado de trabalho.

Art. 13.º — O número e a classe de oficinas serão fixados, tomando-se em consideração:

- a) as necessidades do aluno ao sair do estabelecimento, o mercado de trabalho e a necessidade de atender as aptidões individuais;
- b) a conveniência de manter oficinas que supram o próprio estabelecimento.

Art. 14.º — O ensino profissional será desenvolvido segundo os programas das escolas profissionais do Estado.

DA AGRICULTURA E CRIAÇÃO

Art. 15.º — Os trabalhos de agricultura e criação deverão ligar-se aos conhecimentos adquiridos nas aulas teóricas e realizarem-se mediante processos científicos.

Art. 16.º — Para os trabalhos do campo e criação serão encaminhados os alunos que manifestarem desejo de se orientarem nessas atividades, assim como os que não tenham condições mentais, emocionais ou orgânicas para o trabalho de oficinas.

DO CAMPO DE JOGOS

Art. 17.º — O Campo de Jogos destina-se a habitar os alunos a ocuparem as horas de lazer em atividades saudáveis, exercitar atitudes esportivas, desenvolver qualidades físicas.

Art. 18.º — Cabe ao professor de educação física dirigir o Campo de Jogos, fazendo das atividades esportivas dos alunos uma fonte de saúde física e mental.

DO AUDITÓRIO

Art. 19.º — O Auditório tem por finalidade oferecer aos alunos, regularmente, oportunidades educativas, sociais, culturais, práticas ou recreativas, tais como:

- I — palestras rápidas sobre assunto de real interesse para o aluno;
- II — sessões de cinema com filmes selecionados;
- III — números de música;
- IV — representações teatrais;
- V — sessões de leitura;
- VI — apresentação de trabalhos interessantes de alunos.

DA BIBLIOTECA

Art. 20.º — A Biblioteca, especialmente destinada à formação do hábito da leitura como ocupação das horas de lazer e a oferecer material de estudo e fontes de informação aos alunos, constará das seguintes secções:

- I — literatura recreativa;
- II — literatura informativa de conhecimentos gerais;
- III — literatura informativa de atividades práticas e profissionais.

Art. 21.º — A Biblioteca ficará a cargo dos alunos sob a orientação de uma professora do Grupo Escolar.

Art. 22.º — A Biblioteca terá seu regulamento elaborado pelos alunos no sentido de ajustar-se o regulamento das escolas primárias às condições particulares da Instituição.

DO MUSEU PROFISSIONAL

Art. 23.º — O Museu Profissional destina-se a oferecer aos alunos perspectivas ocupacionais, facilitando a escolha consciente da profissão, bem como a salientar o valor de todos os tipos de trabalho e a dignidade profissional na cooperação social.

Art. 24.º — O Museu Profissional terá as seguintes secções:

- I — profissões acessíveis aos vários níveis de preparo escolar;
- I — condições de trabalho e qualidades pessoais exigidas para cada profissão;
- III — mercado de trabalho;
- IV — possibilidades de progresso em cada profissão;
- V — transformações da matéria prima;
- VI — histórico das invenções mais úteis à vida comum;
- VII — amostras de trabalhos de alunos;
- VIII — instrumentos de trabalho em cada profissão.

Art. 25.º — Através de coleções, gravuras e gráficos, procurar-se-á dar às várias secções do Museu a maior objetividade possível.

Art. 26.º — O Museu Profissional será dirigido por um dos assistentes sociais, com a cooperação dos alunos.

DA ORIENTAÇÃO DOS TRABALHOS EDUCATIVOS

Art. 27.º — Todas as atividades da Instituição orientar-se-ão no sentido de criar motivações capazes de levar o aluno a incorporar à sua personalidade uma nova escala de valores, eficazes em relação ao seu ajustamento social, bem como de proporcionar-lhe recursos que confirmem segurança para uma efetiva integração na coletividade.

Art. 28.º — Quer nas aulas do Grupo Escolar, nas oficinas e aulas teóricas profissionais, quer na vida interna do estabelecimento, nos jogos e recreações, dever-se-ão proporcionar experiências sociais e cívicas de elevado padrão moral, induzindo os alunos a viverem, efetivamente, situações significativas na formação da personalidade sadia.

Art. 29.º — Na organização das classes e dos grupos de trabalho, bem como na distribuição dos alunos pelas oficinas e atividades internas da instituição, observar-se-ão as características individuais — condições físicas, nível mental, afetividade, aptidões especiais.

Art. 30.º — Os processos de trabalho utilizados visarão despertar no aluno a confiança em si mesmo pelas oportunidades de afirmação da personalidade em plano socialmente aceitável, levando-o a estabelecer relações favoráveis com a comunidade em que vive.

Art. 31.º — Evitar-se-á associar o trabalho à idéia de castigo, antes será associado ao espírito de serviço social, de retribuição digna de vantagens alcançadas, de valorização e utilidade para o indivíduo e para a coletividade, de dever de cada um de cooperar para o bem comum.

Art. 32.º — O programa de vida e de atividades na Instituição caracterizar-se-á pela aplicação dos princípios de higiene física e mental e pela utilização do trabalho e dos jogos e recreações como psicoterapia.

DA ADMINISTRAÇÃO E DO PESSOAL

Art. 33.º — A administração caberá a um diretor nomeado em comissão e escolhido dentre pessoas experientes no assunto — educadores, médicos, psicólogos, o qual será auxiliado por um Conselho Técnico.

Art. 34.º — Compete ao Diretor:

- I — dirigir os serviços do estabelecimento, fazendo cumprir êste Regulamento;
- II — representar a Instituição perante as autoridades;
- III — manter um ambiente de disciplina, respeito mútuo, compreensão e cooperação;
- IV — convocar e presidir as reuniões do Conselho Técnico;
- V — responsabilizar-se pelas providências necessárias à efetivação do tratamento do menor recolhido, conforme a prescrição do Conselho Técnico;
- VI — promover reuniões de orientação do pessoal de serviço;
- VII — tomar as providências necessárias em relação ao pessoal e material para assegurar à Instituição condições de eficiência;

- VIII — fiscalizar a execução dos planos de reeducação prescritos para cada caso;
- IX — organizar horários;
- X — fazer a distribuição do pessoal pelos vários serviços;
- XI — dar posse aos funcionários que lhe são diretamente subordinados;
- XII — verificar a assiduidade do pessoal técnico, administrativo e de serviço sob sua direção, consignando-lhe as faltas nos termos da lei;
- XIII — assinar as folhas de pagamento do pessoal, a correspondência e o expediente da Instituição;
- XIV — solicitar à Associação mantenedora as medidas e recursos necessários à boa marcha das atividades da Instituição;
- XV — providenciar sobre a imediata substituição de qualquer funcionário em suas faltas e impedimentos;
- XVI — expedir guias de transferência dos menores para outras instituições;
- XVII — fazer arrecadar a receita, ordenar e fiscalizar as despesas de pronto pagamento e apresentar anualmente um balancete;
- XVIII — propor, depois de aprovadas pelo Conselho Técnico, as medidas que dependerem de estudo e parecer dêste;
- XIX — aplicar as penalidades que forem de sua competência;
- XX — manter no estabelecimento um fichário completo e continuado dos internos, bem como todos os registos necessários ao controle e histórico do funcionamento da Instituição;
- XXI — apresentar à autoridade superior, até 31 de janeiro de cada ano, o relatório das atividades no ano anterior;
- XXII — exercer as demais atribuições que lhe competirem por lei ou regulamento.

DO CONSELHO TÉCNICO

Art. 35.º — O Conselho Técnico constituir-se-á:

- I — do diretor da Instituição;
- II — da diretora do Grupo Escolar;
- III — do psicólogo-chefe;
- IV — dos médicos;
- V — dos assistentes sociais.

Art. 36.º — Compete ao Conselho Técnico:

- I — discutir em seminário os casos individuais, com apoio no material colhido diretamente nos diversos exames a se submeterem os menores, enriquecido das informações escritas prestadas por todos os funcionários que entraram em contacto com o menino, especialmente os encarregados da observação das atividades livres, professores, mestres de oficinas, etc.;
- II — estabelecer o diagnóstico e prescrever o tratamento individual necessário;
- III — propor as medidas necessárias à execução dos planos de re-educação;
- IV — propor a substituição de funcionários que prejudiquem o tratamento dos meninos;
- V — examinar as possibilidades profissionais de cada aluno para o oportuno aconselhamento;
- VI — organizar e realizar cursos de orientação para o pessoal do estabelecimento incumbido do serviço de assistência aos menores;
- VII — estudar todos os casos relativos aos alunos do estabelecimento trazidos ao Conselho por um de seus membros.

Art. 37.º — Reunir-se-á o Conselho Técnico, ordinariamente, uma vez por semana, e, extraordinariamente, sempre que for convocado pelo Diretor ou por um terço de seus membros.

Art. 38.º — As sessões do Conselho Técnico serão presididas pelo Diretor do estabelecimento e secretariadas pelo assistente social encarregado do fichário dos alunos.

DO PESSOAL DA INSTITUIÇÃO

Art. 39.º — O pessoal do estabelecimento será constituído de:

- A — na Escola Especial,
 - I — diretora
 - II — tantas professoras de letras quantas forem as classes organizadas segundo critério científico

- III — um professor de música
- IV — um professor de educação física
- V — um professor de desenho e artes aplicadas

B — nas oficinas:

- I — um mestre para cada oficina e classe teórica
- II — um professor de desenho industrial

C — no internato:

- I — quatro assistentes sociais
- II — um auxiliar de assistente para cada grupo de 25 alunos
- III — um chefe de serviço para cada uma das seguintes secções: cozinha, lavanderia, horta e pomar, barbearia, padaria, oficina de costuras e concertos

D — no gabinete de psicologia:

- I — um psicólogo-chefe
- II — três auxiliares

E — no gabinete médico:

- I — um clínico geral
- II — um psiquiatra
- III — um enfermeiro

F — no gabinete dentário:
dois dentistas

G — na portaria:

- I — um porteiro
- II — um servente para os serviços externos

H — na secção administrativa:

- I — um secretário
- II — um contabilista
- III — um datilógrafo

Art. 40.º — Na escolha do pessoal do estabelecimento observar-se-á, além das exigências comuns, o seguinte critério:

- a) formação profissional em relação aos itens de A a F;
- b) comprovada idoneidade moral revelada no estilo de vida;
- c) suficiente contróle emocional.

DOS PROFESSÔRES

Art. 41.º — A Escola Especial será dirigida por uma diretora designada pela Secretaria de Educação e Cultura, a quem competem as funções atribuídas no Regimento das Escolas Primárias do Estado e mais as seguintes:

- I — participar, como membro do Conselho Técnico, de suas reuniões e decisões;
- II — orientar o trabalho de suas professoras no sentido dos problemas específicos do estabelecimento, de forma que as atividades escolares se integrem de maneira efetiva no plano geral de reeducação dos menores recolhidos.

Art. 42.º — Aos professores da Escola Especial cabem as atribuições indicadas no Regimento citado e mais:

- I — fazer tôdas as observações que lhe forem solicitadas pelo Conselho Técnico;
- II — colaborar no plano de reeducação pela observância das instruções recebidas por intermédio da Diretora do Grupo;
- III — manter um registo funcional diário dos alunos.

DOS MESTRES

Art. 43.º — Aos mestres de oficina compete:

- I — usar processos de ensino que não se afastem do conceito atual de aprendizagem e educação;
- II — organizar um fichário de seus alunos em que sejam registrados todos os dados necessários ao ajustamento dos processos

- educativos aos casos individuais, assim como as modificações verificadas;
- III — responsabilizar-se pelo rendimento de suas turmas de aprendizes;
 - IV — registar a frequência dos alunos e a classificação diária do trabalho individual;
 - V — responsabilizar-se pela conservação do material a seu cargo;
 - VI — prestar tôdas as informações relativas ao seu trabalho que lhe forem solicitadas pelas autoridades competentes;
 - VII — conservar em ordem os registos dos alunos;
 - VIII — colaborar com os demais funcionários do estabelecimento nos planos individuais de reeducação;
 - IX — inculcar nos alunos, pelo exemplo, o respeito às autoridades, superiores hierárquicos, leis e regulamentos; formar hábitos de cooperação, urbanidade e lealdade para com os colegas;
 - X — fazer as observações que lhe forem solicitadas pelo Conselho Técnico;
 - XI — cooperar para formar a consciência profissional do aprendiz.

DOS ASSISTENTES SOCIAIS E SEUS AUXILIARES

Art. 44.º — Compete aos assistentes sociais:

- I — realizar a investigação social relativa a cada menor para o preenchimento da respectiva ficha;
- II — acompanhar a vida diária dos alunos e zelar para que tenham todos os recursos e oportunidades, conforme as prescrições do Conselho Técnico;
- III — acompanhar a vida do interno que trabalha ou estuda fora do estabelecimento;
- IV — manter registos atualizados sobre o mercado de trabalho;
- V — reunir todos os elementos para as fichas gerais dos menores;
- VI — acompanhar os alunos em passeios ou excursões;
- VII — responder, junto do Diretor, pela boa ordem e regularidade dos serviços internos do estabelecimento.

Art. 45.º — A critério da direção, os assistentes serão distribuídos pelos seguintes serviços:

- I — internato, incluindo todos os serviços ligados ao mesmo: dormitórios, copa e cozinha, lavanderia, padaria, horta, pomar e criação;
 - II — observação e controle dos alunos nas aulas e oficinas, jogos e recreações livres, passeios e excursões;
 - III — fichário, mercado de trabalho e Museu Profissional;
 - IV — investigações sociais e controle dos internos em serviço ou estudo fora do estabelecimento.
- § único — O assistente responsável pelo Internato deve residir no Abrigo, assim como todos os auxiliares.

Art. 46.º — Compete ao auxiliar dos assistentes:

- I — exercer controle direto sobre os alunos que lhe forem confiados;
- II — participar da vida dos alunos no refeitório, dormitório, recreações, etc.;
- III — servir de guia e conselheiro nas dificuldades pessoais dos alunos a seu cargo;
- IV — encaminhar os meninos aos serviços indicados nas fichas individuais;
- V — responder pelo cumprimento dos propósitos da Instituição, em relação aos alunos do seu grupo;
- VI — impor-se aos internos pelas suas qualidades de caráter e pela atitude compreensiva e simpática;
- VII — levar ao conhecimento imediato do assistente de que é auxiliar todos os fatos graves ou para cuja solução não possua recursos, verificados entre os alunos.

DOS MÉDICOS

Art. 47.º — Compete aos médicos da Instituição:

- I — fazer os exames médicos e psiquiátricos completos de todos os alunos que ingressam no estabelecimento e preencher as fichas sanitárias individuais;

- II — prescrever os tratamentos médicos necessários, inclusive regime alimentar e os tipos de trabalho e recreação convenientes;
- III — reexaminar os alunos regularmente de seis em seis meses;
- IV — atender os alunos que necessitarem de assistência médica constante;
- V — cooperar no serviço de orientação profissional, apontando as contra-indicações orgânicas em relação aos tipos de trabalho;
- VI — cooperar com o gabinete de psicologia na educação sexual dos alunos;
- VII — cooperar na formação da consciência sanitária entre os alunos;
- VIII — colaborar no estudo dos casos;
- IX — cooperar na realização de cursos para o pessoal do estabelecimento.

DOS PSICÓLOGOS

Art. 48.º — Compete ao psicólogo-chefe:

- I — fazer os exames psicológicos de todos os menores que ingresam na Instituição e preencher as fichas psicológicas;
- II — recolher tôdas as observações das várias fontes sôbre cada caso individual, interpretá-las e fazer o diagnóstico;
- III — traçar as diretrizes gerais do plano de reeducação de cada um dos alunos;
- IV — atuar diretamente no tratamento psicológico dos menores desajustados;
- V — fazer o estudo da personalidade do aluno para efeito de orientação profissional;
- VI — aconselhar o aluno na escolha da profissão;
- VII — cooperar na educação dos menores internados;
- VIII — empenhar-se pela divulgação e observância de normas de higiene mental dentro do estabelecimento;
- IX — cooperar na realização de cursos para o pessoal da Instituição.

Art. 49.º — Compete aos auxiliares do gabinete de psicologia executar as tarefas de que forem incumbidos pelo psicólogo-chefe.

DOS DENTISTAS

Art. 50.º — Compete aos dentistas:

- I — fazer o exame dentário inicial para o preenchimento da ficha sanitária do aluno;
- II — executar todos os tratamentos dentários que se fizerem necessários;
- III — concorrer para formar uma consciência sanitária entre os alunos;
- IV — reexaminar os alunos regularmente de seis em seis meses.

DO PESSOAL DE SERVIÇO

Art. 51.º — Os serviços de cozinha, horta e pomar, lavandaria, etc., terão respectivamente um profissional que dirigirá o trabalho dos meninos.

Art. 52.º — Cabe ao funcionário encarregado dos serviços internos do Abrigo:

- I — ensinar a trabalhar com ordem e eficiência;
- II — manter uma atitude de respeito mútuo e cooperação;
- III — distribuir as tarefas equitativamente;
- IV — valorizar a parte que cabe a cada um no bem-estar geral;
- V — responder pela execução satisfatória do serviço a seu cargo e pela conservação do material utilizado.

DOS ALUNOS

DO INGRESSO E PERMANÊNCIA DO MENINO NO ESTABELECIMENTO

Art. 53.º — O recolhimento do menor se fará por determinação da autoridade competente.

Art. 54.º — O menino será recebido, não como um prisioneiro a quem se pune, mas como um novo membro de um lar que deverá ampará-lo em seu abandono e reeducá-lo.

- Art. 55.º — Todo aluno novo deve passar inicialmente pela Secção de Higiene onde fará higiene completa — corpo, cabeça, unhas e dentes e lhe será fornecido o necessário para se conservar asseado, roupa limpa, escova de dentes, pente, sabão e dentifício.
- Art. 56.º — O aluno novo, se alfabetizado, receberá uma cópia da parte do regulamento que lhe cabe cumprir; se analfabeto, será instruído em relação aos seus deveres pelo funcionário encarregado de introduzi-lo na vida normal do estabelecimento.
- Art. 57.º — Nos três primeiros dias de permanência do menor, o menino ficará isolado dos demais alunos e serão destinados esses dias à observação de suas reações nos contactos com os funcionários exclusivamente, à realização de exames médicos, psicológicos, dentários e de escolaridade, dando-se início ao preenchimento da ficha individual.
- Art. 58.º — Terminado o período inicial, o aluno passará a participar da vida coletiva, sempre submetido, nesta nova situação, a uma observação discreta.
- § único — Todos os funcionários devem trazer consigo uma caderneta especial onde registem as observações feitas, sem que os meninos percebam, para fins de informação ao Gabinete de Psicologia.
- Art. 59.º — Recolhidas pelo Gabinete de Psicologia as informações escritas, prestadas por todos os funcionários que entraram em contacto com o menor, especialmente os auxiliares de assistentes, professores e mestres de oficinas, o Conselho Técnico discutirá o caso, com fundamento no diagnóstico e tratamento estabelecido e proposto pelo psicólogo.
- Art. 60.º — Cada funcionário responsável pelo tratamento receberá instruções escritas para a execução da parte que lhe cabe no mesmo.

Art. 61.º — O Diretor é responsável, perante o Conselho Técnico, pelo fiel cumprimento de tôdas as medidas educativas determinadas.

Art. 62.º — Depois de estudado o caso individual, o aluno passará a colaborar nas atividades do estabelecimento que não lhe forem contra-indicadas em face de suas condições físicas, intelectuais e emocionais.

Art. 63.º — Na distribuição das atividades para cada grupo de alunos, impõe-se a necessidade de que nenhum menor seja privado das atividades diárias normais: aulas, serviços internos, oficinas, horas de estudo e recreação; nem tenha alteradas suas horas de refeição ou repouso.

Art. 64.º — Logo que o menor esteja quase alcançando o têrmo do regime de custódia e apresente boas condições de adaptação social, o Conselho Técnico, por intermédio do Diretor, poderá propor à autoridade competente, sua colocação, em atividade profissional, fora do estabelecimento, continuando, porém, a residir no mesmo até sua completa emancipação e integração eficiente na coletividade.

Art. 65.º — Os alunos que não têm capacidade mental nem competência social que lhes permitam dirigir-se satisfatoriamente na vida livre, serão encaminhados, ao alcançar a maioridade, a uma instituição a ser criada, onde permaneçam em regime de tutela ou vigilância.

DOS DEVERES

Art. 66.º — São deveres dos alunos:

- I — tratar com delicadeza e respeito tôdas as autoridades, o diretor, professores, mestres, assistentes, auxiliares e todos os funcionários do estabelecimento;
- II — tratar os colegas com amizade, evitando brinquedos prejudiciais, brigas e delações inconvenientes;
- III — apresentar-se habitualmente asseado;

- IV — ter comportamento digno no estabelecimento e fora dêle;
- V — esforçar-se por melhorar seus hábitos;
- VI — observar os horários estabelecidos;
- VII — cumprir as determinações e os regulamentos;
- VIII — conservar em ordem e asseio os objetos de seu uso pessoal;
- IX — respeitar a propriedade alheia;
- X — não danificar o prédio do estabelecimento nem suas instalações;
- XI — cooperar nos serviços internos do estabelecimento;
- XII — concorrer para a conservação da ordem, da limpeza, do conforto e da boa aparência do estabelecimento;
- XIII — concorrer para a cordialidade nas relações dos alunos;
- XIV — não se afastar dos limites do estabelecimento sem ordem ou licença superior.

DOS DIREITOS

Art. 67.º — São direitos do menino internado:

- I — receber uma reeducação espiritual e moral que fortaleça sua personalidade para enfrentar as dificuldades da vida;
- II — ser respeitado em sua personalidade, não tendo seus delitos divulgados nem sendo submetido a castigos corporais ou humilhantes;
- III — ser compreendido e tratado inteligentemente e com simpatia;
- IV — viver em ambiente sadio e isento de maus exemplos;
- V — receber alimentação, agasalho e cuidados físicos necessários;
- VI — receber apoio material e afetivo;
- VII — receber educação comum e ensino profissional de acôrdo com as suas capacidades individuais;
- VIII — ter um horário, distribuído de acôrdo com as suas necessidades de desenvolvimento, para o trabalho, repouso, alimentação e recreação;
- IX — ter oportunidades constantes para exercitar a auto-confiança;
- X — ter oportunidades de vida social e de exercício de cidadania;
- XI — receber orientação profissional que o habilite para uma vida útil na coletividade.

DOS PRÊMIOS E CASTIGOS

Art. 68.º — Deverá haver maior zêlo no evitarem-se as faltas do que em puní-las, considerando-se como melhor terapêutica para os que falham socialmente a normalização da vida no estabelecimento que mantém os alunos interessados nas ocupações regulares — aulas, oficinas, serviços internos, recreações, atividades livres construtivas, jogos esportivos, etc.

Art. 69.º — Jamais será dada uma recompensa ou impôsto um castigo que não tenha por finalidade contribuir para a reeducação do menor, por isso será necessário sempre conhecer, para recompensar ou punir, as limitações do menino, a situação em que o facto se verificou, seu esforço ou a sua responsabilidade no caso.

Art. 70.º — São recompensas aplicáveis:

- I — boas notas, atribuídas aos alunos, diàriamente, pelos professores, mestres e pessoal de serviço, como classificação de tarefas bem atendidas;
- II — vales semanais fornecidos aos alunos pelos auxiliares de assistentes, correspondentes às boas notas obtidas durante a semana, que servirão para obterem certas vantagens como:
 - a) aquisição de objetos de uso pessoal ou de gulodices existentes no estabelecimento, para êsse fim;
 - b) participação de passeios e excursões;
 - c) participação de colônias de férias.

Art. 71.º — São punições aplicáveis:

- I — advertência pela autoridade que constatar a falta;
- II — advertência pelo Diretor;
- III — notas más, atribuídas pelos professores, mestres, pessoal de serviço;
- IV — perda de funções de responsabilidade nos grupos de que fizer parte;
- V — pagamento, mediante vales, de prejuizos materiais causados;
- VI — perda parcial ou total dos vales já obtidos.

Art. 72.º — As punições e recompensas devem estar previstas e orientadas no plano de reeducação do aluno individual, proposto pelo Gabinete de Psicologia e aprovado pelo Conselho Técnico.

DAS FÉRIAS DA ESCOLA ESPECIAL

Art. 73.º — Os alunos deverão, individualmente ou em grupos, escolher um tipo de atividade que os ocupe, durante o período de férias escolares, no horário das aulas, tais como, estudo de uma matéria escolar, de datilografia, de contabilidade, de uma arte, trabalho agrícola, etc.

Art. 74.º — A Direção tomará tôdas as providências para que os interesses ocupacionais dos alunos sejam suficientemente atendidos.

DISPOSIÇÕES TRANSITÓRIAS

Art. 75.º — Os atuais funcionários que não estiverem tecnicamente habilitados para o exercício de suas funções, de acôrdo com êste Regulamento, terão o prazo de um ano para cumprir esta exigência, além da obrigação de freqüência em um curso de orientação a ser organizado e realizado pelo Conselho Técnico.

C U R S O S

CURSOS DE APERFEIÇOAMENTO PARA PROFESSÔRES DE NÍVEL NORMAL E PRIMÁRIO

Com o objetivo de proporcionar oportunidades para renovar processos didáticos e elevar o nível cultural de professores riograndenses tem o C. P. O. E. realizado cursos intensivos para o magistério primário, secundário e normal.

No último biênio foram promovidos os seguintes:

1 — *Curso de Didática para professores de Didática de Escolas Normais oficiais e reconhecidas.*

Iniciou-se o mesmo em 18-8-52, prolongando-se até 10-9-52 com assistência de 40 professores.

O curso, que foi ministrado pela professora Eloah Brodt Ribeiro, encontrou ativa colaboração de todos os professores inscritos obedecendo ao seguinte

TEMÁRIO

I

Direções de estudo no Curso de Formação de Professores Primários

A — Atitude do educador face à multiplicidade de opiniões pedagógicas e de contribuições técnicas à solução do problema educativo.

1. O falso antagonismo entre os conceitos de "novo" e "velho" na pedagogia contemporânea.
2. Flexibilidade de espírito em contraposição ao intelectualismo unilateral.

- a) Exclusividade e dogmatismo em matéria de educação.
- b) Formalismo metodológico e antimetodismo didático.
- c) Planejamento do trabalho docente e ensino ocasional.

3. Dispersão de atividades e suas conseqüências.

B — A ação educativa

1. Aspectos considerados:

- a) aspecto filosófico
- b) aspecto psicológico
- c) aspecto social
- d) aspecto cultural
- e) aspecto técnico

2. Influxos assistemáticos e educação sistemática.

3. Método educativo.

- a) Conceito. Importância.
- b) Princípios universais que presidem a ação educativa.

4. Estudo crítico de alguns sistemas educativos. Conclusões.

C — A medida da aprendizagem no Curso de Formação de Professores e na escola primária.

II

A atividade dos alunos na cadeira de Didática e Prática da Educação Primária

1. Atividades de informação
2. Atividades de preparação
3. Atividades de aplicação

III

Problemas

- A — Condições que a escola primária anexa à Escola Normal deve oferecer para maior eficiência da prática do ensino.
- B — Aspectos da formação básica do aluno que não favorecem a consecução dos objetivos visados no programa de Didática.
- C — Seleção e preparação do material didático mínimo imprescindível ao professor.

2 — *Curso de Psicologia para professores de Psicologia das Escolas Normais do Estado.*

O curso foi dirigido pela professora Ida Silveira. Inscreveram-se 33 professores que se dedicaram ao estudo do programa abaixo discriminado:

Matéria para estudo e discussão nas Reuniões de Estudo destinadas aos professores de Psicologia das Escolas Normais promovidas pelo C.P.O.E.

- I Conceituação da Psicologia
- II Direções da investigação psicológica e tendência atual da Psicologia
- III Programa de ensino da Cadeira: objetivos, conteúdo, métodos, bibliografia
- IV Outros problemas trazidos à consideração pelos professores participantes das reuniões.

Conferências a cargo de professores universitários:

- 1 — Posições modernas da Filosofia e sua influência nas correntes psicológicas
- 2 — Problemas sociais da atualidade e sua significação na formação da juventude

3 — Problemas biológicos relacionados com a Psicologia

4 — A Psicologia na arte

· Visitas a Laboratórios de Psicologia, estabelecimentos de ensino e instituições de assistência social.

3 — *Curso de Revisão para Professôres Contratados.*

Dirigiu o curso a professora Maria José Carvalhosa, desenvolvido de 3-1-52 a 4-2-52. Este curso teve por finalidade ampliar os conhecimentos de professores contratados pelo Estado para o magistério primário, nas seguintes disciplinas: Sociologia, Psicologia, Português e Matemática.

4 — *Curso Intensivo de Preparação de Professôres Primários Contratados.*

Iniciou-se o curso a 10-6-52 e foi encerrado a 26-7-52. Tomaram parte no mesmo 135 alunos que se aplicaram ao estudo de Português, Matemática, Fundamentos Psicológicos da Educação, Fundamentos Sociológicos da Educação, Didática Geral, Didática da Linguagem, da Matemática e de Estudos Sociais e Naturais, Administração Escolar, Música, Desenho e Artes Aplicadas.

As aulas foram ministradas por elementos técnicos do C.P.O.E. e a coordenação esteve a cargo das professoras Georgina Creidy e Clélia Lisboa.

5 — *Cursos Intensivos de Preparação e Aperfeiçoamento para Professôres Rurais Contratados.*

Realizaram-se nos meses de fevereiro e março de 1953 nas cidades de Viamão, Osório e Santa Cruz do Sul, sob a coordenação, respectivamente, das professoras Hilda de los Santos, Luiza Cocolichio e Ilse Norma Riegel. Estes cursos foram divididos em 4 períodos com programas especialmente elaborados pelo C.P.O.E.

6 — *Curso Intensivo de Aperfeiçoamento Pedagógico para Professôres Primários Contratados.*

Iniciado a 19-1-53, encerrou-se a 14-2-53.

Funcionou este Curso em três agrupamentos localizados em Pôrto Alegre, Santa Maria e Cruz Alta, sendo dirigidos pelas professoras Jandira C. Szechir, Carolina Curi e Maria da Glória Albuquerque.

7 — *Sessões de estudo.*

Sessões de estudo e preparação pedagógica, de 1.º a 10 de julho de 1953, destinadas aos professores de Cursos Secundários que prestaram exame de suficiência na Faculdade de Filosofia da Universidade do Rio Grande do Sul. As sessões de estudo versaram sobre Didática Geral, Psicologia, Sociologia, Didática de Linguagem, Matemática, Latim, Francês, Inglês, Desenho, Ciências, História e Geografia. As atividades foram coordenadas pela professora Yandir Martins Santos.

Estágio de Professores de Ensino Primário e Normal

Foram instituídas no presente ano bolsas de estudo concedidas pelo INEP para estágio de professores de ensino normal e primário em Pôrto Alegre, com a supervisão técnica do C. P. O. E. e sob a responsabilidade de sua Diretora.

O estágio, com a duração de 4 meses, iniciou-se a 1.º de agosto prolongando-se até 30 de novembro de 1953.

O projeto geral do trabalho que constituiu o roteiro das atividades do estágio, foi elaborado pela Direção do C. P. O. E. e realizado com a colaboração de técnicos em educação do Órgão.

O estágio de professores de ensino normal consistiu no estudo e prática das atividades de escola normal, com especial atenção à cadeira de Psicologia, girando as respectivas atividades em torno dos resultados de uma análise do trabalho do professor primário e de sua formação. Serviram de campo de observação a esse trabalho o Instituto de Educação, as Faculdades de Filosofia desta Capital, assim como as demais escolas normais da Capital.

Quanto ao estágio dos professores de ensino primário, constou do estudo e prática das atividades da escola primária, compreendendo o programa desta, a análise dos fundamentos teórico e prático de sua organização, bem como elaboração e execução de planos de trabalho onde se incluem tô-

das as chamadas "matérias" de ensino, cujos aspectos especiais vêm sendo estudados, tanto sob o ponto de vista metodológico como psicológico.

Nesse setor colaboraram eficientemente com o C. P. O. E. os Grupos Escolares da Capital, que estiveram ao inteiro dispor do Órgão técnico, para servir de campo experimental ao trabalho dos estagiários.

Também o interior do Rio Grande do Sul, espontaneamente, colaborou com o Centro, proporcionando excursões a várias localidades onde foram feitas, pelos professores estagiários, visitas às escolas e instituições regionais de caráter cultural e social.

CURSO DE ORIENTAÇÃO PSICOPEDAGÓGICA

FINALIDADE

Promovido pelo C.P.O.E., o primeiro Curso de Orientação Psicopedagógica teve como objetivo orientar professores, assistentes sociais, mães e colaboradores de instituições, para, dentro das respectivas esferas de ação, atender convenientemente à criança excepcional.

INSCRIÇÃO E MATRÍCULA

A inscrição e matrícula dos candidatos atendeu a determinadas condições. Foram selecionados os que apresentaram condições pessoais mais favoráveis a um trabalho dessa natureza, mediante prova de entrevista, testes levando-se em consideração, na apreciação do candidato, no caso de ser professor, sua atuação escolar.

PLANO DE ESTUDOS

Compreendeu as seguintes disciplinas:

- I — Psicologia da personalidade
- II — Psicologia evolutiva
- III — Orientação Educacional
- IV — Elementos de Psiquiatria
- V — Organização de estabelecimentos especiais para menores
- VI — Metodologia Geral e Especial
- VII — Artes e ocupações
- VIII — Valor sociológico, psicológico e pedagógico do Teatro de Títeres

IX — Técnicas Ocupacionais para adolescentes desajustados

X — Desenvolvimento da Linguagem — distúrbios que podem ocorrer

Houve no Curso uma parte teórica, orientada pelos professores das diferentes matérias no sentido de dar a conhecer aos alunos do Curso critérios, métodos e técnicas de observação, interpretação e tratamento especial das crianças excepcionais, realizando-se a prática mediante o estudo de casos.

Ainda na parte prática o curso desenvolveu uma série de excursões e visitas a estabelecimentos de natureza especial, quer na Capital e arredores, quer no interior do Estado, em cidades próximas.

Consta, ainda, de seu programa prático:

Realização de palestras e conferências por pessoas autorizadas.

Estágio dos alunos em classes ou estabelecimentos especiais para observação de casos.

Apresentação de relatórios, fichas, etc.

Organização de material didático.

FUNCIONAMENTO

Este primeiro Curso funcionará em 2 períodos: o primeiro, já realizado, de junho a 10 de novembro, com interrupção das férias de inverno, atendeu 2 turmas: uma pela manhã e outra à tarde, facilitando, assim, a frequência dos candidatos, sem prejuízo de suas atividades profissionais, das quais não foram dispensados;

o segundo período, de três meses, será de março a junho de 1954, em caráter intensivo, horário integral, passando as duas turmas a constituírem um só grupo.

Convém ressaltar que alunos deste primeiro Curso compareceram ao Seminário sobre a Infância Excepcional, realizado em setembro passado pela Sociedade Pestalozzi de S. Paulo, participando do mesmo ativamente com a apresentação de trabalhos práticos realizados no Curso.

ESTÁGIO DOS ORIENTADORES DE EDUCAÇÃO PRIMÁRIA DO INTERIOR DO ESTADO — 1953

Dando cumprimento a uma de suas atribuições precípua, qual seja a de prestar assistência técnico pedagógica a professores, orientadores de ensino e diretores, tem este Centro proporcionado, em várias oportunidades, estágios no Órgão, a esses elementos para estudo dos problemas relativos ao ensino.

No corrente ano, de 24 de agosto a 4 de setembro, estagiaram neste Centro 35 orientadores de educação primária, de diversas regiões escolares do Estado.

Constou o referido estágio de visitas de observação a unidades escolares e de sessões de estudo orientadas pela diretora e por outros técnicos do Centro de Pesquisas.

Na reunião inicial os Srs. orientadores apresentaram diversos problemas que foram debatidos nas reuniões subseqüentes, dirigidas por técnicos especializados nos assuntos sobre os quais versavam.

Temas tratados:

I — EDUCAÇÃO PRÉ-PRIMÁRIA :

Diretrizes pedagógicas das atividades

1. Objetivos da educação pré-primária
2. Contribuição das atividades ao desenvolvimento do pré-escolar
3. Orientação pedagógica das atividades

II — ESTUDOS SOCIAIS :

1. Distribuição e comentário de bibliografias para professores de História e Geografia

2. O problema da aprendizagem. Tipos de questões que poderão ser usadas na fixação dos conhecimentos de estudos sociais.
3. Necessidade de promover a compreensão dos problemas brasileiros e a paz universal.

III — MATEMÁTICA :

1. Objetivos da matemática na escola primária
2. Normativa
 - a) Condições psico-sociais necessárias à compreensão e ao domínio dos aspectos a serem desenvolvidos.
 - b) Uso de situações vitais.
 - c) Adaptação das atividades aos interesses infantís.
 - d) Encaminhamento da criança à auto-descoberta.
 - e) Atenção à psicologia infantil.
 - f) Motivação.
 - g) Organização lógica no desenvolvimento dos processos.
 - h) Diferenças individuais.
3. Frações decimais e ordinárias (aspectos metodológicos)
4. Hierarquia das dificuldades inerentes às operações de inteiros e frações
5. Seriação de problemas
6. Como fazer a criança raciocinar
7. Como levar as crianças a ler os problemas
8. Como organizar os planos de aula

IV — LINGUAGEM :

Classes de 1.º ano

1. Período preparatório, vantagens, atividades e duração.
2. Métodos de leitura.
 - a) Método global — fundamentos e técnica de aplicação
3. Julgamento da composição

- a) Apreciação dos aspectos positivos do trabalho
 - b) Correção pròpriamente dita: erros gramaticais
4. Sugestões práticas para a correção das composições
 5. Correção de composições feitas por alunos de 4.º ano
 6. Deficiências verificadas em geral
 7. Aspectos tratados de modo especial:
 - a) Organização de idéias
 - b) Pontuação
 - c) Erros de ortografia
 8. Sugestões de atividades para atender às deficiências verificadas nas composições.
 9. Organização de uma coletânea de trechos para pontuar e para interpretar (2.º, 3.º, 4.º, 5.º anos).
 10. Organização de exercícios de gramática (2.º, 3.º, 4.º, 5.º anos).

V — MEDIDAS EDUCACIONAIS :

1. Técnica relativa à apuração dos resultados das provas objetivas
2. Estudo e aplicação da tabela para julgamento da composição
3. Apreciação dos resultados das provas:
 - a) avaliação do rendimento escolar. — Fases do trabalho. Elaboração do quadro-resumo do rendimento de cada Região;
 - b) fundamentos do parecer do professor em relação à promoção dos alunos;
 - c) breve explicação da técnica de organização das provas objetivas;
 - d) Critério adotado na distribuição do material de provas às diferentes unidades escolares;
 - e) arquivamento do material.

VI — INSTITUIÇÕES ESCOLARES :

1. Tendência gregária da pessoa humana. Agências que atuam sobre o educando. A família como agência fundamental na formação da

- personalidade. Formas de influência de algumas agências assistemáticas. Necessidade de socializar a escola. Articulação da escola com a família e a sociedade.
2. Novas atribuições da escola em face das contingências da vida moderna.
 3. As instituições escolares, os processos e as atividades socializadas. Fundamentos, valores, objetivos gerais e princípios básicos das instituições escolares.
 4. Diferentes tipos de instituições escolares, seus objetivos específicos.
 - a) Círculo de Pais e Professores — objetivos, organização, funcionamento.
 - b) Excursões escolares — objetivos, realização, valores.
 - c) Auditórios — objetivos, organização e seleção dos programas.
Participação dos alunos. Valores.
 - d) Campanhas — como organizar, material ilustrativo, requisitos.
 5. Atividades realizadas — Visitas a escolas. Crítica construtiva de auditórios assistidos. Comentário de instituições observadas.

CONCLUSÕES

1. Quanto ao relatório bi-mensal, no item relativo às consultas técnico-pedagógicas, deverão constar, embora de forma esquemática, o assunto da consulta e a solução dada pelo orientador, de modo a poder o C. P. O. E. conhecer as principais dificuldades dos professores e a forma por que foram as mesmas atenuadas ou vencidas.
2. Ficha de apreciação do trabalho do professor — desenvolver o item relativo à apreciação geral, pronunciando-se, entre outros aspectos quanto:
ao interesse dos alunos pela aprendizagem;
à formação e desenvolvimento de atitudes, hábitos, etc. ;
à execução do programa de ensino;
à pontualidade;

- à assiduidade;
 - ao planejamento de trabalho;
 - à seleção e organização de material didático;
 - ao interesse pelas instituições escolares;
 - à cooperação;
 - à iniciativa;
 - à adaptação ao meio, etc.;
3. Modificação legal ou providência no sentido de adotar critério uniforme na apreciação do trabalho docente do professor para efeito de efetividade e promoção a estágio superior.
 4. Estabelecimento da percentagem de promoção prevista para classes fortes, médias e fracas e comunicação às Delegacias Regionais de Ensino, para conhecimento dos professores.
 5. Atestados firmados pelo Diretor da Escola e Orientador da região, probatórios da necessidade de instalação de Jardim de Infância ou classes preparatórias em determinadas localidades, em virtude de não dominarem as crianças o idioma nacional.
Atividades peculiares a estas instituições.
 6. Remessa a tôdas as Delegacias Regionais de Ensino, de exemplares, contendo as atribuições do orientador, extraídas da Organização Administrativa desta Secretaria.
 7. Realização de uma chamada especial, na segunda quinzena de fevereiro, nas Escolas Normais Rurais e Escolas Normais Regionais (1.º grau) para os professores que as cursam no regime de frequência livre, para não coincidir com a realização das provas nas escolas primárias do Estado.
 8. Nas escolas onde não houver professores especializados, o regente da classe ministrará tôdas as disciplinas integrantes do currículo, para que se efetive a educação integral.
 9. Sempre que houver necessidade de reunir, numa única sala, efetivo de alunos superior ao recomendado pelos imperativos da mo-

terna técnica pedagógica, e, conseqüentemente, trabalharemos em conjunto dois professores, um funcionará como regente e outro como auxiliar. Competirá a este, entre outras atribuições, as que seguem:

- a) Apreciar trabalhos da classe (julgamento de composição, de problemas, etc.).
- b) Preparar exercícios corretivos das dificuldades encontradas e material didático, para as atividades de classe.
- c) Auxiliar na supervisão do recreio e na disciplina.
- d) Dar assistência aos alunos, de acôrdo com as necessidades de cada um, atendendo-os individualmente ou em grupos.

O auxiliar terá direito à mesma percentagem de promoção do professor regente.

EDUCAÇÃO MORAL

Sr.^a Diretora

Simultaneamente com a atenção dispensada aos vários aspectos educacionais, a formação do caráter, da consciência e o fortalecimento da vontade da criança e do adolescente devem constituir objeto de preocupação constante do educador.

Isto, porém, não se realizará apenas pelo conhecimento das leis, pela repetição automática de códigos de moral ou pela apresentação de exemplos, mas, especialmente, pela prática quotidiana de virtudes, pela vivência de situações que levem o educando a adquirir hábitos de julgamento, a discernir o bem do mal.

A educação moral das crianças e jovens se conseguirá através de disposições afetivas favoráveis à prática do bem, pelo esforço e persistência voltados no sentido de um ideal.

Será necessário, assim, fortalecer nos educandos o poder da vontade, para que suas faculdades afetivas sejam dominadas e disciplinadas de modo a prevalecer sobre o que houver em suas tendências temperamentais em contraposição à plenitude de suas personalidades.

Considerando, outrossim, a extrema plasticidade da criança e do adolescente e, de certo modo, a sua incapacidade de manter o poder da vontade em oposição a seus impulsos, não será conveniente, em um plano de educação, permitir-se ao educando o contato com o mal.

Colaborando, assim, na campanha pela repressão de publicações inadequadas à boa formação moral da infância e da juventude, sugerimos aos professores e diretores de escolas o seguinte:

- 1 — Criação ou renovação de bibliotecas escolares.
- 2 — Divulgação, na escola, de bons jornais e revistas.
- 3 — Projeção de filmes de fundo construtivo.
- 4 — Fomento e criação de clubes escolares nos quais sejam programados e executados códigos de bons costumes.
- 5 — Promoção, através do Círculo de Pais e Mestres, do Clube de ex-alunos, etc., de campanhas que concorram para elevação de hábitos morais da comunidade em que esteja localizada a escola.

Recomendamos, assim, especial cuidado e interesse dos senhores educadores, relativamente a esse problema de tão alevantada significação social.

SEMANA DA PÁTRIA

Julho de 1952

INTRODUÇÃO

A educação moral e cívica, na escola, não será dada em tempo limitado, mediante a execução de um programa específico; resultará, a cada momento, da forma por que se cumprirem as atividades, e, de um modo geral, do próprio processo da vida escolar, que, em tôdas as circunstâncias, deverá transcorrer em termos de elevada dignidade.

Educar, do ponto de vista moral e cívico, é formar o caráter do educando, fortalecer-lhe o poder da vontade, favorecer a aquisição de atitudes e hábitos, tais como os de amor, fraternidade, perseverança no trabalho, colaboração e interêsse pelos ideais colimados por seu país.

Nem sempre, porém, têm sido revelados, em ocasiões necessárias, sentimentos patrióticos e qualidades morais desejáveis e imprescindível se torna, especialmente no transcurso de datas assinaladas, propiciarem-se, na escola, através da apreciação de exemplos que nos foram legados pelos vultos ilustres do passado, o valor imponderável da virtude, assim como a importância do respeito aos símbolos, às leis, às instituições brasileiras.

Com essa finalidade, organizou este Órgão sugestões para as atividades docentes a serem executadas durante a "Semana da Pátria", no corrente ano.

OBJETIVOS

Para o professor.

A — Propiciar a apreciação de qualidades a serem desenvolvidas ou intensificadas nos educandos, através do conhecimento de exemplos de altruísmo e episódios da história pátria.

B — Fortalecer o amor à terra brasileira, o respeito às suas riquezas naturais, ressaltando-lhes a importância na vida do homem.

C — Organizar um código de moral e civismo a ser observado pelos alunos, com a colaboração das diversas classes da escola.

D — Conduzir os alunos à prática de atos que revelem qualidades morais e cívicas.

Para os alunos

A — Elaborar princípios a serem incluídos no código de moral e civismo a ser adotado na escola.

B — Realizar um auditório comemorativo da "Semana da Pátria".

C — Conhecer monumentos, locais históricos, instituições em funcionamento em outras escolas, sedes de associações cívicas ou de beneficência existentes na localidade, reverenciando vultos do passado e revivendo tradições históricas.

D — Aplicar, em situação vital, um dos princípios constantes do Código.

DESENVOLVIMENTO

A — Estudo interpretativo do espírito e do sentido inspiradores das ações constantes de trechos lidos, narrados e selecionados para a constituição do código de moral e civismo.

Leituras.

Narração de fatos selecionados por alunos e professores.

Organização de coleções e albuns (trechos, objetos históricos, gravuras).

Desenhos ilustrativos.

Dramatização de episódios significativos.

B — Seleção e preparação de poesias, trechos, músicas, dramatizações, etc., para realização do auditório.

Redação de programas, convites e apresentações.

Confecção de trabalhos manuais necessários à preparação de cenários, vestimentas, símbolos, etc.

Prática das atividades constantes do programa do auditório.

C — Planejamento de excursões, visitas e elaboração de normas diretivas da conduta do aluno, nas ruas, meios de transporte, praças e outros locais públicos.

Conversas.

Conhecimento de algumas leis do tráfego e de dispositivos do Código de Menores.

Elaboração de planos, questionários, etc.

Traçado de roteiros.

D — Síntese das iniciativas e realizações dos alunos da classe ou da escola, em conexão com as atividades desenvolvidas.

Cada classe contribuirá, de acôrdo com o seu nível e desenvolvimento, para a consecução dos objetivos previstos neste plano, os quais poderão ser ampliados em alguns de seus aspectos ou acrescidos de outros, dependendo dos interesses dominantes na classe e da atividade espontânea dos alunos.

Os trabalhos sugeridos, executados, integralmente ou em parte, pela escola ou enriquecidos de outros determinados pelas necessidades do momento, deverão ser realizados em ambiente de interesse e entusiasmo, de modo a favorecerem a formação, pelo aluno, de alevantados sentimentos, atitudes e ideais que se vão incorporar à sua personalidade.

Sempre que possível, procurará o professor relacionar as atividades com aspectos do programa das diversas classes.

Nos auditórios e demais realizações coletivas da "Semana da Pátria" manter-se-á o cunho de solenidade, procurando-se exaltar o respeito aos vultos, fatos, símbolos e hinos pátrios.

ANEXO DO COMUNICADO N.º 3-52

De acôrdo com o Art. 128, Cap. X do Código de Menores:

E' proibida a entrada em sala de espetáculos cinematográficos aos menores de 14 anos que não se apresentarem acompanhados de seus pais ou qualquer outro responsável.

E' também vedado aos menores de 14 anos o acesso a espetáculos que terminem depois das 20 horas.

De conformidade com a Portaria de 21-3-39, baseada no art. 31 do mesmo Código, é proibido ao menor:

Vagar pelas ruas, sem ocupação.

Esmolar.

Tomar a trazeira de veículos.

Praticar futebol nas vias públicas.

Segundo o Art. 29, Cap. V, Secção I do Código de Trânsito:

Os sinais luminosos de advertência e de informação terão as seguintes cores:

Verde — trânsito livre.

Amarelo alaranjado — advertência ou indicação de que o sinal está sendo mudado.

Vermelho — perigo, ordem de parar.

E' ainda proibido:

Ao ciclista, apoiar-se aos balaústres, estribos ou plataformas dos bondes, ou em outros veículos, assim como conduzir volumes à cabeça.

Os pedestres devem transitar no passeio lateral, obedecendo à mão de direção, nas vias de circulação intensa.

Para as passagens nos cruzamentos de trânsito, os pedestres devem obedecer à sinalização.

Nos passeios, além dos pedestres, somente podem circular carrinhos de crianças e de enfermos, sendo proibidas a patinação e a circulação de bicicletas.

COMUNICADOS

COMUNICADO

DO PERÍODO PREPARATÓRIO NO 1.º ANO

Fevereiro de 1952

I — VANTAGENS E FINALIDADES

Grande é o número de crianças que, ao ingressar no 1.º ano da escola primária, apresentam sintomas de imaturidade para a aprendizagem das técnicas fundamentais da leitura e escrita. Êstes podem resultar de várias causas, já mencionadas no Comunicado n.º 5, de 16 de julho de 1951, tais como: fatores constitucionais, implicando também maior ou menor déficit mental, responsável pelo ritmo lento do desenvolvimento, simples deficiências orgânicas acidentais, sem relação com o nível mental, insuficiência de estimulação do meio familiar, fatores de ordem emocional ou da ocorrência de fatores complexos.

Decroly, baseando-se na falta de aptidão da maioria das crianças para a iniciação na leitura, condena a pressa de ensiná-las antes que elas alcancem certo desenvolvimento na expressão oral e desenvolvam capacidades que as tornem aptas para interpretar o que lêem.

Sabemos, outrossim, que do primeiro contato com a matéria resulta uma apreciação favorável ou não pela mesma, por parte do aluno, com repercussão na aprendizagem. E' preciso, pois, que nos primeiros dias de aula cuide o professor de familiarizar a criança com o ambiente escolar e predisponha favoravelmente ao estudo.

Dai a necessidade do período preparatório, cuja influência no desenvolvimento da criança pode ser considerável, principalmente quando as deficiências observadas provêm da falta de estímulos ou de ação inadequada do ambiente em que vive o aluno.

Constituem objetivos do período preparatório:

- 1 — Proceder à ambientação do aluno.
- 2 — Investigar os conhecimentos que possui.
- 3 — Favorecer a aquisição de experiências e o desenvolvimento da linguagem.
- 4 — Proporcionar a prática de atividades exigidas pelas deficiências reveladas pelos alunos no teste de maturidade.
- 5 — Formar, no educando, atitude favorável à aprendizagem.

II — ORIENTAÇÃO DAS ATIVIDADES

Diagnosticadas as deficiências dos alunos relativamente à aprendizagem das técnicas fundamentais da leitura e escrita, o que se consegue com a aplicação de um teste de maturidade (indicamos o teste ABC, do Prof. Lourenço Filho), terá o professor uma informação segura sobre as necessidades de cada aluno e o tratamento que lhe é adequado. Ocorre que há dificuldades comuns a duas, três ou mais crianças. Daí a conveniência de reunir os alunos que apresentam dificuldades idênticas, em grupos, para a prática de exercícios corretivos.

Por outro lado, existem atividades que devem ser exercidas por todos, por envolverem atitudes, hábitos e habilidades da mais alta significação para a eficiência da aprendizagem. Aspecto que não poderá descurar o professor é que nenhum trabalho seja realizado sem que os alunos desejem executá-lo e se interessem em atingir o fim previamente proposto.

Toda e qualquer atividade, pois, deve ter como móvel os interesses das crianças de 1.º ano, que, segundo Claparède, são os seguintes:

- a) Intelectuais gerais (curiosidade).
- b) Especiais (gosto pelas construções, pela vida ao ar livre, pelo movimento, pelas surpresas, coleções e outros decorrentes do meio em que vive a criança).

Assim, de acordo com os resultados do teste, recomenda-se, no período preparatório no 1.º ano, a apresentação de situações que envolvam atividades, tais como as que, a seguir, sugerimos:

A — Atividades que favorecem especialmente:
o desenvolvimento das coordenações viso-motoras verificadas através dos

sub-testes ns. 1, 3 e 7 do teste ABC.

a capacidade de concentração da atenção (sub-testes 2, 5, 7 e 8).

a resistência à fadigabilidade (sub-testes 7 e 8).

1. *Trabalhos manuais* (Modelagem — Recortes — Colagem — Alinhavos — Desfiados — Dobraduras — Trançados — Enfiadas de contas, grãos, etc.

2. *Execução de jogos de construção* (quebra-cabeças: figuras recortadas para reconstrução mediante modelo. Jogos de armar: cubos ou figuras com as quais as crianças possam armar casas, pontes, cenas da vida infantil, cenas campestres, etc.

Pauzinhos coloridos (para representação de objetos ou cenas).

3. *Exercícios de ginástica* (Exercícios imitativos, marchas, ginástica historiada).

4. *Exercícios que visem a aquisição do senso do ritmo*: cantar executando movimentos diversos com o braço, com a mão, com o dedo indicador, com o giz no quadro negro ou com o lápis em papel sem pauta).

5. *Práticas muito simples de jardinagem* (Preparo de pequenos canteiros. Regar plantas. Retirar plantas daninhas dos canteiros, etc.

6. *Desenho* (Desenho espontâneo de cenas observadas, de objetos, plantas ou animais conhecidos. Reprodução de cenas de histórias ouvidas. Organização de frisos com motivos extraídos desses desenhos).

B — Atividades que treinam especialmente:

Memória, verificada através dos sub-testes 2, 4 e 5 do teste ABC.

Capacidade de prolação, sub-teste 6.

1. Conversas.
2. Enumeração e descrição de gravuras.
3. Apresentação pelo professor e reprodução pelo aluno de histórias e poesias.
4. Prática de dramatizações.
5. Realização de excursões.

III — DURAÇÃO

A duração do período preparatório dependerá de tipo de classe — (forte, fraca ou média) e do meio de que procedem os alunos. Terá de ser tanto mais longo quanto mais fracas forem as possibilidades dos alunos para o aprendizado das técnicas fundamentais da leitura e escrita, devendo estender-se mais nas classes constituídas de crianças oriundas de meio inculto ou que encontram dificuldade em expressar-se em português, por sua descendência estrangeira. Esta última circunstância, entretanto, não constitui motivo para retardar-se o início da aprendizagem da leitura e escrita, porquanto as técnicas peculiares a estas facilitam o conhecimento da língua.

Para o início da aprendizagem, as crianças deverão apresentar os seguintes sintomas de maturação:

- a) expressar, com relativa clareza, seus pensamentos;
- b) manejar, com certa habilidade, o lápis para a escrita;
- c) perceber facilmente diferenças de sons;
- d) pronunciar, com clareza e correção, as palavras de uso comum;
- e) diferenciar particularidades, quer nos desenhos, quer na escrita de palavras.

De um modo geral, um período de 10 a 20 dias é suficiente para que se alcancem as condições acima discriminadas embora as atividades indicadas neste Comunicado devam continuar durante o ano, quando oportunas e necessárias.

ANEXO DO COMUNICADO — DO PERÍODO PREPARATÓRIO NO 1.º ANO

Fevereiro de 1952

I — O AMBIENTE DA CLASSE

O ambiente da classe influi poderosamente no espírito infantil.

Paredes desprovidas de quadros, cartazes, frisos sem uma nota alegre, um ambiente severo que mantenha a criança fixa em sua carteira durante todo o horário escolar, não favorece a aprendizagem nem o desenvolvimento social do aluno.

A criança deve encontrar na escola um ambiente semelhante ao do próprio lar, quando este é bem organizado ou superior a êle, quando não oferecer as condições básicas para a formação de bons hábitos e atitudes.

SUGESTÕES PARA A ORGANIZAÇÃO DO AMBIENTE NAS CLASSES DE 1.º ANO

A — *As carteiras*, sempre que possível, devem ser dispostas de maneira que os alunos possam ser reunidos em grupos, não só porque isso facilita ao professor distribuir e dosar as atividades de acôrdo com as necessidades individuais, como porque essa prática favorece o desenvolvimento social do aluno (formação do espírito de cooperação; atitude de respeito pelo trabalho alheio; oportunidade de troca de idéias sôbre um fato; capacidade de ouvir, em silêncio, quando outro fala; hábito de responder perguntas de maneira inteligível pelo estímulo que a vista do interlocutor desperta).

B — *Um armário*, na falta dêste uma estante ou ainda uma carteira onde seja colocado ao alcance do aluno:

1. Massa plástica.
2. Material para jogos de construção (cubos de madeira, caixinhas, fichas de várias côres e tamanhos, etc.).
3. Feixes de pauzinhos coloridos.
4. Contas, cartões coloridos, sementes, botões.
5. Figuras para recortes.
6. Tabuleiro de areia.
7. Papel grosso, pincéis, tintas, cola, papel jornal, etc.

Os alunos deverão habituar-se, desde os primeiros dias de aula, a colocar o material no lugar adequado, depois de terminado o trabalho.

C — *Prateleira*, estante ou simplesmente uma mesinha onde se colocará o material levado à classe pelas crianças e colhido durante excursões, passeios feitos com a família ou nas suas pequenas explorações. As próprias crianças poderão sugerir um nome a ser dado a êsse recanto que constituirá o início do museu de classe.

D — *Quadro*, para fixação dos bons trabalhos realizados pelos alunos (madeira ou moldura em quadro de pano).

Êste poderá servir, mais tarde, para a fixação do jornal da classe.

E — *Cantinho das novidades*. Nesse recanto serão colocados:

1. Gravuras.
2. Livros de história.
3. Revistas infantis.

Tanto os livros de história como as revistas devem ser cuidadosamente selecionados. Entre estas indicam-se o Tiquinho, a Cirandinha e outros dêste tipo.

Às vêzes a descoberta dêste material poderá servir de introdução a um trabalho. Êsse material deve ser periódicamente substituído, habituando-se a criança a encontrar algo de novo ao entrar na sala.

Com o desenvolvimento da classe, quando se inicia o ensino propriamente dito, vão-se introduzindo no "Cantinho das novidades" os chamados estímulos para o aprendizado, tais como:

1. Cartazes com figuras coloridas e atraentes, contendo uma frase que possa ser lida pela classe.

2. Jogos de leitura ou de matemática.
3. Outras cartilhas.

E' interessante que o professor habitue a classe a encontrar algumas vezes no quadro-negro:

1. Perguntas a responder.
2. Ordens a executar.
3. Saudações.
4. Leituras suplementares, etc.

F — *Calendário de classe* — Cartões independentes, com os nomes dos meses, dias da semana e números de 1 a 31 que as crianças devem aprender a usar e mudar, quando necessário.

G — *Quadro de freqüência* — Os próprios alunos devem marcar sua freqüência diária. Mais tarde, outros gráficos poderão ser introduzidos.

A classe poderá, ainda, ser ornamentada com alguns quadros, de preferência apresentando motivos infantís e, se possível, cópias de obras célebres, para que se vá educando o gôsto artístico da classe.

A presença de um vaso com flores, sôbre a mesa, e a obrigação das crianças de renová-las é também uma prática interessante.

Deverá, ainda, aparecer, na sala de aula, algum símbolo pátrio.

As crianças poderão também cultivar pequenas plantas, criar animaizinhos, o que oportunizará palestras e observações que muito concorrerão para o desenvolvimento da linguagem oral e formação de atitudes desejáveis.

II — EXEMPLOS DE UNIDADES QUE PODEM SER DESENVOLVIDAS NO PERÍODO PREPARATÓRIO

A — Minha escola

Atividades:

1. Visitas às dependências da escola para conhecê-la.
2. Conversa com a classe sôbre o observado.
3. Enumeração, pelos alunos, dos nomes das pessoas ou das cousas conhecidas.

4. Orientação das crianças dentro da escola. Exemplo. Que dependências ficam à direita da sala de aula, à esquerda, ao fundo, à frente ?
5. Reprodução, pelo desenho, de aspectos observados.
6. Organização de frisos ou seqüência de quadros em que sejam aproveitados os desenhos feitos pelas crianças (Recortes e colagem).
7. Formação de sentenças orais sôbre o que as crianças tenham observado:
 - a) respondendo a perguntas feitas pelo professor;
 - b) caracterizando aspectos observados;
 - c) revelando impressões pessoais.
8. Audição de poesias (sôbre assunto da unidade) que poderão ser, depois, reproduzidas acompanhadas de movimentos.
9. Adaptação de melodias simples às poesias.
Durante o canto poderão ser executados movimentos rítmicos tais como: marchas em linha reta, em linha sinuosa, em círculo, etc.

B — A família

Atividades:

1. Apresentação de uma gravura que represente uma cena familiar para:
 - a) enumeração dos elementos contidos na mesma;
 - b) observação dos personagens, do ambiente e da época em que se realiza o fato;
 - c) formação de sentenças orais.
2. Palestra com os alunos sôbre as pessoas que formam suas famílias, para:
 - a) enumeração pelas crianças: dos membros da família que vivem no seu lar; dos nomes próprios dessas pessoas; das atividades que cada um exerce, etc.;

- b) desenho, pelas crianças, que representem as pessoas que formem suas famílias. Desenho da família;
 - c) organização de um álbum onde cada criança organizará uma página relativa à sua própria família, colando retratos ou desenhos;
 - d) formação de outras sentenças orais, relativas ao amor filial, à ocupação dos pais, etc.;
 - e) organização de um pequeno álbum em que cada criança cole recortes referentes à ocupação dos pais.
3. Reprodução de poesias sobre personagens e cenas familiares.
4. Dramatizações espontâneas de cenas familiares, tais como: chegada do pai a casa, ocupações da mãe, saída dos meninos para a escola, etc.

O professor aproveitará a oportunidade para lembrar:

- a) práticas de civilidade (cumprimento, expressão de excusa, de agradecimento, etc.);
 - b) hábitos de higiene;
 - c) cuidados que as crianças devem observar quando saem à rua, etc.
-

"SEMANA DA ECONOMIA"

8—10—1952

A Caixa Econômica Federal desenvolve todos os anos, nas nossas escolas, uma interessante campanha visando despertar nos alunos hábitos de economia e previsão. Nêste ano, durante a "SEMANA DA ECONOMIA", período compreendido entre 25 e 31 de outubro, entre outras atividades, serão realizados concursos destinados a estimular os depositantes mais assíduos e a concitar os que ainda não o fizeram a abrir uma conta corrente naquele estabelecimento de crédito.

Criticam-se as campanhas de economia, entre os escolares, alegando que :

- I — criam uma situação de inferioridade para os alunos procedentes de lares humildes;
- II — as quantias depositadas pelas crianças e adolescentes não representam economias próprias, mas de seus maiores.

Considerando, entretanto, o que significa, para a personalidade do educando, a formação dêstes hábitos, de um lado, e a possibilidade de atenuar, através de uma sadia orientação, os inconvenientes acima citados, de outro, julgamos de valor educativo os objetivos da "Semana da Economia".

Um dos pontos que se valorizam no Concurso é o número de depósitos efetuados pelo adolescente ou pelo adulto, durante o ano e não o quantum dos mesmos.

Êste critério constitui um forte argumento contra a desvantagem a que se refere o item I acima referido.

Com relação ao inciso II, podemos opor as várias oportunidades que tem o menor de auferir rendimento próprio, quer recebendo a remunera-

ção de pequenos serviços prestados, quer economizando as quantias que recebe como presente ou gratificação.

Economia não significa apenas guardar, acumular dinheiro. O sentido desta palavra é bastante amplo, abrangendo aspectos como: bom emprego do tempo, de energias e de capacidade, de conservação do material de objetos, do vestuário, de móveis, da casa e dependências, de lugares públicos, etc.

A economia, vista sob este prisma é rica em aspectos educativos e deixa de ter apenas interesse para o indivíduo, tomando um caráter eminentemente social.

Se a escola deve ser vida e preparação para a vida, os nossos Cursos Noturnos não podem descuidar este aspecto, uma vez que vive o indivíduo sob a inteira dependência do fator econômico.

Assim, cabe no desenvolvimento normal do trabalho diário de qualquer natureza:

Despertar, fortalecer e cultivar, nos alunos, hábitos de economia bem dirigida e bem orientada, tais como:

- a) conservar o vestuário, os objetos, os móveis, o edifício e as dependências do lar e da escola, as propriedades privadas e públicas em geral;
- b) capacitar o aluno a escolher os objetos de sua propriedade e a usar, convenientemente, o que lhe pertence;
- c) levar os alunos a empregar, adequadamente, as ferramentas e máquinas de uso mais corrente e comum, na escola e no lar;
- d) interessar na melhoria do padrão de vida, ressaltando a necessidade de um viver mais cômodo, mais higiênico e mais belo;
- e) formar hábitos de ordem;
- f) desenvolver habilidades que lhe possibilitem o aproveitamento de sobras aparentemente inúteis, que transformadas racionalmente, podem proporcionar, na vida quotidiana, momentos de mais conforto, mais arte, mais alegria e mais beleza;
- g) reservar e depositar, em estabelecimento de crédito, quantia que represente percentagem de seus rendimentos, para ocasiões de necessidade.

Julgamos oportuno sugerir, aqui, uma série de atividades correlacionadas com objetivos da Campanha da Economia, que nos parecem de alcance educativo.

LINGUAGEM

Composição escrita, relacionada com o assunto.

Palestras ressaltando a necessidade de assegurar, através de hábitos de economia, melhores condições de vida atuais e futuras.

Interpretação de gravuras, que apresentem cenas relacionadas com o tema.

Narração de histórias que focalizem aspectos econômicos.

Comentários sobre notícias do dia, que contenham informações de natureza econômica.

Improvisos, invenções de histórias e descrições, leitura de prosa e verso sobre o tema central.

Uso de provérbios em variados exercícios (para resumir leituras realizadas ou para servir de motivo para composição, etc.):

“Evitar o desperdício nem sempre significa gastar menos, mas sim gastar bem”.

“Na hora de qualquer compra, lembre-se: pensar e experimentar antes, para não se arrepender depois”.

“O que economiza com sacrifício, age com discernimento”.

“Um homem prevenido vale por dois”.

“Tempo perdido não se recupera”.

“Com perseverança tudo se alcança”.

“Tempo é dinheiro”.

“Desperdiçar não é grandeza”.

“De tostão em tostão faz-se um milhão”.

“O barato sai caro”.

“Quem compra o que não pode, vende o que não deve”.

M A T E M Á T I C A

Cálculo de quantum que deve constituir a economia mensal de diversas famílias sôbre os vencimentos que percebem;

cálculo das percentagens do orçamento mensal que se podem dedicar a vestuário, alimentação, habitação, diversões, serviços extraordinários, educação dos filhos, móveis e utensílios, medicamentos, saúde, etc.;

cálculo de quanto se economiza fazendo "rancho de mantimentos", mensalmente, e se comprando em grandes quantidades;

cálculo de acréscimo de despesas que acarretam as compras de artigo em meias unidades, cujo preço por unidade é número ímpar, etc.

SUGESTÕES PARA REALIZAR ATIVIDADES AGRÍCOLAS NAS ESCOLAS PRIMÁRIAS

OBJETIVOS:

- A — Despertar o interêsse pela natureza e pela terra em especial, levando os alunos à justa apreciação do valor da agricultura.
- B — Despertar o interêsse pela vida agrícola da localidade e difundir técnicas científicas da agricultura moderna.
- C — Despertar e orientar vocações.
- D — Criar e manter o espírito de colaboração na escola e no meio social, além de outros hábitos e atitudes desejáveis a desenvolver.
- E — Vitalizar o ensino, dando oportunidade de várias realizações.

Pela síntese dos principais objetivos a serem levados em conta nas atividades agrícolas na escola primária, sentimos que se destaca o da formação de mentalidade agrícola no brasileiro, ou seja, despertar simpatia pelo problema rural e combater inteligentemente o conceito errôneo e prejudicial da inferioridade do trabalho manual, principalmente da Agricultura. Dignificando-a, criando por meio de lenta transformação psicológica nova consciência nas gerações que se formam, será o problema rural considerado como base da economia de nosso País e encontrará compreensão entre os brasileiros, em geral, tanto habitantes do campo como da cidade. Aquêles, pela adoção de métodos racionais ou científicos e êstes pela valorização dêsse magno problema e, conseqüentemente, pelo apoio e colaboração efetiva que a êle darão em qualquer ramo dos conhecimentos humanos a que se dedicarem.

Do ponto de vista didático, pròpriamente dito, concluimos que os presentes objetivos são destinados a orientar o professor, para quem o clube ou as simples atividades agrícolas devem ser um **meio** e, pois, como processo integrado na própria aprendizagem, rico em valores educativos, como formação de hábitos e conceitos, aquisição de técnicas, de conhecimentos, etc.

A criança terá seus objetivos próprios, de interêsse imediato, acòrdes com sua idade, desenvolvimento mental, meio em que vive, etc.

ORGANIZAÇÃO E FUNCIONAMENTO

- A — Realizar atividades agrícolas na 1.^a e 2.^a séries.
- B — Criar clube agrícola da 3.^a em diante, incluindo ex-alunos.
- C — Subordinar as atividades às realidades locais e aos interêsses e nível dos alunos.
- D — Articular o programa oficial às referidas atividades, dando-lhes feição essencialmente pedagógica.
- E — Entrosar o clube, sempre que possível, com as demais instituições escolares.
- F — Haver planejamento dos professôres.

ATUAÇÃO DOS PROFESSÔRES

A — Superintendente

1. Sem regência de classe.
2. Com seus conhecimentos atualizados.
 - a) Orientar atividades agrícolas.
 - b) Orientar outras instituições em funcionamento na escola.
 - c) Colaborar com as professôras de classe na organização dos planos de aula, a fim de articular as atividades agrícolas aos demais aspectos da aprendizagem, visados no planejamento.

B — De classe

1. Acompanhar o trabalho prático da superintendente para fins de unificação, isto é, estabelecer as associações necessárias.

2. Realizar o trabalho de classe em função das atividades agrícolas e vice-versa.
3. Fazer planejamento para tôdas as atividades motivadas.

C — Especializado

1. Atender às solicitações dos professôres de classe e superintendente do clube.
2. Articular, sempre que possível, seu trabalho ao de classe.

Nas duas primeiras séries, em vista da pouca idade das crianças, e especialmente na 1.^a, onde o problema da alfabetização é quase absorvente, não é aconselhável que as crianças participem do clube agrícola da escola, que exige uma série de realizações específicas que podem sobrecarregar as referidas classes e se tornarem deseducativas se não funcionarem com eficiência. Basta, para atingir os objetivos gerais da educação rural, realizar com estas séries **atividades agrícolas**, perfeitamente integradas no programa geral da classe e só mais tarde, da 3.^a em diante, organizar o clube agrícola, que pode atender igualmente aos ex-alunos ou a outros adolescentes da localidade que estejam desocupados ou sem orientação para a vida de trabalho que deverão enfrentar.

Para que o clube não se torne enquistado na vida escolar é necessário que suas atividades sejam realmente desejadas pelas crianças, o que vale dizer, motivadas.

Como os demais trabalhos escolares, se esta motivação não fôr espontânea, é necessário que o professor faça surgir êsse interêsse, por meio de uma situação hábilmente conduzida.

A manutenção ou auxílio à sopa escolar, o aproveitamento do terreno da escola ou melhoria de suas condições estéticas ou higiênicas, a Liga dos Amigos da Natureza, a arborização do pátio da escola, a observação da vida de plantas ou animais, a ornamentação da sala de aula, o estudo ou combate de alguma praga da agricultura na localidade, um concurso qualquer que se institua, etc., são situações reais que fácil e vivamente podem interessar a criança e, como tal, prestar-se para introduzir a motivação do clube.

Quanto ao funcionamento, subordinar as atividades às realidades locais e aos interêsses das crianças, dar-lhes feição essencialmente pedagógica, articulando com o programa oficial e com outras instituições escolares.

Tratando-se do professor, superintendente ou coordenador das atividades agrícolas na escola, convém que tenha especialização no assunto e mantenha atualizados seus conhecimentos pedagógicos, aliando-se a isso o pendor e o interesse real pelo problema.

E' muito importante a escolha do superintendente, porque de seu entusiasmo, de sua cultura, de sua capacidade de realização dependem, principalmente, a vida e a eficiência da instituição.

Cabe-lhe, do ponto de vista didático, orientar o trabalho sôbre agricultura, pròpriamente dita, em aulas teóricas e práticas, além de colaborar com outras instituições escolares e, principalmente, com os professôres de classe, na organização de seus planos de aula, a fim de articular as atividades agrícolas aos demais conhecimentos a transmitir, visados no planejamento.

Aos professôres de classe, entretanto, cumpre realizar o trabalho de classe em função das atividades agrícolas e vice-versa, ora motivando-as, ora sendo por elas motivado.

E'-lhes indispensável, ainda, acompanhar o trabalho do superintendente, a fim de estabelecer, com o seu, as associações necessárias.

ATIVIDADES SUGERIDAS

Experiências sôbre germinação e outras; aquários, sementeiras, criação de pequenos animais domésticos; cultura de plantas ornamentais em vasos ou floreiras; jardinagem; horticultura; pomicultura; apicultura; sericultura; canteiros para experiências; etc.

DESENVOLVIMENTO

Após a motivação, bem dirigida, isto é, estando a classe desejosa de organizar um clube agrícola, será encaminhada à colaboração dos estatutos. Estes deverão ser feitos pelas próprias crianças, constando apenas o que fôr essencial o exequível, embora tenham de ser atualizados mais ou menos freqüentemente.

Quanto às atividades a serem postas em execução é possível haver grande variedade, de acôrdo com os interesses das diversas classes, entretanto, inicialmente é aconselhável pouca cousa no terreno prático, a fim de poderem ser melhor controlados os resultados, e ser também recuperado al-

gum tempo perdido, pois é natural que todo trabalho novo acarrete êste e outros defeitos, que só a prática poderá resolver.

A — Escolhida a atividade, pela classe, convém destacar os problemas que apresenta, na realidade, para atacá-los pela ordem lógica. Assim, para fazer uma horta na escola, teremos:

1. Objetivos da horta (de acôrdo com as necessidades ou interêsses da classe).
2. Onde instalar a horta ?
3. Que hortaliças cultivar?
4. Como preparar o solo ?
5. Como plantar e cuidar das hortaliças? (tratos culturais).
6. De que modo empregar a produção ?

B — De acôrdo com a classe, isto é, com a série escolar, serão desenvolvidos os problemas. Se, por exemplo, fôr uma classe de 5.^a série:

1. Onde instalar a horta?

Determinar o lugar e a extensão da mesma — calcular que fração representa a área ocupada pela horta, em relação ao terreno da escola. Aí haverá oportunidade para desenvolver parte do programa de matemática, em situação real. Pode ainda ser aproveitado para conservar de frações, medidas agrárias: aro, seus múltiplos e submúltiplos; unidades usadas, correspondência em medidas de superfície. Reconhecimento de figuras geométricas, iniciando pela apresentada na forma do terreno — área, perímetro, propriedade das diagonais, etc.

Para desenvolvimento do programa de linguagem as oportunidades apresentadas não têm limites, podendo o professor aproveitar ora para desenvolver um aspecto, ora outro; as pesquisas realizadas por meio de leitura, para solucionar um problema sôbre a parte técnica, isto é, de agricultura, pròpriamente dita, podem ser aproveitadas para análise, conjugação de certos verbos, ou qualquer parte que possa interessar, da gramática.

Aproveitar adágios: "Vale mais pequeno sítio cultivado que vasto campo descuidado". "Crê, espera e trabalha que o produto da terra não falha".

Quando tratarem das condições indispensáveis para a instalação da horta destacar-se-ão:

- a) Terreno — possibilidades de irrigação, insolação, abrigo, nivelamento, etc. Seleção das terras, diferenças essenciais entre as plantas de horta e de pomar, aproveitando para desenvolver aqui a parte do programa relativa ao assunto, como: relações entre a produção e o clima, a natureza do solo e as condições topográficas. Comércio, indústria.
- b) Vedação — escolha do material a ser empregado para cercar o terreno, se ainda não estiver cercado. Se a cerca fôr de madeira, estudar as árvores e arbustos, suas características. Fazer cálculos diversos, aproveitando os dados reais — perímetro, quantidade de madeira a empregar, etc.
- Execução da cerca — os alunos farão o que fôr possível, pedindo a colaboração de adultos, parentes ou profissionais da localidade, de acôrdo com as condições reais. Será oportuno, aqui desenvolver hábitos de colaboração na escola e no meio social.

2. Como preparar o solo?

- a) Material agrário indispensável — nomenclatura, aquisição;
Se a escola não dispuser de material, procurar obtê-lo por doação de particulares ou da Prefeitura (municipal); por ofício ao Serviço de Material da Secretaria de Educação e Cultura (estadual) ou ao Serviço de Informação Agrícola, do Ministério da Agricultura (federal). Aproveitar para estudar a organização política do Brasil — respeito às leis e autoridades que as executam — direitos de cidadania.
- b) O preparo do solo poderá ser feito em colaboração com a 4.^a série; pode ser estudado por meio de leituras em tratados recomendados ou consultas a técnicos. Sempre que possível levar a classe a fazer observações reais. Podem ser realizadas excursões que, uma vez bem planejadas, levarão a classe a ótimos resultados.
- Da forma aqui sugerida, com as modificações ou adaptações que os professores julgarem necessárias, serão resolvidas tôdas as situações problemáticas que se forem apresentando.

OFICIOS

OFÍCIO-CIRCULAR N.º 269

Pôrto Alegre, 12 de novembro de 1953

Senhor Delegado

Comunico a V. S.^a que o ingresso no Curso de Administradores Escolares do Instituto de Educação deverá, no próximo ano, reger-se pelo Decreto n.º 2.419, de 23-10-51 relativo à concessão de bolsas de estudo. Abaixo transcrevemos a parte do citado Decreto que diz respeito ao referido Curso.

Art. 1.º — Ficam criadas, na Secretaria de Educação e Cultura, bolsas de estudo que serão concedidas, anualmente, aos professôres do Estado que obtiverem melhor classificação no concurso de ingresso à Faculdade de Filosofia, ao Curso de Administradores Escolares e à Escola Superior de Educação Física.

Art. 2.º — O professor bolsista será dispensado do exercício das funções, sem prejuízo de vencimentos ou de contagem de tempo, para todos os efeitos da carreira, durante o período necessário à realização do Curso.

Art. 3.º — inciso II — Para o Curso de Administradores e para a Escola Superior de Educação Física é exigido:

- a) ser professor efetivo e contar, respectivamente, cinco e dois anos, no mínimo, de efetivo serviço no magistério público;
- b) ser diplomado pelos seguintes estabelecimentos de ensino: Instituto de Educação, antiga Escola Normal de Pôrto Alegre, Escolas Normais, oficiais ou reconhecidas, Escolas Complementares, oficiais ou equiparadas.

§ 1.º — O candidato deverá solicitar à comissão competente a concessão da bolsa, anexando ao pedido atestado do estabelecimento de ensino no qual se inscreveu, com resultados da prova de habilitação realizada.

§ 2.º — O candidato deverá obter, ainda, parecer favorável:

- a) do Centro de Pesquisas e Orientação Educacionais, relativamente à sua atuação docente, mediante documentação comprobatória;
- b) da Superintendência de Ensino a que pertença, quanto à possibilidade de seu afastamento da unidade escolar.

Art. 4.º — inciso II — Ao Curso de Administradores Escolares e à Escola Superior de Educação Física serão concedidas 20 bolsas, respectivamente. (Este inciso foi, recentemente, alterado passando a 30 o número de bolsas a serem concedidas já no próximo ano).

Inciso III — A comissão competente estabelecerá, face aos resultados obtidos pelos candidatos nas provas de habilitação, uma nota mínima para a concessão da bolsa.

Art. 5.º — Ao professor contemplado com bolsa de estudo, concluído o curso, assistirá a obrigação de exercer, por dois anos no mínimo, na Secretaria de Educação e Cultura, funções docentes ou relativas a serviços educacionais, a juízo da administração.

Art. 6.º — A Secretaria de Educação e Cultura cancelará, em qualquer tempo, a concessão da bolsa, se a frequência e os resultados obtidos pelo bolsista, no curso, não forem satisfatórios.

O pedido de inscrição deverá ser dirigido à Diretora do Instituto de Educação através das Delegacias Regionais de Ensino.

A inscrição se efetuará de 10 a 20 de dezembro, devendo a prova de habilitação realizar-se de 21 a 30 do mesmo mês. A prova constará de:

- a) exame de Português — composição;
- b) . exame de língua estrangeira — tradução de um trecho de autor contemporâneo apresentado em uma das seguintes línguas: inglês, alemão, francês, italiano ou espanhol;
- c) prova de entrevista.

Tendo o Curso de Administradores Escolares por finalidade "habilitar diretores de escolas, orientadores de ensino, auxiliares estatísticos e encarregados de provas e medidas escolares" e conhecendo essa Delegacia a atuação docente dos professores e, conseqüentemente, os elementos mais capacitados não só para a realização do curso, mas, também, para desempenhar, no futuro, cargos de administração ou orientação no setor educacional, julgamos conveniente lhes propussemos V. Sa. se candidatassem esses professores às bolsas de estudo para o Curso de Administradores Escolares.

Apresento a V. S.^a, nesta oportunidade,
cordiais saudações

Eloah Brodt Ribeiro
Diretora do C. P. O. E.

OFÍCIO-CIRCULAR N.º 81

Pôrto Alegre, 14 de abril de 1953

Senhor Diretor

Sendo uma das atribuições dêste Centro a organização de bibliografias e considerando a necessidade que sentem os nossos professores de uma orientação segura no sentido da escolha de livros a adotar no curso primário, enviamos a relação anexa onde se apresentam ao professor os títulos das obras indicadas por êste Órgão.

Embora reconhecendo que algumas das referidas obras não satisfazem, de forma integral, a tôdas as exigências de ordem técnico-pedagógica, foram as mesmas incluídas por apresentarem aspectos favoráveis ao desenvolvimento das atividades docentes.

Saudações cordiais.

Eloah Brodt Ribeiro
Diretora do C. P. O. E.

BIBLIOGRAFIAS

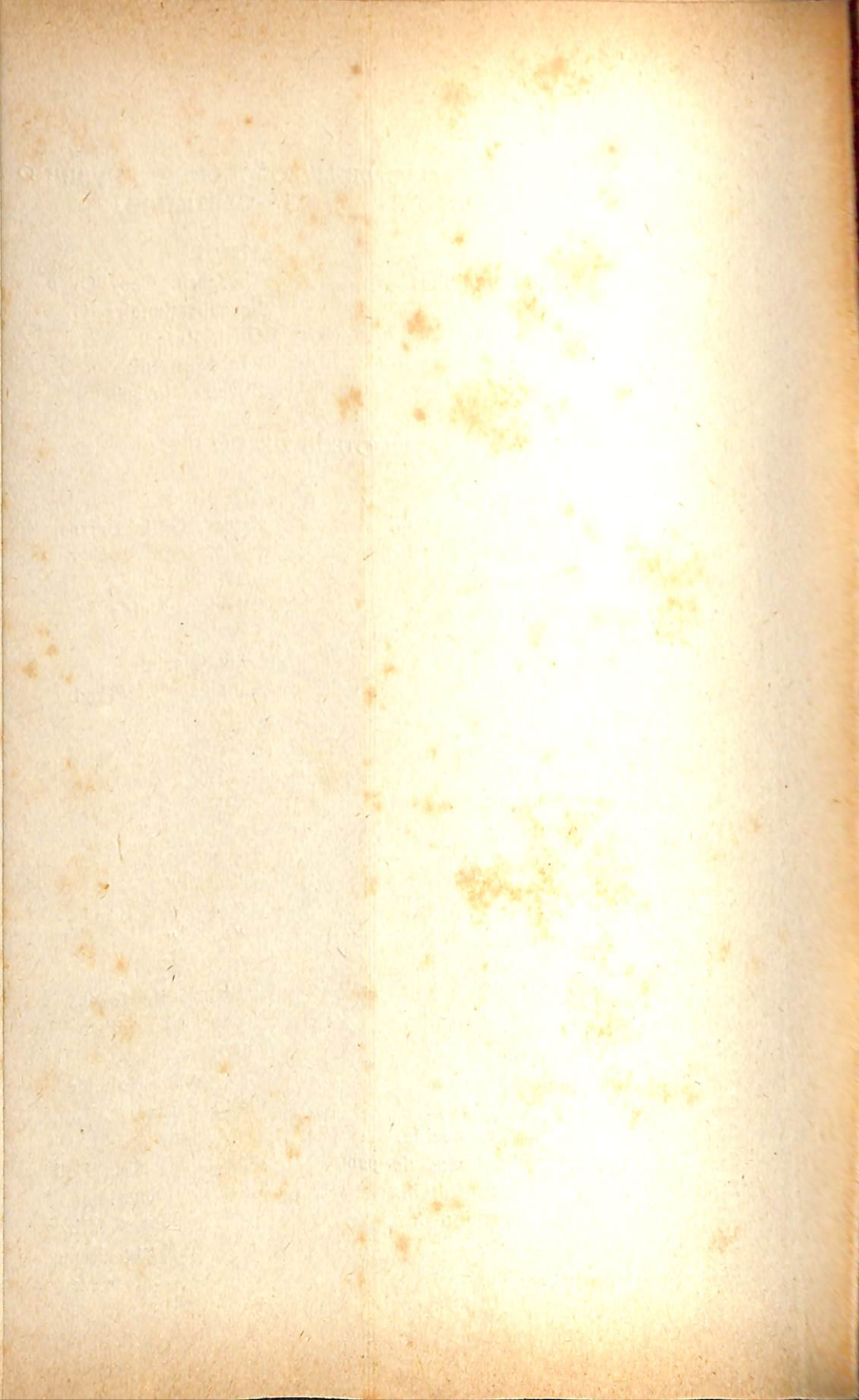
RELAÇÃO DE LIVROS INDICADOS PARA O 1.º ANO

A. CARTILHAS :

N.º	TÍTULO	AUTOR	EDITORA
1.	Sarita e seus amiguinhos	Thofehrn, Cecy C. e Szechir, Jandira C.	Edit. do Brasil S. A. Edit. do Brasil S. A.
2.	Lalau, Lili e o lobo	Grisi, Rafael	
3.	O livro de Lili	Fonseca, Anita	Francisco Alves
4.	Ler e brincar	Silveira, Juraci	Edit. Noite

B. PARA BIBLIOTECA DA CLASSE :

N.º	TÍTULO	AUTOR	EDITORA
1.	A cartilha do Zé-Toquinho	Xavier, Odila Barros	Globo
2.	Pá, Pé e Papão	Lúcio, João	Min. Agricultura
3.	Belinha e Bolinha	Salvi, Nina	Francisco Alves
4.	Bonequinha preta	Oliveira, Alaide	" "
5.	Bonequinha doce	" "	Melhoramentos
6.	Pituchinha	Leite, Marieta	"
7.	Joca	Almeida, G. (Trad.)	"
8.	A galinha ruiva	"	"
9.	O sonho de Marina	"	"
10.	Os três leitõezinhos	"	"
11.	Tão pequenino...	Lourenço Filho	"
12.	Totó	" "	"
13.	Os dois ursinhos	Hogan, Inez	"
14.	Os dois veadinhos	" "	"
15.	Os dois elefantes	" "	"
16.	Os dois cangurus	" "	"
17.	Janjão	" "	"
18.	O gatinho Minau	Paiva, Maria José	Francisco Alves
19.	Téo, Tico e os animais	Becker, Charlotte	Melhoramentos
20.	Meus livrinhos	Buarque, Mary	Ed. Brasil
21.	Cartilha moderna	Pais Leme, Yolanda	Globo
22.	Uma oração de criança	Field, Rachel	Melhoramentos
23.	Teteia (Tatinha esquecida)	Flory, Jeny	"
24.	Na ilha dos brinquedos de pano	Lieberman, Nina Bell	"
25.	A viagem de dona Ratinha	Coleção Historietas	"
26.	Oscar e seu cãozinho	" Horas felizes	"
27.	Carlito e o Rajado	" Meus albuns	"
28.	O burrinho voador	Coleção Hor. felizes	"



29. O ursinho Teddy	Donato, Mário	Melhoramentos
30. Os três pimpolhos	Becker, Charlotte	"
31. Uma surpresa para os três pimpolhos	" "	"
32. Pintinho conta até dez	Friskey M. e outro	"
33. A gata borralheira	Disney, Walt	"
34. Por que o Jabuti anda devagar	Leite, Adelina Cerq.	"
35. Os três gatinhos órfãos	Disney, Walt	"
36. O pintinho vadio	Figueiredo, Gilda	"
37. O melhor lugar do mundo	Rice, Ethel M.	"
38. E eu também...	Lourenço Filho	"
39. O gatinho guloso	Corrêa Junior	Ed. Brasil
40. O pintinho cabeçudo	Deihl, Edna Groff	" "
41. O gatinho cabeçudo	" " "	" "
42. O mundo vai se acabar	Sarthon, Maria Edith	Pia Soc. S. P.
43. O pequeno polegar	Col. Nossos contos	Melhoramentos
44. Col. Contos de nossa gente	—	"
45. Mimoso, o carneirinho preto	Disney, Walt	"
46. O sonho de Pancho	Lara, P. de	"
47. Natal de Jesus	Oliveira Ribeiro Neto	Ed. Brasil
48. Proezas do pato Bolé	Pinto, Pimentel J.	" "
49. O batizado do pato Bolé	" "	" "
50. O burrinho feliz	" "	" "
51. D. Baratinha da Silva Só	" "	" "
52. O bosque encantado	" "	" "
53. O bicho-lua	" "	" "
54. O anãozinho barbudo	Penteado, Almeida M. H.	" "
55. A lagartixa chorona	" "	" "
56. O touro Ferdinando	Leaf Munro	Melhoramentos
57. Os três peraltas	Fleury, Luiz Gonzaga	Ed. Brasil

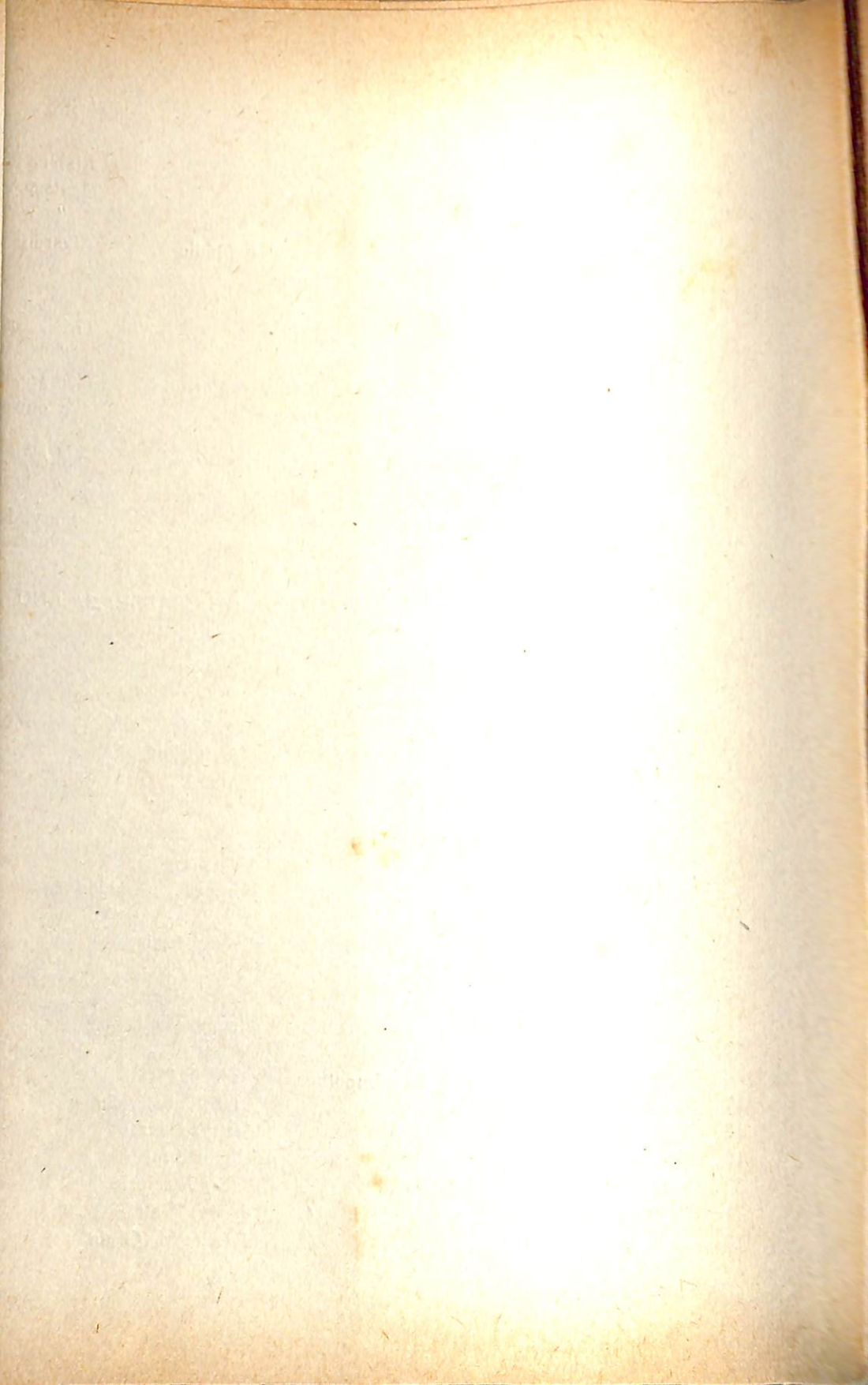
RELAÇÃO DAS OBRAS INDICADAS PARA O 2.º ANO
LIVROS DE TEXTO

N.º	TÍTULO	NÍVEL DA CLASSE	AUTOR	EDITORA
1	Leitura (1)	Forte	Braga, Erasmo	Melhoramentos
2	A vida de Maria Lúcia	Fraco	Rialva, Rita A.	Francisco Alves
3	Luisinha aos oito anos	Médio e Forte	" "	" "
4	Vamos estudar (1)	Fraco	Santos, T. M.	Agir
5	Vamos estudar (2)	Forte	" "	"
6	Minhas lições (1)	Fraco e Médio	Rialva, Rita A.	Francisco Alves

7	Minhas lições (2)	Forte	Rialva, Rita A.	Francisco Alves
8	Riquezas do Brasil (1)	Fraco	Santos, T. M.	Agir
9	Riquezas do Brasil (2)	Médio e Forte	" "	"
10	Terra Querida (1)	Fraco e Médio	Alvarenga, Lúcia	Nacional
11	Terra Querida (2)	Forte	" "	"
12	Uma História e depois... outras (1)	Fraco	Grisi, Rafael	Ed. do Brasil
13	Uma História e depois... outras (2)	Médio e Forte	" "	" " "
14	Minha Terra (1)	Fraco	Câmara, Ivanise e outras	" " "
15	Criança brasileira (intermediário)	Fraco	Santos, T. M.	Agir
16	Criança brasileira (1 e 2)	Médio e Forte	" "	"
17	Série Pátria Brasileira (1)	Fraco	Fleury, R. S.	Melhoramentos
18	Série Pátria Brasileira (2)	Forte	" " "	"

LIVROS PARA BIBLIOTECA DE CLASSE: 2.º ANO

N.º	TÍTULO	AUTOR	EDITORA
1	Na roça — primeiras leituras	Fleury, R. S.	Melhoramentos
2	Na roça — segundas leituras	" " "	"
3	Primeiras lições úteis	Sodré, B. Stahl	Nacional
4	Vida higiênica	Morais, Pedro	Melhoramentos
5	Proezas do Pato Bolé	Pinto, P. J.	Editôra do Brasil
6	O burrinho feliz	" " "	" " "
7	D. Baratinha da Silva Só	" " "	" " "
8	O bosque encantado	" " "	" " "
9	O anãozinho barbudo	Penteado, Almeida	" " "
10	A lagartinha chorona	" "	" " "
11	O gatinho guloso	Corrêa Junior	" " "
12	Carlito e o Rajado	"Meus álbuns"	" " "
13	Os três peraltas	Fleury, Fleury	" " "
14	A gata borralheira	Disney, Walt	Melhoramentos
15	Os três pimpolhos	Becker, C.	"
16	Uma surpresa para os três pimpolhos	" "	"
17	A formiguinha viajadora	Vigil, Constâncio	"
18	A festa da bicharada	Fleury, Renato	"
19	Tico e Teco	Salvi, Nina	"
20	O melhor brinquedo	Flack, Marjorie	"
21	Os três gatinhos órfãos	Disney, Walt	"
22	O pintinho vadio	Figueiredo, Gilda	"



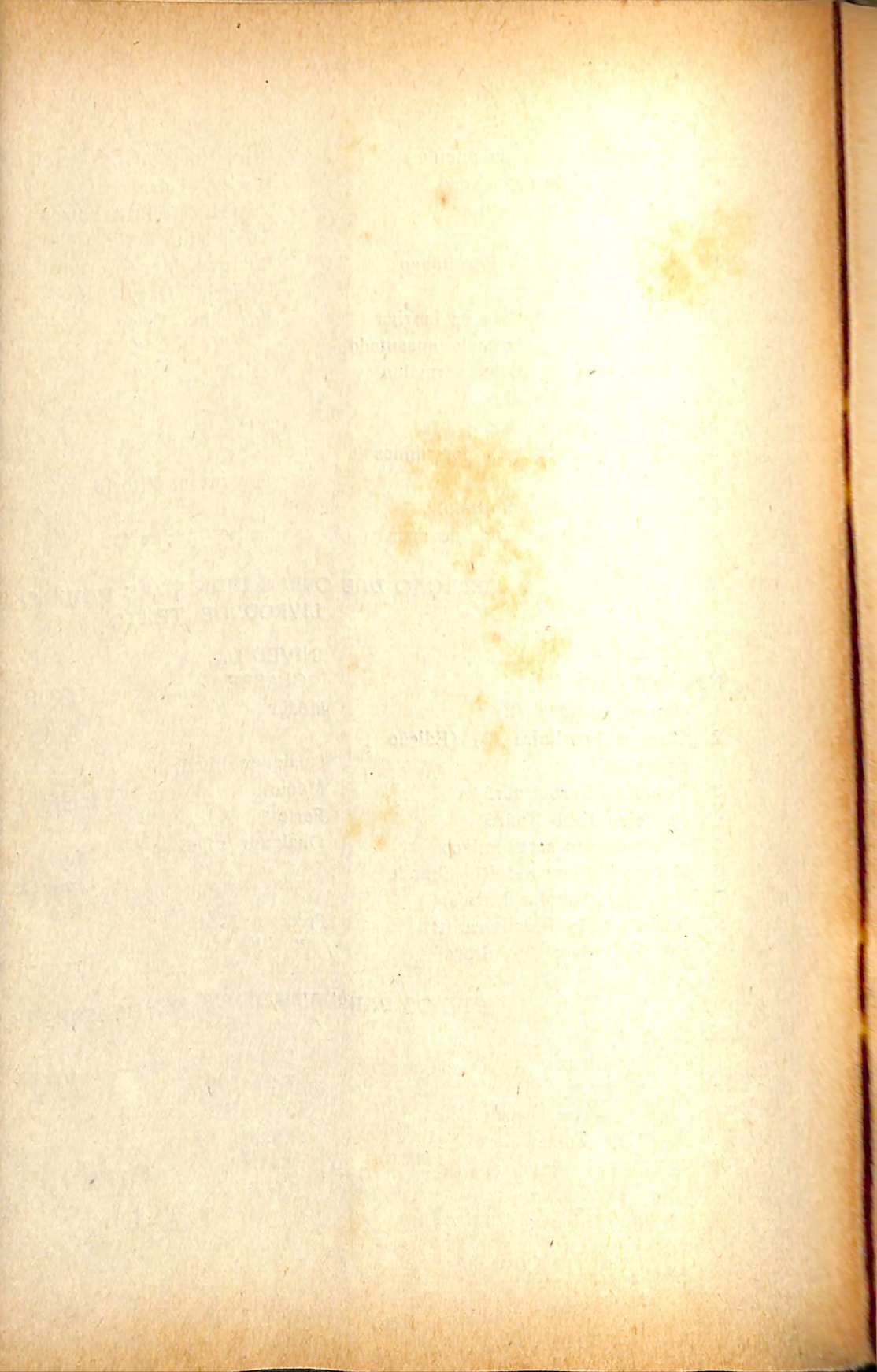
23	O melhor lugar do mundo	Rice, Ethel M.	Melhoramentos
24	Aventuras do sapo Toad	Disney, Walt	"
25	Ler, escrever e contar	Pontes, Ofélia e outros	Francisco Alves
26	Dingo e Tucha	Salvi, Nina	Imprensa Nacional
27	O rei Oscar e o Pernilongo	Buarque, Mary	Anchieta
28	A lição da árvore	Pelegrini, Itacy	"
29	O urso com música na barriga	Veríssimo, Érico	Globo
30	Rosa Maria no castelo encantado	" "	"
31	Aventuras do avião vermelho	" "	"
32	O elefante Basílio	" "	"
33	Os três porquinhos pobres	" "	"
34	Outra vez os três porquinhos	" "	"
35	Tomaz	Accornero, Vitório	
36	Aventuras de um ursinho		Melhoramentos
37	Porque o jabuti anda devagar	Leite, Adelina C.	"

**RELAÇÃO DAS OBRAS INDICADAS PARA O 3.º ANO
LIVROS DE TEXTO**

N.º	TÍTULO	NÍVEL DA CLASSE	AUTOR	EDITORA
1	Vamos estudar (2)	Médio	Santos, T. M.	Agir
2	Criança brasileira (3) (Edição especial)	Qualquer nível	" "	"
3	Segundo livro Sodré	Médio	Sodré, B. S.	Nacional
4	Terceiro livro Sodré	Forte	" "	"
5	O clube dos sete amigos	Qualquer nível	Rialva, Rita	Francisco Alves
6	Vamos conhecer o Rio Grande	" "	Lima G. E. e G.	Globo
7	Na roça (Escolas Rurais)	" "	Fleury, R. S.	Melhoramentos
8	Série Pátria Brasileira (2)	Fraco e Médio	" "	"
9	Segundo livro de leitura	" " "	Proença A. F.	Melhoramentos

LIVROS PARA BIBLIOTECA DE CLASSE: 3.º ANO

N.º	TÍTULO	AUTOR	EDITORA
1	Minha Terra (2)	Câmara, Ivanise e outras	Edit. do Brasil
2	Leitura (2)	Braga, Erasmo	Melhoramentos
3	Brasil, minha Terra	Sette, Mário	"
4	Vida higiênica	Moraes, Pedro D.	"
5	Bem-te-vi Feiticeiro	Andrade, Tales C.	"
6	Os três grãos de trigo	Fleury, Renato S.	"
7	O rei castigado	" "	"

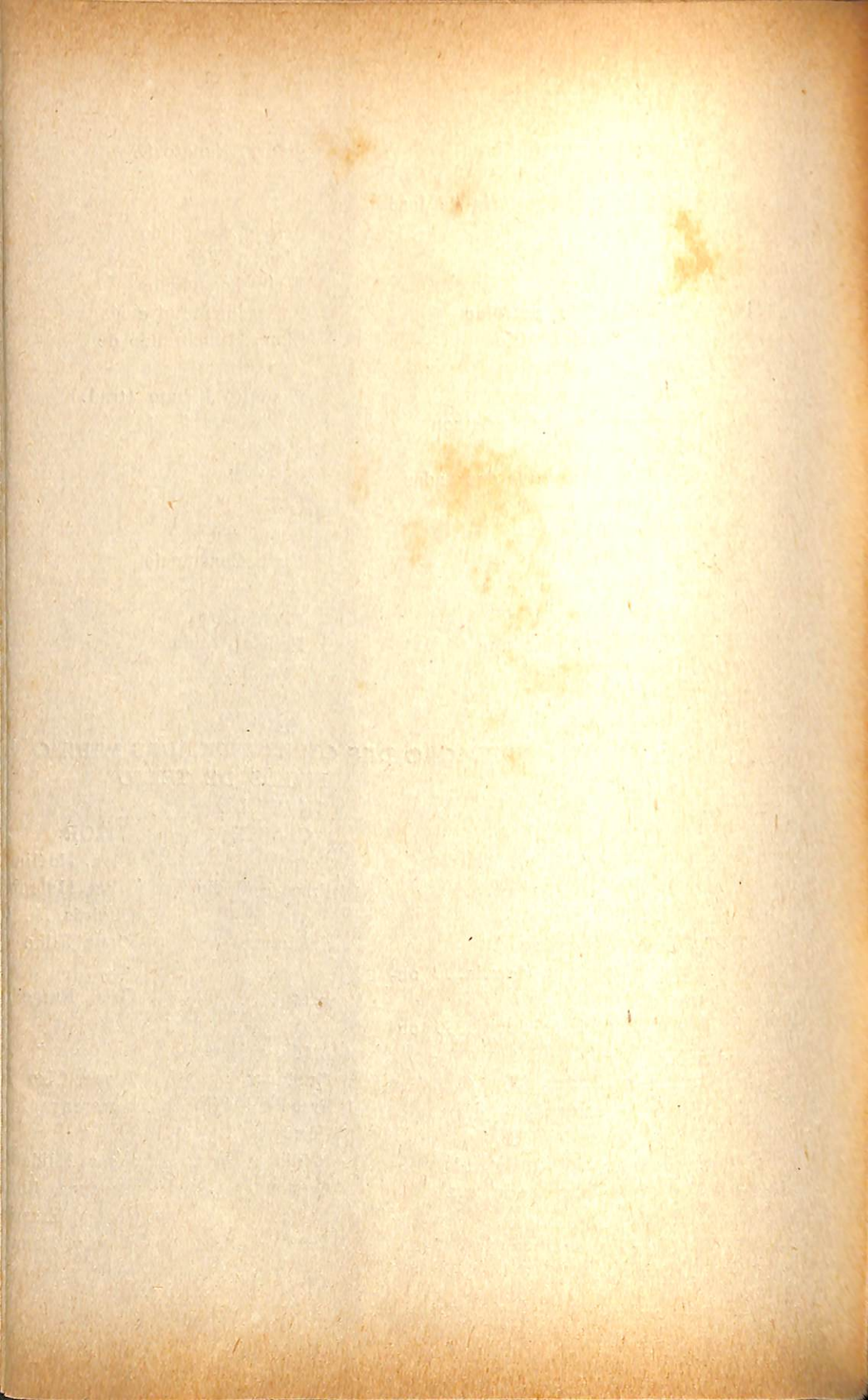


8	História do corcundinha	Fleury, Renato S.	Melhoramentos
9	O menino do bosque	" "	"
10	A maravilhosa história de José	" "	"
11	Você já foi à Bahia?	Arroyo, Leonardo	"
12	A gata borralheira	Disney, Walt	"
13	Vida espiritual	Vigil, Constâncio	"
14	A história do petróleo	Petersan, Maud e M.	"
15	Lições do tio Emílio	Lima, Hildebrando de	Nacional
16	Contos de Fadas	Perrault	"
17	Contos de Andersen	Monteiro Lobato (trad.)	"
18	Novos contos de Andersen	" " "	"
19	Pinóquio	Collodi	"
20	Ana Lúcia no país das fadas	Salvi, Nina	Paulinas
21	Joaninha	" "	"
22	Julinho travêso	Romano	"
23	Sinhá Zefa	Vigil, Constâncio	Inst. Progresso
24	Chicharrão	" "	"
25	O lápis maravilhoso	Alves, Ciro	Edit. do Brasil
26	O livro de Heleninha	Paixão, Valda	Pia Soc. de São Paulo
27	Minha Infância	Romano	Paulinas
28	Estrelinhas	"	"
29	Minhas lições	Rialva, Rita A.	Francisco Alves

RELAÇÃO DAS OBRAS INDICADAS PARA O 4.º ANO

LIVROS DE TEXTO

N.º	TÍTULO	NÍVEL DA CLASSE	AUTOR	EDITORA
1	Minha Terra (4)	Forte	Silva, Noélia	Editôra do Brasil
2	Minha Terra (3)	Fraco e Médio	Silva, Helenita e Queirós, M. J. P.	" " "
3	Alegria e bondade	Qualquer	Viana Filho	" " "
4	Uma história e depois... outras (3)	Fraco	Grisi, Rafael	" " "
5	Uma história e depois... outras (4)	Médio e Forte	" "	" " "
6	Ler e aprender (3)	Qualquer	Alves, Ciro	" " "
7	Terra Querida (3)	Fraco e Médio	Alvarenga, Lúcia	Nacional
8	Terra Querida (4)	Forte	" "	"
9	Lições do tio Emílio (4)	Médio e Forte	Lima, Hildebrando	"
10	Terceiro livro de leitura	Qualquer	Proença, Antônio F.	Melhoramentos
11	Leitura (3)	Forte	Braga, Erasmo	"
12	Série Pátria Brasileira (3)	Médio e Forte	Fleury, Renato S.	"



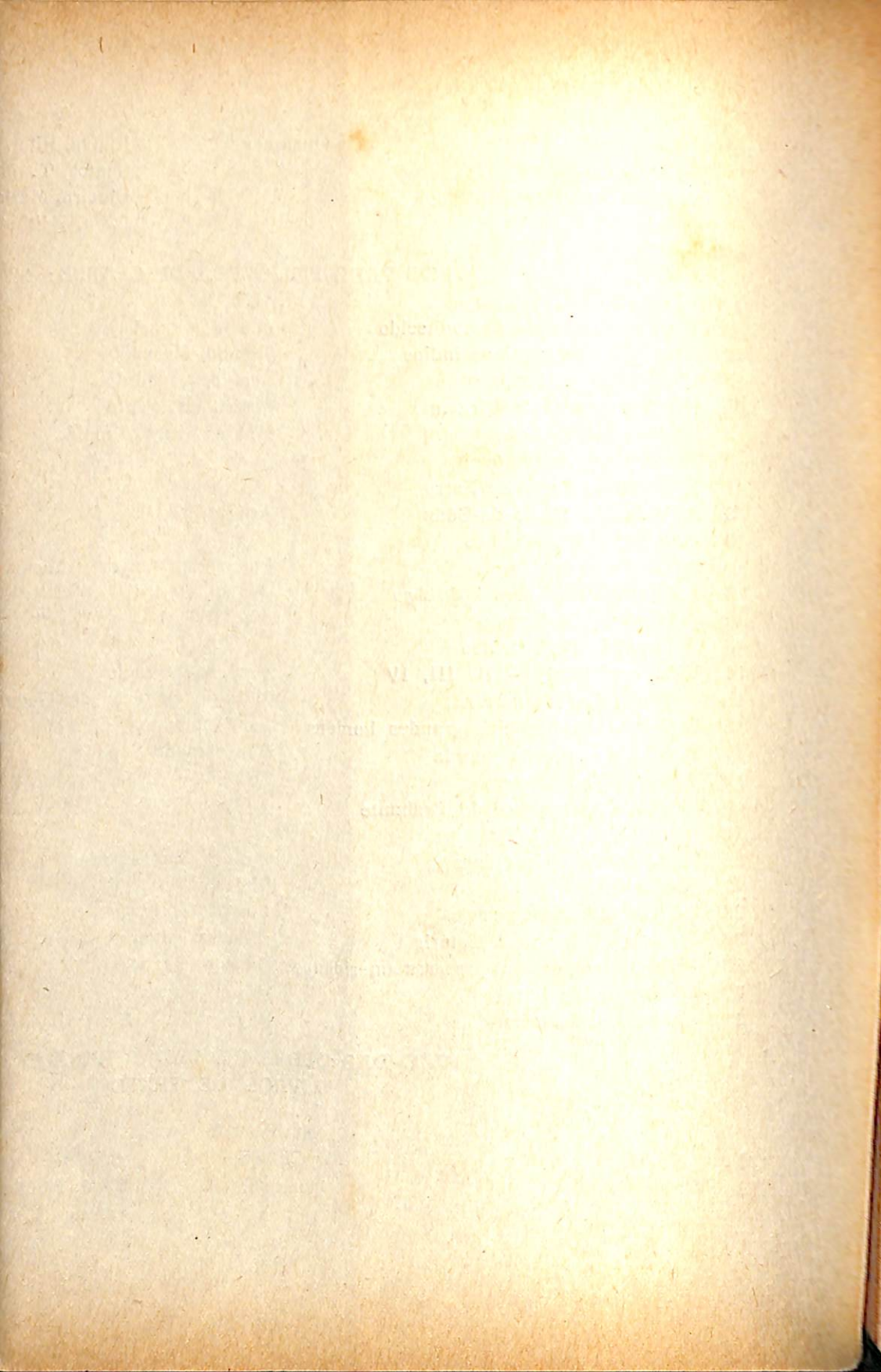
13	Minhas lições (4)	Qualquer	Rialva, Rita A.	Francisco Alves
14	Criança brasileira (4)	"	Santos, T. M.	Agir
15	Nosso é o futuro (4)	"	Ribeiro, Maria G. e Lima, Edith G.	Coruja

LIVROS PARA BIBLIOTECA DE CLASSE: 4.º ANO

N.º	TÍTULO	AUTOR	EDITORA
1	Viagem ao mundo desconhecido	Marins, Francisco	Melhoramentos
2	Histórias dos meninos índios	Donato, Hernani	"
3	Você já foi à Bahia?	Arroyo, Leonardo	"
4	Histórias da Mata Virgem	Magalhães, Paulo	"
5	História da Aviação	Moura, Pedro Almeida	"
6	História do Automóvel	" " "	"
7	História do Trem de Ferro	" " "	"
8	A Vida do Bicho-da-Sêda	Artigas, M. Souza	"
9	A Cidade das Abelhas	" "	"
10	A História do Ouro	Petershan, Maude e Miska	"
11	A História do Ferro e do Aço	" " " "	"
12	A História do Carvão	" " " "	"
13	A História do Petróleo	" " " "	"
14	Vida espiritual — II, III, IV	Vigil, Constâncio	"
15	Negro velho de guerra	Moreira, Baltazar de Godoi	Ed. do Brasil
16	Infância humilde dos grandes homens	Luz, Clemente	" " "
17	A casa do anjo da guarda	Condessa de Segur	Ed. do Brasil
18	Rosa de Tanemburgo	Schmidt	Anchieta
19	Genoveva, Duquesa de Brabante	"	"
20	Inês	"	"
21	Conceição de Uruapiara	Junior, Júlio Souza	Record
22	Jaguaruçu	Rialva, Rita Amil	Briguiet
23	D. Quixote das crianças	Lobato, Monteiro	Nacional
24	Eu vou contar uma história	Oliveira, Alvarus	Graf. Edit. Souza
25	Vida e costumes dos pássaros americanos	Hanson, Patrick	Codex
26	O gigante de botas	Fontes, Narbal	—
27	Animais industriais	Puyol, Hector S.	—

RELAÇÃO DAS OBRAS INDICADAS PARA O 5.º ANO LIVROS DE TEXTO

N.º	TÍTULO	NÍVEL DA CLASSE	AUTOR	EDITORA
1	Minha Terra 4.º	Qualquer	Silva, Noélia M. e outras	Editôra do Brasil



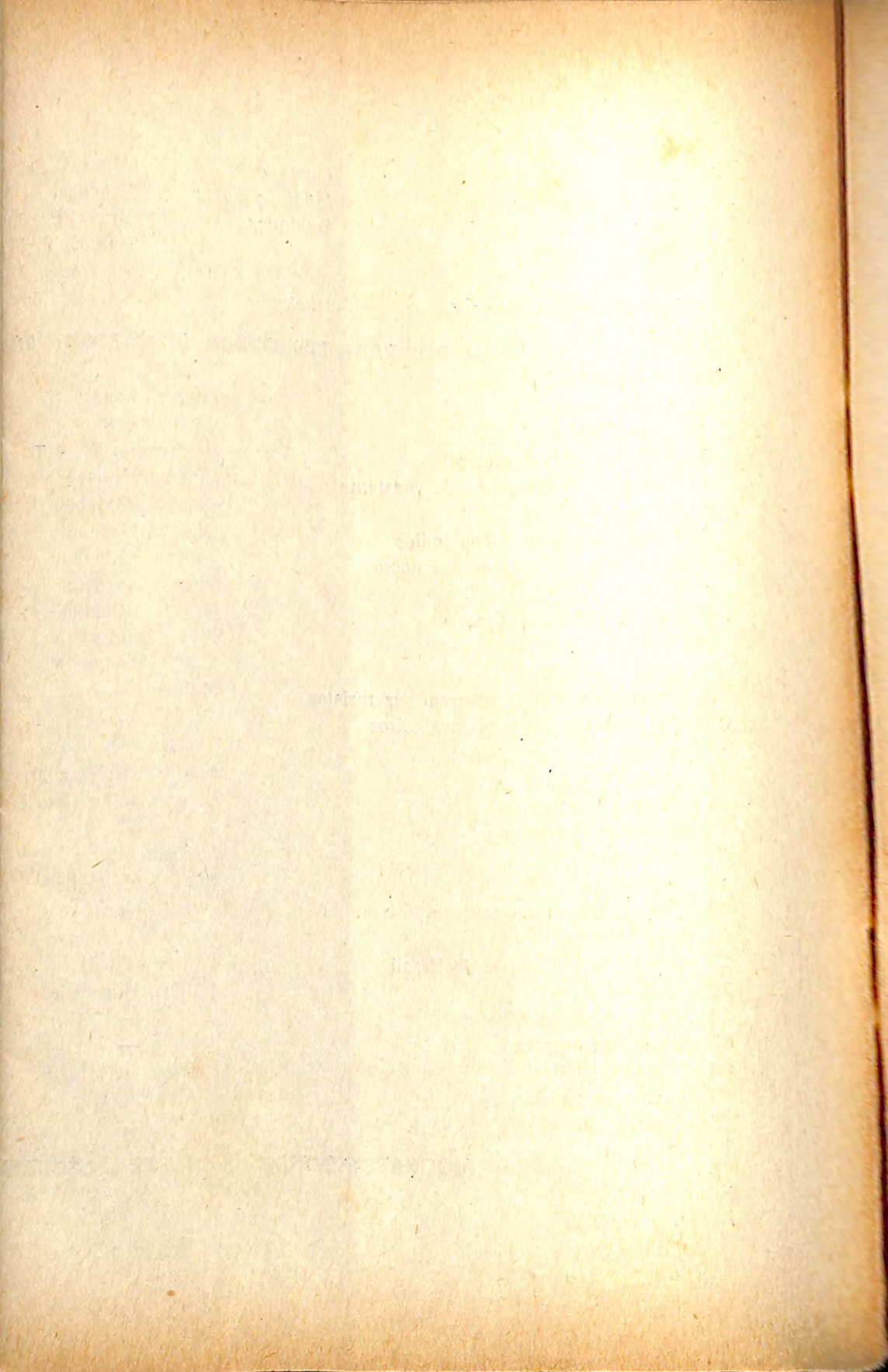
2	Ler e aprender	Qualquer	Alves, Ciro	Ed. do Brasil
3	Quarto livro de leitura	Médio e Forte	Proença, A. F.	Melhoramentos
4	Leitura 4.º	Qualquer	Braga, Erasmo	"
5	Criança Brasileira 5.º	"	Santos, T. M.	Agir
6	Seleta	Médio e Forte	Alvarenga, L.	Nacional
7	Páginas para a juventude	Qualquer	Cabral, Eddy F.	Editôra do Brasil

LIVROS PARA BIBLIOTECA DE CLASSE: 5.º ANO

N.º	TÍTULO	AUTOR	EDITORA
1	Série Pátria Brasileira	Fleury, Renato S.	Melhoramentos
2	Nossa Pátria	Rocha Pombo	"
3	A História do Petróleo	Petersham, M. e M.	"
4	Vitaminas bastante saúde constante	Ribeiro, Fonseca	"
5	A mamãezinha	Rinaldi, Guiomar L.	"
6	Histórias dos meninos índios	Donato, Hernani	"
7	Outros mundos além dos nossos	Fontany, Elena	"
8	Vida Espiritual II, III, IV	Vigil, Constâncio	"
9	Eu, Serafim e o Zeca	Moreira, Baltazar G.	"
10	O Robinson Suiço	Wyss, David	Globo
11	Bons companheiros	Costa, Marieta M. B.	"
12	Rute e Alberto resolveram ser turistas	Meireles	"
13	Carlos Magno e seus cavaleiros	—	"
14	A vida de Joana D'Arc	Veríssimo, Érico	"
15	Pindorama	Fontes, Ofélia e N.	Francisco Alves
16	Pátria Brasileira	Bilac, Coelho Neto e	"
17	S. Antônio de Pádua	—	"
18	S. Roque	Mazzullo, T.	Pia Soc. S. Paulo
19	O bom caminho	Souza, A. Mello	" " " "
20	Porque me ufano do meu País	Celso, Afonso	Getúlio Costa
21	Teatro Infantil	Dourado, Dagmar	Briguiet
22	Geografia e História do Brasil	Santos, T. M.	Selbach
23	Coração	Amicis, Edmundo	Agir
24	Índios do Mato Grosso	—	—
25	Brasil de outrora	—	—
26	História Bíblica	Becker, D. João	—
27	Formação da Pátria	—	—
28	Guerra Holandesa	—	—

OBRAS BIOGRÁFICAS INDICADAS PARA O CURSO PRIMÁRIO

N.º	TÍTULO	AUTOR	EDITORA
1	Ruy Barbosa	Anísio, Pedro	Ed. Paulinas
2	Santos Dumont	Fleury, Renato S.	Melhoramentos



3	Anchieta	Fleury, Renato S.	Melhoramentos
4	Barão do Rio Branco	" "	"
5	D. Pedro II	" "	"
6	Gusmão, o padre voador	" "	"
7	Almirante Tamandaré	" "	"
8	Pedro Américo	" "	"
9	Ruy Barbosa	" "	"
10	Coelho Neto	Dantas, Paulo	"
11	Tobias Barreto	" "	"
12	Olavo Bilac	Arroyo, Leonardo	"
13	Pequena História de Uma Grande Vida	Oliveira, Alvarus	Gráfica Ed. Souza
14	Infância humilde dos grandes homens	Luz, Clemente	Editôra do Brasil
15	Joaquim Nabuco	Nabuco, Carolina	Melhoramentos

RELAÇÃO DE LIVROS PARA O CURSO SUPLETIVO

I — LIVROS DE TEXTO

N.º	TÍTULO	AUTOR	EDITORA
1	Contos e versos	Peixoto, Vicente	Campanha pela Biblioteca do Alfabetizado
2	Pequenos trechos	Melo, Otaviano	Melhoramentos
3	Ler (cartilha)	—	Minist. de Educ. e Saúde
4	Saber (2.º livro)	—	Idem
5	Viver (Guia do Bom Cidadão)	—	Idem
6	O Bom Caminho	Mello e Souza	Getúlio Costa
7	1.º Livro (Leit. intermediária)	Reis, Morel M.	Francisco Alves
8	Páginas para a juventude (Antologia)	Cabral, Eddy Flores	Editôra do Brasil
9	Um mundo novo (Leitura intermediária)	" " "	Edit. do Brasil (no prelo)
10	Seleta (para curso de admissão)	Alvarenga, Lúcia de	Cia. Editôra Nacional

II — LIVROS PARA LEITURA SUPLEMENTAR

N.º	TÍTULO	AUTOR	EDITORA
1.	Através do Brasil	Bilac e Bomfim	Francisco Alves
2	Viagem pelo Brasil	Pena, Maria Salomé	" "
3	Livro de Leitura	Bilac e Bomfim	" "
4	Contos Pátrios	Coelho Netto e Bilac	" "
5	Nossas Lendas	Starling, Nair	" "
6	O coração	Amicis, Edmundo de	" "
7	Nossa Pátria	Rocha Pombo	Melhoramentos
8	Brasil, Minha terra	Sette, Mário	"
9	Alma Brasileira	Cintra, Assis	"

LIBRARY OF THE
MUSEUM OF NATURAL HISTORY

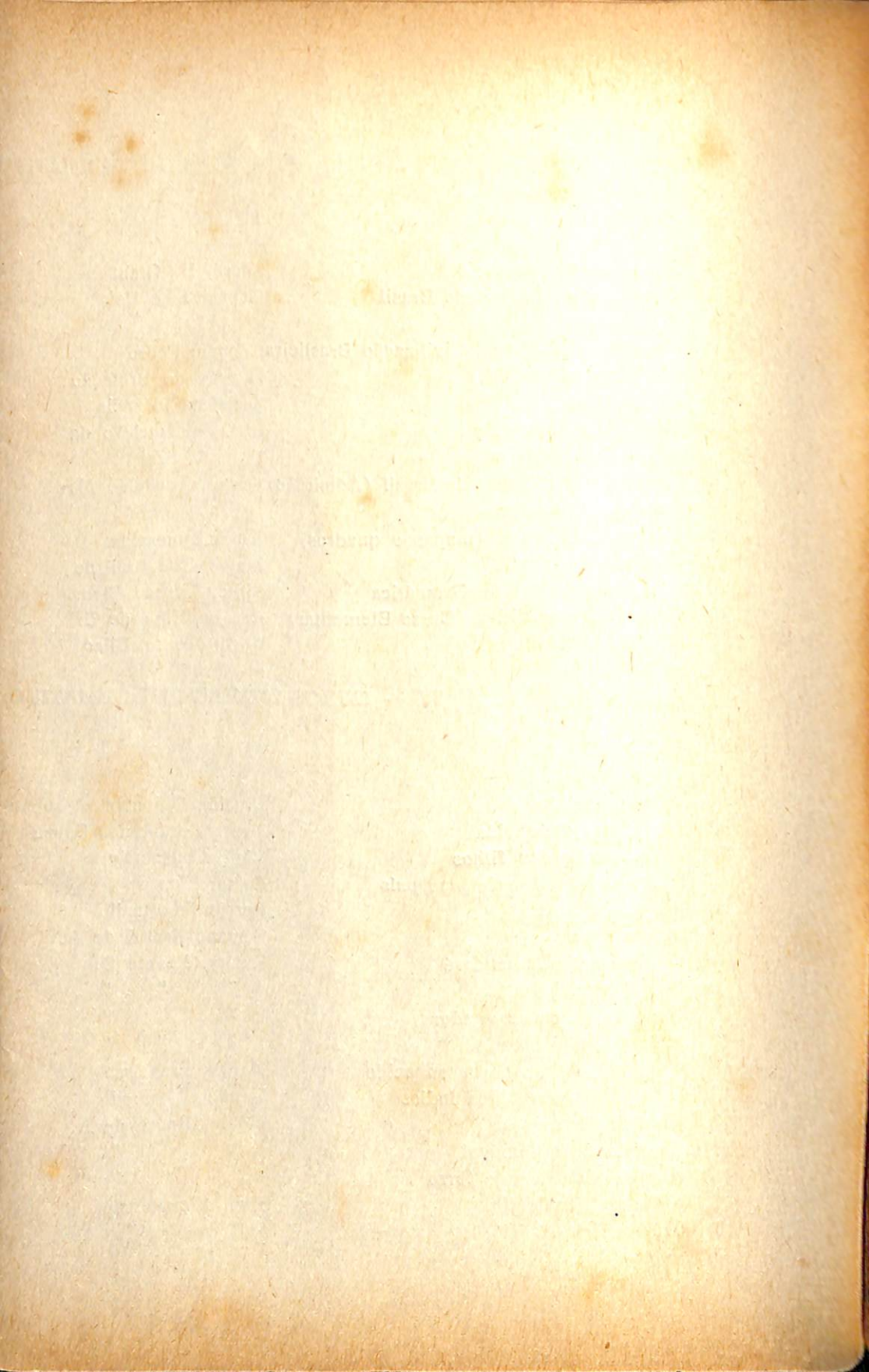
1880
MUSEUM OF NATURAL HISTORY
NEW YORK

III — LIVROS DIDÁTICOS INFORMATIVOS

N.º	TÍTULO	AUTOR	EDITORA
1	Primeiras lições úteis	Sodré, B. Stahl	Cia. Editora Nacional
2	Geografia e História do Brasil	Gonçalves e Reis	Campanha pela Biblioteca do Alfabetizado
3	Pequena História da Civilização Brasileira	Calmon, Pedro	Cia. Editora Nacional
4	Cuidemos da criança	Divisão de Proteção Social da Infância	Dep. Nacional da Criança
5	Guia de alimentação	Inst. de Nutrição da Univ. do Brasil	Dep. Nac. de Educação
6	Geografia e História do Brasil (Admissão)	Santos, Teobaldo M.	Ed. Agir
7	Regime alimentar	—	Dep. Nac. da Criança
8	História do Brasil (mapas e quadros)	Lobe, Esmeralda	Francisco Alves
9	História do Brasil	Rialva, Rita Amil de	" "
10	Primeiras noções de Gramática	Pinto, Alfredo Clem.	Selbach
11	Gramática expositiva (Curso Elementar)	Pereira, Eduardo C.	Cia. Editora Nacional
12	A Pátria Brasileira	Coelho Netto, Bilac	Francisco Alves

IV — LIVROS LITERÁRIO-INFORMATIVOS :

N.º	TÍTULO	AUTOR	EDITORA
1	A mamãezinha	Rinaldi, Guiomar	Melhoramentos
2	Um começo de vida	Dantas, Raimundo Souza	Min. Educ. e Saúde
3	A Educação dos filhos	Vigil, Constâncio	Melhoramentos
4	Porque me ufano de meu país	Celso, Afonso	Livr. Garnier
5	Almas infantís	Perestrelo, Danilo	SNES - Min. de Ed. e Saúde
6	Minha casa	Serrano, Isabel de A.	Ed. Vozes de Petrópolis
7	O Almirante Tamandaré	Fleury, Renato S.	Melhoramentos
8	Pedro Américo	" " "	"
9	Gusmão, o padre voador	" " "	"
10	A festa da bicharada	" " "	"
11	Viagem ao mundo desconhecido	Marins, Francisco	"
12	História dos meninos índios	Donato, Hernani	"
13	História da aviação	Moura, Pedro de A.	"
14	História do automóvel	" " " "	"
15	História do trem de ferro	" " " "	"
16	Vida espiritual (II)	Vigil, Constâncio	"
17	Vida espiritual (III)	" "	"



18	Vida espiritual (IV)	Vigil Constâncio	Melhoramentos
19	A história do ouro	Petersham, Maud e Mika	"
20	A história do carvão	" " " "	"
21	A história do ferro e do aço	" " " "	"
22	A história do petróleo	" " " "	"
23	A espera do médico	—	Imprensa do Gov. dos Estados Unidos
24	Segurança no trabalho	—	Embaixada dos Est. Unidos
25	Produção e Saúde	Firmeza, Hugo	SNES - Min. de Ed. e Saúde
26	Lindaura vai fazer manteiga — Tirar leite tem ciência — O grão de ouro — Uma das melhores frutas do ano — Como guardar ovos durante 6 meses	Serviço de Informação agrícola	Min. da Agricultura
27	Orientações essenciais às funções de mestre	—	A. J. Renner, Indústria do Vestuário
28	Pequeno Lord	Burnett, Frances H.	Ed. Minerva
29	O feiticeiro de Oz	Baum, L. Frank	Ed. Progresso - Lisboa
30	A vida de Joana D'Arc	Veríssimo, Érico	Globo
31	Verônica	Spyri, Johanna	"
32	Eveli	" "	"
33	Dora	" "	"
34	Heidi nos Alpes	" "	"
35	David Copperfield e seus companheiros	Dickens (adat.)	Melhoramentos
36	A cidade das abelhas	Artigas, Maria S. C.	"
37	Conto de Natal	Dickens, Charles	"
38	Árvores Milagrosas	Andrade, Tales C. de	"
39	El-rei D. Sapo	" " " "	"
40	Carlos Magno e seus cavaleiros	Leão, Pepita de	Globo
41	Sombras que vivem (ortografia antiga)	Toledo, João	Francisco Alves
42	Infância humilde dos Grandes homens	Luz, Clemente	Ed. do Brasil
43	Marta e Jorge	Vigil, Constâncio	Melhoramentos
44	Como vencer na vida	Hill, Napoleão	J. Olímpio
45	A arte de fazer amigos	Carnegie, Dale	" "
46	O livro das noivas	Almeida, Júlia L.	" "
47	Os três mosqueteiros	Dumas, Alexandre	Melhoramentos

PROVA-DIAGNÓSTICO

I N S T R U Ç Õ E S
PARA APLICAÇÃO DA PROVA-DIAGNÓSTICO
2.º A N O

INSTRUÇÕES GERAIS

Finalidade

Esta prova tem por fim informar o professor sôbre as dificuldades não dominadas por uma criança ou pela classe, relativamente à matéria que foi objeto da aprendizagem no ano anterior.

Conhecidos, nos primeiros dias de aula, os aspectos que não foram assimilados por um aluno ou pela maioria dêles, poderá o professor, com fundamento nos resultados desta prova, organizar e dirigir o seu trabalho com mais eficiência, atendendo às necessidades individuais.

Natureza da prova

Na prova diagnóstico se apresentam tôdas as dificuldades que um determinado processo envolve, razão por que tem caráter analítico, sendo, conseqüentemente, longa; difere, portanto, da prova objetiva final de verificação do aproveitamento escolar.

Época de aplicação

Esta prova destina-se a alunos de 2.º ano e deverá ser aplicada nos primeiros dias letivos do ano escolar.

Normas para aplicação

A prova diagnóstico, já por sua finalidade, já por sua natureza, requer cuidados especiais na sua aplicação.

Assim, para que os resultados desta prova informem, com exatidão, sobre as deficiências da aprendizagem, é necessário observar as seguintes normas:

- a) O professor deve despertar o interesse dos alunos pela prova, levando-os a realizá-la com o máximo de boa vontade e entusiasmo. Procurará estimulá-los, principalmente na parte que se refere à Matemática, onde o trabalho é pouco variado. Para isso, poderá dirigir-se a eles, assim:
— Aqui estão muitas continhas. Quero ver quem vai fazer o maior número de contas certas.
E quando da resolução dos problemas:
— Temos muitos problemas para vocês resolverem. Quero ver quem vai acertar o maior número de problemas.
Vamos trabalhar com todo o cuidado.
- b) O professor providenciará para que haja, na sala de aula, número suficiente de carteiras, pois cada aluno deve ocupar, sozinho, uma carteira, embora esta seja bipessoal.
- c) As carteiras não devem ficar muito próximas umas das outras, a fim de evitar qualquer comunicação entre os alunos.
- d) O professor deverá, nos intervalos que medeiam entre as várias partes da prova, mandar fechar as fórmulas sobre as carteiras, impedindo que, ao recomençar o trabalho, os alunos alterem ou corrijam questões já respondidas.
- e) Não há tempo marcado para a execução dos exercícios. O professor deverá esperar que todos terminem, podendo, entretanto, passar para a parte seguinte, quando verificar que um aluno ou pequeno grupo de alunos não conclui o trabalho, porque seu nível de adiantamento, sendo muito inferior ao dos demais, não lhe permite responder às questões.
- f) Após a execução do trabalho previsto para cada dia, o professor prosseguirá as atividades normais da classe.
- g) A prova deve ser realizada de modo que a criança não se fatigue e incorra em erros motivados pelo cansaço. Assim, aconselhamos seja a mesma realizada em 5 dias.

LINGUAGEM

1.º dia

I e II partes, com intervalos de 5 minutos entre as mesmas.

2.º dia

III, IV e V partes, com intervalos de 5 minutos entre as mesmas.

MATEMÁTICA

3.º dia

I, II, III e IV partes, com intervalo de 5 minutos entre a III e IV partes.

4.º dia

V, VI, VII e VIII partes, com intervalo de 5 minutos entre a VI e VII partes.

5.º dia

IX, X, XI e XII partes, com intervalo de 5 minutos entre a X e XI partes.

REGISTO DOS RESULTADOS

Após a realização da prova, verificará o professor, cuidadosamente, a parte da matéria não dominada pelo aluno, registrando os resultados no gráfico que acompanha esta prova.

GRÁFICOS DAS DIFICULDADES

Linguagem

I PARTE.

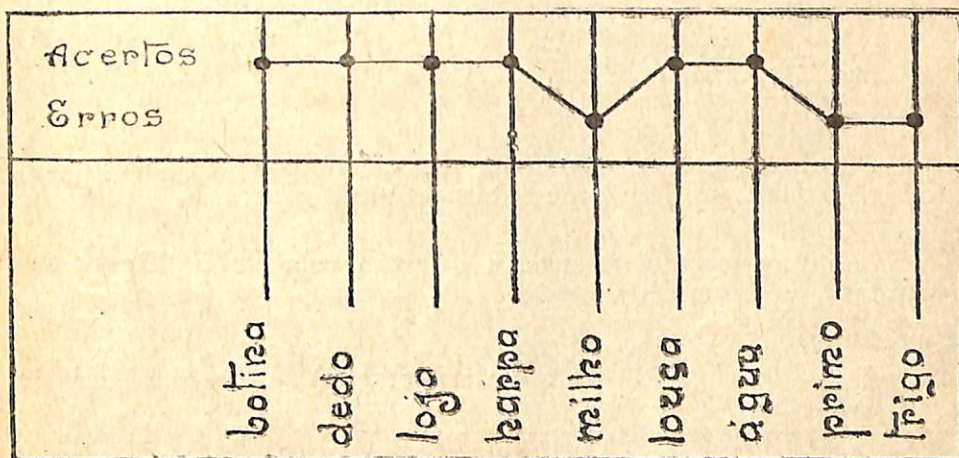
Para construir o gráfico, o professor verificará as dificuldades relativas à leitura (consoantes, grupos vocálicos e consonantais, sílabas, etc.) e traçará o gráfico do modo como se exemplifica abaixo.

Exemplo:

Dificuldades dominadas: botina, dedo, loja, harpa, louça, água.
Dificuldades não dominadas: milho, primo, trigo.

Representação gráfica:

LEITURA



II PARTE.

O gráfico será traçado da forma acima exposta, havendo, porém, um espaço destinado à anotação de outros erros que o aluno possa cometer no ditado.

Exemplo:

Dificuldades dominadas: vela, lua, fivela, mala, pipa, etc.

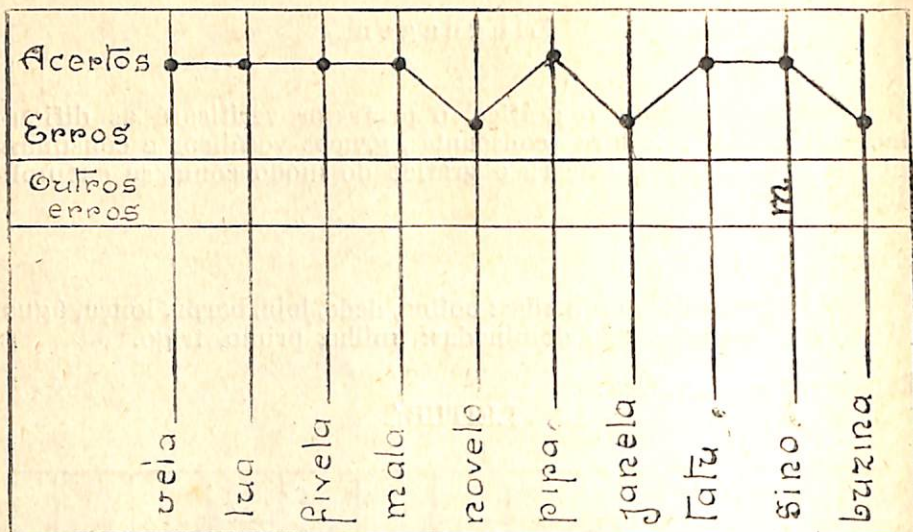
Dificuldades não dominadas: novelo, janela, buzina.

Outros erros: sino (m em lugar de n).

Dificuldade prevista: s inicial.

Representação gráfica:

DITADO



III PARTE.

O professor escreverá **Sim**, se o aluno tiver interpretado a leitura e **Não**, se deixar de interpretá-la.

Exemplo:

O aluno acertou, apenas, a questão relativa à "Resposta a perguntas", errando as demais.

Representação gráfica:

LEITURA (Interpretação)

Ordem escrita	não
Ordem oral	não
Seleção de pal.	não
Resposta a perguntas	$\frac{1}{2}$ sim
	$\frac{2}{2}$ sim

IV PARTE.

O professor anotará o número de acertos que a criança teve.

Exemplo:

Se o aluno sublinhou dois nomes de pessoas, o professor registrará 2; se não escreveu nenhum nome de coisa, anotará 0, e se sublinhou, apenas, um nome de animal, registrará 1, e, assim, por diante.

Representação gráfica:

GRAMÁTICA

Total de acertos	2	2	2	2	2
Acertos dos alunos	2	1	0		
	Pessoas	Animais	Coisas	Qualidades	Ações

Quanto à pontuação, o professor escreverá Sim, se o aluno a empregou corretamente, e, Não, caso não o tenha feito.

Exemplo:

O aluno empregou, corretamente, o ponto final, errando, porém, no emprêgo do ponto de interrogação.

Representação gráfica:

Pontuação	. sim
	? não

V PARTE.

O professor registrará o número de acertos que o aluno teve relativamente ao emprêgo de maiúsculas (5 casos) e minúsculas (3 casos) nos exercícios n.º 1 e 2.

Exemplo:

O aluno acertou 2 casos de emprêgo de maiúsculas e 3 de minúsculas.

Representação gráfica:

COMPOSIÇÃO

Total de acertos	5	5	
Acerto do aluno	2	3	
	Emprego de maiúsculas	Emprego de minúsculas	

Quanto aos exercicios de formação de frases, o professor conferirá 2 pontos se o aluno tiver usado a maiúscula inicial e tiver empregado, corretamente, o nome, a qualidade ou a ação.

Exemplo:

O aluno usou a inicial maiúscula em tôdas as frases e empregou, adequadamente, o nome, não empregando, porém, adequadamente, a qualidade e a ação.

Representação gráfica:

COMPOSIÇÃO

Formação de frases	2	1	1	
Nome				
Qualidade				
Ação				

Na parte referente à gravura, o professor anotará o número de elementos que o aluno enumerou; a seguir, escreverá **Sim**, se o aluno mencionou a ação principal, e **Não**, em caso contrário.

Exemplo:

O aluno enumerou 6 elementos e mencionou a ação principal.

Representação gráfica:

COMPOSIÇÃO

Gravura		
Elementos	6	9
Ação principal	sim	

M a t e m á t i c a

QUADRO I.

O professor registrará os fatos fundamentais da soma e da subtração não dominados pela criança, bem como as colunas revisoras dos fatos fundamentais da soma e da subtração, as somas de números compostos e as subtrações com minuendo composto (I, IV, VIII, X e XII partes).

Exemplo:

Fatos fundamentais da soma não dominados:
$$\begin{array}{r} 7 \quad 9 \quad 0 \quad 6 \quad 0 \\ 0 \quad 0 \quad 5 \quad 0 \quad 0 \\ \hline \end{array}$$

Fatos fundamentais da subtração não dominados:
$$\begin{array}{r} 0 \quad 6 \quad 8 \\ 0 \quad 0 \quad 0 \\ \hline \end{array}$$

Colunas revisoras da soma não dominadas:
$$\begin{array}{r} 0 \quad 2 \quad 8 \\ 9 \quad 1 \quad 0 \\ 8 \quad 0 \quad 0 \\ \hline \end{array}$$

Colunas revisoras da subtração não dominadas:
$$\begin{array}{r} 8-4-3= \\ 7-5-0= \end{array}$$

Somas de números compostos não dominadas: $\begin{array}{r} 30 \\ 53 \\ 16 \\ \hline \end{array}$

Subtrações de números compostos não dominadas: $\begin{array}{r} 57 \\ 20 \\ \hline \end{array}$

Subtrações com minuendo composto não dominadas: $10 - 8 =$

Representação gráfica:

|

Fatos fundamentais da soma	Fatos fundamentais da subtração
$\begin{array}{r} 7 \quad 9 \quad 0 \quad 6 \quad 0 \\ 0 \quad 9 \quad 5 \quad 0 \quad 0 \\ \hline \end{array}$	$\begin{array}{r} 0 \quad 6 \quad 8 \\ 0 \quad 0 \quad 0 \\ \hline \end{array}$
Colunas revisoras da soma	Colunas revisoras da subtração
$\begin{array}{r} 0 \quad 9 \quad 8 \\ 9 \quad 1 \quad 0 \\ 8 \quad 0 \quad 0 \\ \hline \end{array}$	$\begin{array}{r} 8 - 4 - 3 \\ 7 - 5 - 0 \end{array}$
Soma de n. ^{os} compostos	Subtração de n. ^{os} compostos
$\begin{array}{r} 30 \\ 53 \\ 16 \\ \hline \end{array}$	$\begin{array}{r} 57 \\ 20 \\ \hline \end{array}$
Subtrações com minuendo composto	
$10 - 8$	

QUADRO II.

O professor registrará as dificuldades relativas aos problemas conforme o exemplo apresentado no gráfico que segue.

Exemplo:

Problemas que o aluno acertou:

Soma de dois números simples: $5 + 3$

Soma de três números simples: $4 + 3 + 2$

Subtração de dois números simples: $8 - 2$

Uma das parcelas implica conhecimento de dúzia: $12 + 5$

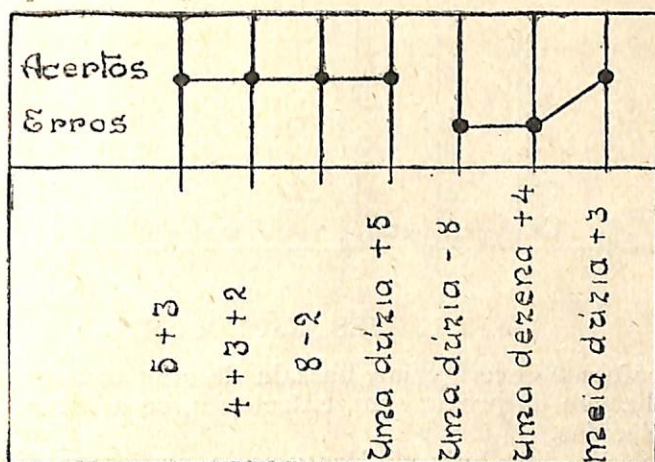
Uma das parcelas implica conhecimento de $\frac{1}{2}$ dz.: $6 + 3$

Problemas que o aluno errou:

Uma das parcelas implica conhecimento de dúzia: $12 - 8$

Uma das parcelas implica conhecimento de dezena: $10 + 4$

PROBLEMAS



Individualmente, o professor verificará quais as situações em que o aluno encontrou dificuldades em solucionar (posse, perda, compra, etc.), para posterior orientação.

QUADRO III.

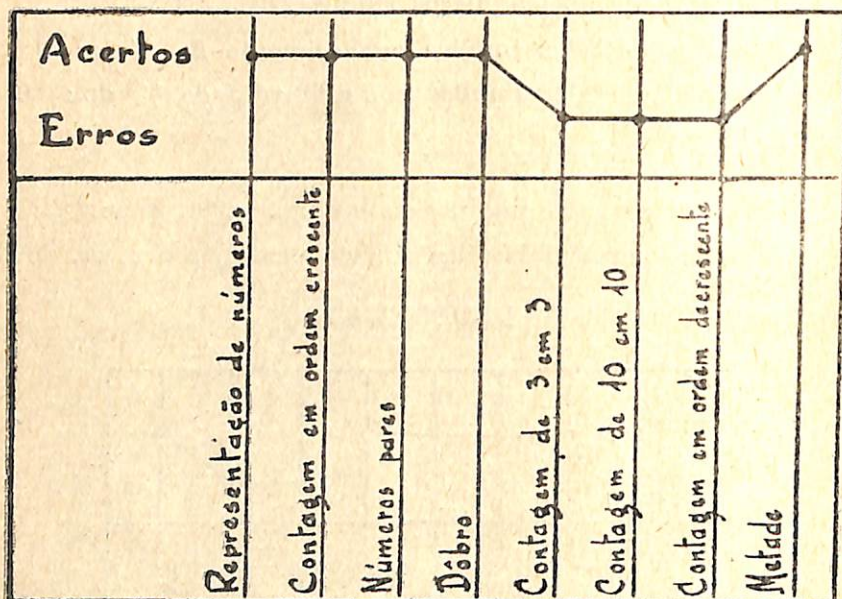
As dificuldades referentes às noções também serão registradas em gráfico semelhante ao acima exposto.

Exemplo:

Noções dominadas: representação de números, contagem em ordem crescente, números pares, dobro, metade, etc.

Noções não dominadas: contagem de 3 em 3, de 10 em 10, etc. em ordem decrescente.

NOÇÕES



INSTRUÇÕES ESPECIAIS

O professor deverá criar, na sala de aula um ambiente favorável à realização da prova, sem, entretanto, se afastar das normas aqui estabelecidas.

Depois de distribuir as fórmulas, o professor dirá com voz clara e pausada:

— Nesses cadernos, vocês vão fazer alguns exercícios. Olhem para o lugar onde está escrito "Assinatura do aluno". Cada um de vocês escreverá aí o seu nome todo.

Após verificar se todos os alunos escreveram o próprio nome prosseguirá:

— Os exercícios que vocês vão fazer, são muito fáceis, mas é preciso que vocês ouçam, com atenção, o que eu explicar. Trabalhem, cada um sozinho, calado, e sem olhar para os lados, para não perderem tempo. Não comecem sem que eu diga: — Comecem.

— Quando acabarem, cruzem os braços e esperem caladinhos, para não perturbarem os companheiros.

— Se quebrarem a ponta do lápis, levantem a mão. (Qualquer explicação individual só poderá referir-se à execução nos modelos).

L I N G U A G E M

I PARTE — Página 1

O modelo apresentado no início desta parte, deve ser feito no quadro-negro.

— Agora, nós vamos trabalhar na página 1. Ponham o dedo na palavra Modelo.

— Vamos ler as palavras que estão escritas ao lado.

(Ler em voz alta acompanhado da leitura silenciosa dos alunos).
mesa — caderno — maçã — sofá — luva — carta — porta

— Vamos, agora, passar uma linha ao redor da palavra **caderno**. Vejam como eu vou fazer no quadro:

caderno

— Vamos riscar a palavra **carta**. Assim: ~~carta~~

— Vamos marcar, com uma cruz, a palavra **sofá**. Assim:
+
sofá. Nesta página estão uns exercícios parecidos com os que fizemos. Vamos, então, trabalhar.

— Ponham o dedo no n.º 1. Leiam as palavras que estão escritas ao lado. (Pausa.)

— Atenção. Passem uma linha ao redor da palavra **botina**. (Pausa.) Risquem a palavra **dedo**. (Pausa.) Marquem, com uma cruz, a palavra **loja**. (Pausa.)

— Ponham o dedo no n.º 2. Leiam as palavras que estão escritas ao lado. (Pausa.)

— Atenção. Passem uma linha ao redor da palavra **harpa**.

(Pausa.) Risquem a palavra **milho**. (Pausa.) Marquem, com uma cruz, a palavra **louça**. (Pausa.)

E assim prosseguirá, ordenando:

— No n.º 3: Passem uma linha ao redor da palavra **água**. (Pausa.) Risquem a palavra **primo**. (Pausa.) Marquem, com uma cruz, a palavra **trigo**. (Pausa.)

— No n.º 4: Passem uma linha ao redor da palavra **gemada**. (Pausa.) Risquem a palavra **lingüiça**. (Pausa.) Marquem, com uma cruz, a palavra **régua**. (Pausa.)

— No n.º 5: Passem uma linha ao redor da palavra **cobra**. (Pausa.) Risquem a palavra **tosse**. (Pausa.) Marquem, com uma cruz, a palavra **placa**.

— No n.º 6: Passem uma linha ao redor da palavra **friso**. (Pausa.) Risquem a palavra **bloco**. (Pausa.) Marquem, com uma cruz, a palavra **grude**.

— No n.º 7: Passem uma linha ao redor da palavra **vidro**. (Pausa.) Risquem a palavra **quadro**. (Pausa.) Marquem, com uma cruz, a palavra **glória**.

— No n.º 8: Passem uma linha ao redor da palavra **moleque**. (Pausa.) Risquem a palavra **livraria**. (Pausa.) Marquem, com uma cruz, a palavra **exército**.

— No n.º 9: Passem uma linha ao redor da palavra **flauta**. (Pausa.) Risquem a palavra **creme**. (Pausa.) Marquem, com uma cruz, a palavra **claro**.

— No n.º 10: Passem uma linha ao redor da palavra **vento**. (Pausa.) Risquem a palavra **navio**. (Pausa.) Façam uma cruz na palavra **tábua**. (Pausa.)

— No n.º 11: Passem uma linha ao redor da palavra **martelo**. (Pausa.) Risquem a palavra **figo**. (Pausa.) Façam uma cruz na palavra **jardim**. (Pausa.)

— Agora, vamos fazer uns exercícios diferentes. (O modelo deve ser reproduzido no quadro-negro.)

— Vamos trabalhar aqui. (Mostrar.) Vamos ler o que está escrito. (Ler em voz alta, acompanhado da leitura silenciosa dos alunos.) — Passa uma linha em volta da palavra que diz o que o desenho mostra.

— Ponham o dedo no desenho da “bola”. Vamos ler as palavras que estão escritas ao lado do desenho. (Ler, acompanhado da leitura silenciosa dos alunos.)

baba — bôlo — bola — bule — lôbo

— Qual é a palavra que diz o que o desenho mostra? “bola”.

Muito bem. Vejam o que eu vou fazer no quadro-negro. Exemplificar: (bola) Eu passei uma linha ao redor da palavra bola, que é a palavra que diz o que o desenho mostra.

— Agora, façam a mesma coisa no caderno de vocês. (O professor deve verificar se todos compreenderam a ordem, ensinando, individualmente, aos que não a tenham compreendido.)

— Vocês vão trabalhar, cada um sozinho, do n.º 1 até o n.º 17. (Mostrar.)

— Quando terminarem, cruzem os braços.

— Vamos, comecem.

— Agora, vamos descansar um pouco. Deixem os lápis sobre a classe.

Intervalo: 5 minutos.

II P A R T E

— Vamos fazer, aqui, um trabalho diferente. Prestem bastante atenção.

— Ponham o dedo no n.º 1. Escrevam, ao lado, na linha de pontos, a palavra “bule”.

(Dar tempo a que tôdas as crianças escrevam cada palavra para ditar a seguinte.)

— Ponham o dedo no n.º 2: Escrevam, ao lado, na linha de pontos, a palavra “dado”. E, assim, prosseguirá, mandando escrever:

— No n.º 3: “vela”.

— No n.º 4: “lua”.

— No n.º 5: “fivela”.

— No n.º 6: “mala”.

— No n.º 7: “novêlo”.

— No n.º 8: “pipa”.

— No n.º 9: “janela”.

— No n.º 10: “tatu”.

— No n.º 11: “sino”.

— No n.º 12: “buzina”.

— No n.º 13: “cavalo”.

— No n.º 14: “cebola”.

— No n.º 15: “taça”.

— No n.º 16: “rato”.

— No n.º 17: “galo”.

— No n.º 18: “girafa”.

— No n.º 19: “leque”.

— No n.º 20: “pêra”.

- No n.º 21: “foguetete”.
- No n.º 22: “exame”.
- No n.º 23: “pluma”.
- No n.º 24: “pedra”.
- No n.º 25: “missa”.
- No n.º 26: “fruta”.
- No n.º 27: “globo”.
- No n.º 28: “cravo”.
- No n.º 29: “flor”.

— Agora, virem a página.

— Vou ditar umas frases. Escrevam tôda a frase certa. Ponham o dedo no n.º 30. Escrevam, ao lado, na linha de pontos:

“Eu fui ver a sala de aula.” (Pausa.)

— Ponham o dedo no n.º 31. Escrevam, ao lado, na linha de pontos: “O pai de Lia viajou durante a noite.” (Pausa.)

— Agora, vamos fazer outros exercícios. (O modêlo deve ser reproduzido no quadro-negro.)

— Ponham o dedo nesse quadro. (Mostrar o modêlo.) Aí está um desenho. Qual será a letra que falta para completar a palavra que o desenho representa? “p”. Muito bem.

— Vejam, agora, o que eu vou fazer no quadro-negro: eu vou escrever a letra “p” na linha de pontos, porque é esta a letra que está faltando para completar a palavra “pato”.

— Agora, vocês vão fazer a mesma coisa no caderno de vocês. (Verificar se todos os alunos executaram o modêlo.)

— Aí, no caderno de vocês, estão muitos exercícios parecidos com êste. Trabalhem, cada um sòzinho, até aqui. (Mostrar o n.º 20.) Quando terminarem, cruzem os braços.

III PARTE

— Agora, vamos, fazer outros exercícios. (O modêlo deve ser reproduzido no quadro-negro.) O professor escreverá sòmente as frases, verificando se todos os alunos cumpriram a ordem.

— Ponham o dedo no desenho. Vamos ler as frases escritas ao lado. (Ler em voz alta, acompanhado da leitura silenciosa dos alunos.)

“Julinho fêz anos ontem. Êle ganhou muitos presentes. Vovô lhe deu uma bicicleta. Papai comprou-lhe uma caixa de ferramentas. Aqui está o bôlo de Julinho.”

— Vamos ler a ordem: (Ler em voz alta, acompanhado da leitura silenciosa dos alunos.) Marca, com uma cruz, a frase que

diz o que o desenho mostra. Qual é a frase que diz o que o desenho mostra? "Aqui está o bôlo de Julinho." Muito bem.

— Vejam, agora, o que eu vou fazer no quadro-negro: vou fazer uma cruz ao lado da frase que diz o que o desenho mostra.

(Exemplificar: + Aqui está o bôlo de Julinho.)

— Agora, vocês vão fazer a mesma coisa no caderno. (Verificar se todos os alunos executaram o modelo.)

— Ponham o dedo no n.º 1. Leiam as frases escritas ao lado e reparem a ordem dada. Trabalhem, cada um sozinho.

— Quando terminarem, cruzem os braços.

— Ponham o dedo no n.º 2. Leiam as frases escritas ao lado. (Pausa.)

— Atenção: Façam uma linha em baixo da frase que diz o que é que Roberto ganhou. (Pausa.)

— Vamos passar para a outra página.

— Agora, ponham o dedo na palavra "Modelo".

(O modelo deve ser reproduzido no quadro-negro.) Vamos ler o que está escrito abaixo. (Ler, acompanhado da leitura silenciosa dos alunos.)

"No quintal da nossa escola
Vamos plantar o
O trabalho é a grande mola
Que dá força ao coração."

— Vamos ler a ordem abaixo: (Ler, acompanhado da leitura silenciosa dos alunos.)

"Lê as palavras abaixo e escreve, na linha de pontos, a palavra que serve para completar o verso:

batatas — vestido — flores — feijão — rosas.

— Qual é a palavra que serve para completar o verso? "feijão". Muito bem. Vejam o que eu vou fazer no quadro-negro: eu vou escrever a palavra feijão, que é a que serve para completar o verso.

— Vocês vão fazer a mesma coisa no caderno. (Verificar se todos os alunos executaram o modelo.) Façam, agora, os exer-

cícios até a pergunta n.º 2 do trecho de leitura. (Mostrar.) Quando terminarem, fechem os cadernos e cruzem os braços.

Intervalo: 5 minutos.

IV P A R T E

— Agora, vamos passar para a IV parte. (Mostrar.) Leiam com atenção e façam o que as frases mandam. Trabalhem até o n.º 6 que está na página seguinte. (Mostrar.)

— Quando terminarem, cruzem os braços.

— Agora, vou ler as frases do n.º 7. Prestem muita atenção. No fim de cada frase que eu ler vocês não esqueçam a pontuação. Ponham o dedo na letra a. (O professor lê a frase seguinte.)

“Onde está o caderno de Lili?”

Coloquem, agora, a pontuação no fim da frase.

— Ponham o dedo na letra b. (O professor lê a frase.)

“Laura ganhou uma boneca.”

Coloquem, agora, a pontuação no fim da frase.

Intervalo: 5 minutos.

V P A R T E

— Vamos fazer, agora, os exercícios da V parte. (Mostrar.) Leiam, com atenção, e façam o que as frases mandam. Trabalhem até o n.º 5. (Mostrar.)

— Quando terminarem, cruzem os braços.

— Vamos trabalhar aqui. (Mostrar.) Vejam que bonita gravura. Olhem bem tudo o que está nesta figura. (Esperar que as crianças observem bem.)

— Agora, ponham o dedo no n.º 7. Vamos ler o que está escrito aí. (Ler, em voz alta, acompanhado da leitura silenciosa das crianças.)

“Escreve o nome de tudo o que estás vendo no desenho.”

— Escrevam, então, o nome de tudo o que está no desenho. Em cada linha escrevam um só nome.

— Quando terminarem, cruzem os braços.

— Agora, ponham o dedo no n.º 8. (Verificar se tôdas as crianças estão atentas.)

— Vamos ler, com atenção a pergunta. (Ler, em voz alta, acompanhado da leitura silenciosa dos alunos.)

“Que está fazendo a menina?”

Escrevam a resposta na linha de pontos.

— Vamos, escrevam.

— Quando terminarem, cruzem os braços.

M A T E M Á T I C A

I P A R T E

Depois de distribuir as fórmulas, o professor dirá:

— Vamos trabalhar nesta fôlha. Reparem, é a página n.º 1.

— Ponham o dedo no n.º 1. (Mostrar.) Ai estão umas continhas de somar. Vocês vão trabalhar até o n.º 5. (Mostrar.)

— Quando terminarem, cruzem os braços.

II P A R T E

— Vamos ler o que está escrito aqui: (Ler, acompanhado da leitura silenciosa dos alunos.)

“Resolve êstes problemas, põe a resposta na linha pontuada e escreve, no quadrinho, a conta que fizeste.”

— Ponham o dedo no “Modêlo”. Ai está um probleminha para vocês resolverem. Vamos ler. (Ler acompanhado da leitura silenciosa dos alunos.)

“Lili ganhou 3 balas da mamãe e 6 balas da vovó. Quantas balas ela ganhou?”

Dada a resposta pelas crianças, dirá:

— Que fizeram vocês para achar esta resposta? Uma continha. Muito bem. Vejam, então, o que eu vou fazer no quadro-negro. Eu vou escrever a resposta na linha pontuada (escreve) e a continha que vocês fizeram no quadrinho. (Escrever dentro do retângulo a conta. $| 3 + 6 = 9 |$)

— Façam o mesmo no caderno de vocês. (Verificar se todos compreenderam a ordem, ensinando, individualmente, aos que não a tenham entendido.)

— Vamos ler, agora, o outro problema. (Ler o problema b acompanhado da leitura silenciosa dos alunos.)

“Jorge comprou 5 maçãs. Ele deu 3 maçãs para Lili.

Jorge ficou com maçãs.

— Com quantas maçãs Jorge ficou? Com 2. Muito bem. Escrevam então, na linha de pontos, o n.º 2. (Verificar se todos

compreenderam a ordem, ensinando, individualmetne, aos que não a tenham compreendido.)

— Eu vou agora escrever a conta que vocês fizeram no quadro. (Escrever.)

— Agora, vocês vão fazer os outros problemas. Leiam com atenção e trabalhem até o n.º 5. (Mostrar.)

— Quando terminarem, cruzem os braços.

III P A R T E

— Vocês vão fazer êsses problemas da III parte. Vão trabalhar sòzinhos do n.º 1 até o n.º 6. (Mostrar.)

— Quando terminarem, cruzem os braços.

Intervalo: 5 minutos.

IV P A R T E

— Agora, vamos trabalhar aqui. (Mostrar a IV parte.) Vamos fazer estas continhas de somar até o n.º 4. (Mostrar.)

— Quando terminarem, cruzem os braços.

V P A R T E

— Vocês vão fazer outras continhas de somar. Vão trabalhar do n.º 1 ao n.º 4. (Mostrar.)

— Quando terminarem, cruzem os braços.

VI P A R T E

— Vamos fazer uns exercícios diferentes. Ponham o dedo no n.º 1. (Mostrar). Escrevam, na linha de pontos, os números que eu vou ditar: “15 — 38 — 67 — 95 — 71 — 100 — 29.”

— Agora, vocês vão trabalhar, sòzinhos, do n.º 2 ao n.º 9. (Mostrar.) Prestem muita atenção, pois os exercícios são diferentes. Vejam bem o que se pede em cada um dêles.

— Quando terminarem, cruzem os braços.

Intervalo: 5 minutos.

VII P A R T E

— Vamos passar para a VII parte. Ai estão uns probleminhas para vocês resolverem. Vamos ler a ordem: (Ler, em voz alta, acompanhado da leitura silenciosa dos alunos.)

“Resolve êstes problemas e escreve, no quadrinho, a conta que fizeste.”

— Trabalhem do n.º 1 ao n.º 6. (Mostrar.)

— Quando terminarem, cruzem os braços.

VIII PARTE

— Vamos trabalhar, agora, aqui. (Mostrar a VIII parte.) Ponham o dedo no n.º 1. (Mostrar.) Vocês vão fazer essas continhas de diminuir vão trabalhar até aqui. (Mostrar o n.º 6.) Reparem bem, tôdas estas continhas são de diminuir.

— Quando terminarem, cruzem os braços.

IX PARTE

— Vamos fazer êstes probleminhas. (Mostrar a IX parte.) Leiam, com atenção, cada um dêles para resolverem certo. Trabalhem do n.º 1 ao n.º 6. (Mostrar.)

— Quando terminarem, cruzem os braços.

X PARTE

— Agora, vocês vão trabalhar aqui. (Mostrar.) Vocês vão fazer estas continhas até o n.º 7. Reparem bem a ordem.

Depois façam os exercicios n.ºs 8, 9 e 10. (Mostrar.)

— Quando terminarem, cruzem os braços.

Intervalo: 5 minutos.

XI PARTE

Vamos, agora, trabalhar aqui. (Mostrar a XI parte.) Ponham o dedo no n.º 1. (Mostrar.) Marquem, com uma cruz, a bola que está mais perto do menino.

— Ponham o dedo no n.º 2. Façam uma cruz no passarinho que está fora da gaiola.

— Ponham o dedo no n.º 3. Passem uma linha ao redor do vaso que está em cima da mesa.

— Ponham o dedo no n.º 4. Façam uma cruz dentro da casa do cão.

— Ponham o dedo no n.º 5. Marquem, com uma cruz, a 3.^a casa.

— Façam uma linha ao redor da 1.^a árvore.

— Risquem a última casa.

— Ponham o dedo no n.º 6. Passem uma linha em volta do pinto que está **mais longe** da galinha.

— Ponham o dedo no n.º 7. Passem uma linha em volta do carro **maior**.

— Ponham o dedo no n.º 8. Façam uma cruz no coelho **menor**.

— Ponham o dedo no n.º 9. Passem uma linha ao redor da árvore que está **no meio**.

— Ponham o dedo no n.º 10. Marquem, com uma cruz, o gato que está **em baixo da cama**.

— Ponham o dedo no n.º 11. Passem uma linha ao redor do coelho que está **à tua esquerda**.

— Ponham o dedo no n.º 12. Passem uma linha ao redor do balão que está **à tua direita**.

— Agora, virem a página. Assim. (Exemplificar.) Vamos continuar os exercícios.

— Ponham o dedo no n.º 13. Agora, vocês vão trabalhar, sòzinhos até o n.º 19. (Mostrar.)

— Leiam com atenção e façam o que se pede em cada questão.

— Quando terminarem, cruzem os braços.

XII PARTE

— Virem a página. (Mostrar.) Vocês vão fazer essas continhas de diminuir até aqui. (Mostrar o n.º 7.) Reparem bem, tôdas as continhas são de diminuir.

— Quando terminarem, cruzem os braços.

— Agora, ponham o dedo no n.º 8.

— Leiam, com atenção, a ordem e façam o que se pede.

P R O V A

L I N G U A G E M

I P A R T E

A.

M O D E L O

mesa - caderno - maçã - sofá - luva - carta - porta

1. loja - botina - banana - fada - dedo - jóia - bigode
2. moço - louça - milho - erva - harpa - trilho - palha
3. preto - água - primo - tropa - praia - grilo - trigo
4. gemada - galinha - lingüiça - guisado - régua - açougue - porta
5. planta - missa - placa - tosse - brinco - cobra - boi
6. friso - frio - bloco - grito - grude - livro - frango
7. tambor - sombra - glória - vidro - queijo - quadro - vidraça
8. caderno - moleque - marmelo - exército - livraria - canto - fita
9. ameixa - creme - exercício - flauta - peixe - claro - lixa
10. vento - flores - bule - navio - bôlso - tábua - bonde
11. cortina - martelo - figo - papel - jardim - cadeira - cesta

B.

Passa uma linha em volta da palavra que diz o que o desenho mostra.

M O D Ê L O

baba — bôlo — bola — bule — lôbo



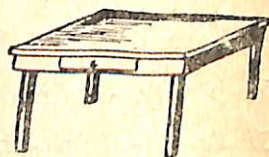
1. ramo - rua - roda - rosto - remo



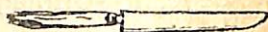
2. salada - sapato - saco - salame - saleta



3. rosa - mesa - casa - riso - asa



4. camelo - boneca - cabelo - caneta - faca



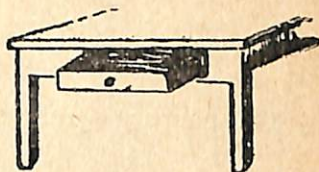
2. cidade - cenoura - cinema - cesta - cervo



6. zero - zebu - zêlo - doze - reza

12

7. gabinete - gato - galinha - goma - gaveta



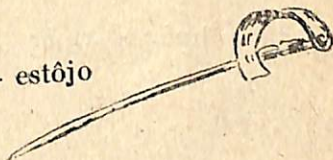
8. aranha - unha - pinheiro - banha - vinho



9. charuto - chapéu - chinelo - chave - chuva



10. espiga - esgelho - espuma - espada - estôjo



11. dedal - animal - papel - casal - avental



12. bandeja - bandeira - bonde - bando - onça



13. ponte - pipa - pato - pinto - pote



14. carroça - marreco - burro - carretel - jarro



15. campo - lomba - tombo - tambor - bomba



16. lixo - eixo - peixe - xarope - caixa



17. mão - limão - irmão - balão - coração



II PARTE










A.

- | | | |
|----------|----------|----------|
| 1. | 2. | 3. |
| 4. | 5. | 6. |
| 7. | 8. | 9. |
| 10. | 11. | 12. |
| 13. | 14. | 15. |
| 16. | 17. | 18. |
| 19. | 20. | 21. |

22. 23. 24.
 25. 26. 27.
 28. 29.
 30.
 31.

B.

COMPLETA

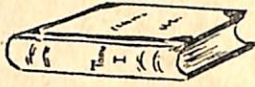
<p>MODÉLO</p>  <p>.....ato</p>	<p>1.</p>  <p>va...o</p>	<p>2.</p>  <p>ca.....o</p>
<p>3.</p>  <p>.....co</p>	<p>4.</p>  <p>b.....co</p>	<p>5.</p>  <p>p.....ba</p>
<p>6.</p>  <p>.....mem</p>	<p>7.</p>  <p>a.....</p>	<p>8.</p>  <p>v.....tido</p>

9.



ba.....

10.



li.....

11.



.....to

12.



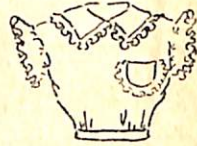
ove.....

13.



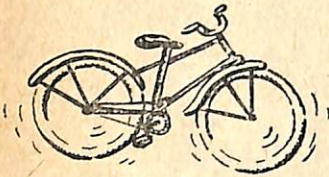
crucifi.....o

14.



.....sa

15.



bici.....ta

16.



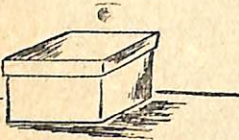
ni.....

17.



.....ço

18.



cai.....

19.



qua.....

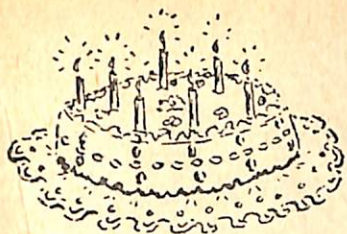
20.



.....ta

III PARTE

MODELO:



Julinho fêz anos ontem.
Èle ganhou muitos presentes.
Vovô deu-lhe uma bicicleta.
Papai comprou-lhe uma caixa de
ferramentas.
Aqui está o bôlo de Julinho.

Marca, com uma cruz, a frase que diz o que o desenho mostra.

1. Esta menina é Maria.
Maria brinca com os pintinhos.
Os pintinhos tem mamãe.
A mamãe dos pintinhos é a galinha.
A galinha choca os ovos.



Marca, com uma cruz, a frase que diz o que o desenho mostra.



2. Aqui está Roberto.
Roberto vai à escola.
Èle é um menino estudioso.
Roberto ganhou um tamborzinho.
Como é bonito o tambor.

MODELO:

No quintal de nossa escola
Vamos plantar o
O trabalho é a grande mola
Que dá força ao coração.

Lê as palavras abaixo e escreve, na linha de pontos, a palavra que serve para completar o verso:

batatas — vestido — flores — feijão — rosas.

3. Marilena e Marilita,
Dua lindas
Ajudam muita a mamãe,
E são bem comportadinhas.

Lê as palavras abaixo e escreve, na linha de pontos, a palavra que serve para completar o verso:

flores — irmãzinhas — violetas — vestidinhos — plantinhas.

4. Lê, com atenção, esta história, e responde as perguntas que estão abaixo:

José, uma vez, ganhou um coelhinho, branquinho, branquinho.
Parecia um pompom de pó de arroz.
Os olhos do coelho eram vermelhos, vermelhos.
O coelho morava no terreiro.
Um dia êle desapareceu.
José ficou muito triste.

1. De que côr era o coelho que José ganhou?
2. Por que José ficou triste?

IV P A R T E

1. Passa uma linha ao redor das palavras que indicam pessoas:

Vovô deu uma bola para José.

2. Escreve o nome de duas coisas:

.....

.....

3. Passa uma linha ao redor das palavras que indicam animais:

O nome do gato de Lili é Veludo.

4. Passa uma linha ao redor das palavras que indicam qualidades:

Eu tenho um vestido novo.
Paulo é um menino estudioso.

5. Passa uma linha ao redor da palavra que conta o que mamãe fez:

Mamãe lavou o vestido de Lili.

6. Passa uma linha ao redor da palavra que conta o que o passarinho faz:

O passarinho canta no galho da árvore.

7. a) Onde está o caderno de Lili

b) Laura ganhou uma boneca

V P A R T E

1. Completa:

a) Eu me chamo

b) Estou no Grupo Escolar

c) O cão de meu irmão chama-se

d) Ele tem o corpo coberto de

e) A cor deste lápis é

f) Ganhei um gatinho.

2. Escreve

a) o nome de tua mãe:

.....

b) o nome de um colega teu:

.....

3. Forma uma frase com a palavra **livro**:

.....

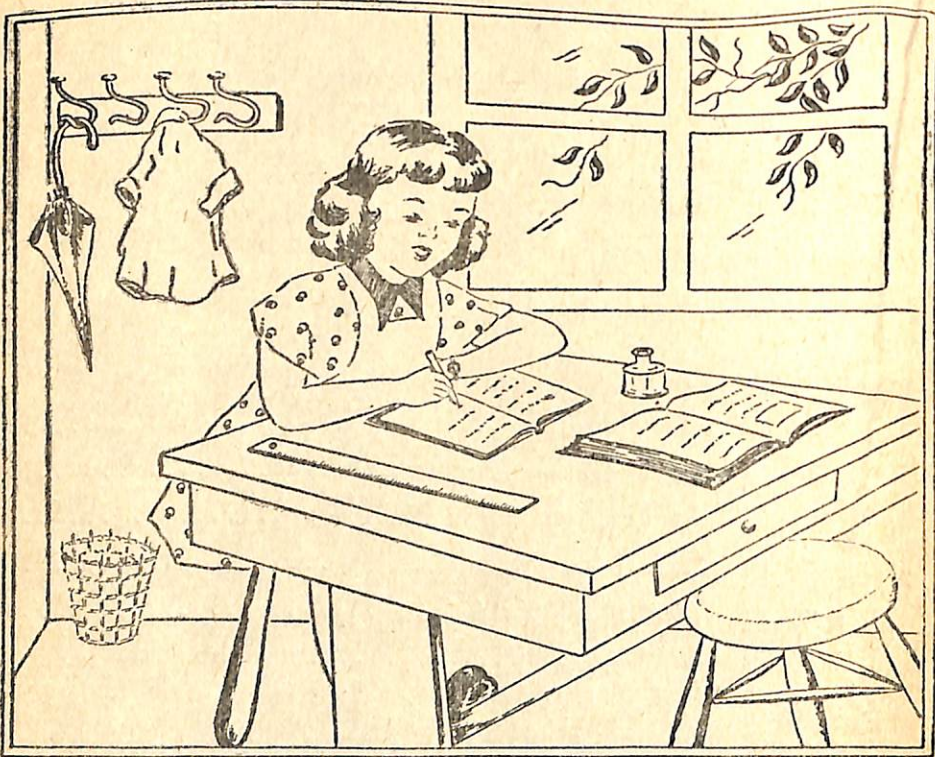
4. Forma uma frase com a palavra **gostoso**:

.....

5. Forma uma frase com a palavra **brincou**:

.....

Olha esta gravura.



6. Escreve o nome de tudo o que estás vendo no desenho.

.....
.....
.....

7. Que está fazendo a menina?

.....

MATEMÁTICA

I PARTE

Soma:

1)	4 9 —	1 3 —	4 0 —	9 4 —	6 7 —	1 0 —	4 3 —	9 5 —	2 5 —
2)	6 8 —	2 6 —	5 3 —	1 9 —	7 6 —	5 4 —	7 0 —	7 8 —	9 6 —
3)	0 8 —	1 5 —	8 8 —	3 6 —	3 1 —	8 9 —	4 8 —	8 0 —	2 4 —
4)	2 2 —	7 5 —	3 7 —	5 9 —	1 8 —	7 4 —	5 6 —	2 8 —	4 1 —
5)	6 0 —	6 5 —	3 9 —	8 6 —	6 2 —	9 9 —	0 5 —	9 1 —	

II PARTE

Resolve estes problemas e escreve na linha pontuada a resposta, e, no quadrinho, a conta que fizeste.

MODÉLO:

- a) Lili ganhou 3 balas da mamãe e 6 balas da vovó.

Quantas balas ela ganhou?

.....

b) Jorge comprou 5 maçãs. Ele deu 3 maçãs para Lili.

Jorge ficou com maçãs.

1. Paulo ganhou 5 bolinhas pretas e 3 bolinhas brancas.

Quantas bolinhas ele ganhou?

.....

2. Na Páscoa, Zézinho ganhou 4 ovos de açúcar, 3 ovos de chocolate e 2 ovos de galinha pintados.

Ele ganhou ovos.

3. Paulo tinha 8 lápis de côr. Ele deu 2 lápis para sua irmãzinha.

Com quantos lápis Paulo ficou?

.....

4. Na Páscoa, José fez um bonito ninho. Ele ganhou 1 dúzia de ovos de açúcar e 5 ovos de chocolate.

José ganhou ovos.

5. Vovó tem uma galinha com 1 dúzia de pintos. Ela vai dar 8 pintos para Lili.

Vovó vai ficar com pintos.

III P A R T E

1. No pombal de Zézinho há uma dezena de pombas brancas e 4 pombas pretas. Quantas pombas há no pombal?

.....

2. Laurita levou para a Sopa Escolar meia dúzia de ovos. Roberto levou 3 ovos.

Quantos ovos eles deram para a Sopa?

.....

3. Vovó comprou meia dúzia de romelos de linha para crochê. Ela gastou 4 romelos.
Vovó tem ainda romelos.
4. Teresa ganhou 50 centavos da vovó e 40 centavos da mamãe.
Ela ganhou centavos.
5. Paulo ganhou 4 casais de pombinhos. Quantos pombinhos êle ganhou?
.....
6. Mamãe tem 10 bombons para repartir entre Luiz e Joãozinho.
Cada um dos meninos vai ganhar bombons.

IV PARTE

	Soma:								
1)	9 3 —	2 3 —	1 6 —	0 4 —	5 5 —	3 0 —	3 3 —	8 1 —	0 3 —
2)	5 0 —	4 2 —	6 3 —	0 7 —	6 9 —	4 7 —	7 7 —	6 4 —	0 9 —
3)	9 7 —	0 1 —	7 2 —	0 0 —	5 2 —	6 6 —	2 7 —	1 1 —	8 3 —
4)	4 5 —	2 9 —	0 2 —	9 8 —	3 2 —	1 4 —	2 0 —	1 2 —	5 7 —

V PARTE

	Soma:								
1)	5 1 —	3 4 —	7 3 —	5 8 —	7 1 —	3 5 —	1 7 —	8 2 —	9 0 —

2)	3 8 —	9 2 —	6 1 —	4 6 —	2 1 —	8 5 —	8 4 —	0 6 —	4 4 —
3)	8 7 —	7 9 —	7 0 8 —	1 1 5 —	0 0 6 —	3 4 9 —	1 5 9 —		
4)	8 0 0 —	2 6 1 —	1 3 3 —	7 2 1 —	0 9 8 —	2 1 0 —	4 1 6 —		

VI PARTE

1),,,,,

2) Completa:

85 - 86 - 87 - - - - - 100

3) Sérgio contou as suas bolinhas de gude, assim: 3, 6, 9, ..., ..., ..., 30

4) Completa:

10 — 20 — 30 — — — — — 100.

5) Completa:

50 — 49 — 48 — — — — — — — — — —
 — — — — — — — — — — — — — —
 — — — — — — — — — — — — — —
 — — — — — — — — — — — — — —

6) Escreve:

a) 4 números pares:

b) o dôbro de 9:

- c) a metade de 20:
- d) a metade de uma dezena:

7) Completa:

- a) 1 dezena de laranjas = laranjas
- b) 1 centena de marmelos = marmelos
- c) 1 dúzia de ovos = ovos
- d) meia dúzia de limões = limões
- e) 3 pares de sapatos = sapatos

8) Risca os números ímpares:

24 — 35 — 41 — 28 — 67 — 84

9) Escreve os vizinhos dos números seguintes:

.... 85

.... 99

.... 71....

VII PARTE

Resolve êstes problemas e escreve na linha pontuada a resposta e, no quadrinho, a conta que fizeste:

1. Nós somos 3 irmãozinhos. Mamãe vai comprar na livraria 2 livros de história para cada um de nós. Quantos livros ela vai comprar?

.....

2. Saúl está no 2.º ano. Sua classe tem 26 alunos. 14 alunos são meninos. Quantas meninas há na aula de Saúl?

.....

3. Joãozinho comprou, na lojinha da escola, 1 caderno por 3 cruzeiros e 1 lápis por 1 cruzeiro. Ele gastou

4. José tem uma moeda de 2 cruzeiros.
 Èle quer dar 1 cruzeiro para a Caixa
 Escolar.
 Quanto José deve receber de trôco?

.....

5. Roberto ganhou 5 cruzeiros da mamãe.
 Èle gastou 2 cruzeiros na merenda.
 Roberto tem

6. Mamãe mandou Zèzinho ao armazém
 buscar 10 paus de lenha. Èle só pode
 trazer, de cada vez, 2 paus.

Zèzinho vai fazer viagens.

VIII PARTE

Subtrai:

1)	3 1 —	9 9 —	9 7 —	4 1 —	6 5 —	8 5 —
2)	5 0 —	8 3 —	8 8 —	4 4 —	8 0 —	4 0 —
3)	4 2 —	6 1 —	7 0 —	6 4 —	5 3 —	7 6 —
4)	8 2 —	7 1 —	9 4 —	6 0 —	9 8 —	1 1 —
5)	0 0 —	6 2 —	5 5 —	9 3 —	2 1 —	9 0 —
6)	3 0 —	9 2 —	8 1 —	5 2 —	9 6 —	

IX P A R T E

1. Paulo está juntando moedas de 20 centavos. Ele já tem um cruzeiro.
Quantas moedas Paulo tem?
.....

2. Roberto está juntando moedas de 50 centavos. Ele já tem 2 cruzeiros.
Roberto tem moedas.

3. Sérgio foi à livraria comprar uma régua. Ele tinha 10 cruzeiros. O empregado da livraria deu-lhe 6 cruzeiros de trôco. Quanto custou a régua?
.....

4. Mamãe deu 10 cruzeiros para Laurita comprar 2 pães. Cada pão custa 4 cruzeiros.
Laurita recebeu de trôco

5. No pombal de Sérgio havia 10 pombinhas. Ele deu a metade das pombas para Zézinho.
Quantas pombas Zézinho ganhou?
.....

6. No Natal, Lili ganhou 4 livros de história e seu irmãozinho ganhou o dôbro dos livros que Lili recebeu.
O irmãozinho de Lili ganhou...livros.

X P A R T E

A) Soma:

1)	24	31	30	31
	31	20	53	25
	22	15	16	13

B) Subtrai:

$$\begin{array}{r} 1) \quad 6 \quad 4 \quad 2 \quad 9 \quad 6 \quad 8 \quad 1 \\ \quad 3 \quad 3 \quad 0 \quad 1 \quad 6 \quad 6 \quad 0 \\ \hline \end{array}$$

$$\begin{array}{r} 2) \quad 7 \quad 7 \quad 5 \quad 3 \quad 8 \quad 7 \quad 2 \\ \quad 3 \quad 5 \quad 1 \quad 2 \quad 7 \quad 4 \quad 2 \\ \hline \end{array}$$

$$\begin{array}{r} 3) \quad 5 \quad 7 \quad 7 \quad 8 \quad 3 \quad 9 \\ \quad 4 \quad 7 \quad 2 \quad 4 \quad 3 \quad 5 \\ \hline \end{array}$$

$$\begin{array}{r} 4) \quad \quad 35 \quad \quad 57 \quad \quad 84 \quad \quad 65 \\ \quad \quad 21 \quad \quad 20 \quad \quad 33 \quad \quad 40 \\ \hline \end{array}$$

$$5) \quad 8 - 4 - 3 = \quad \quad 9 - 3 - 1 = \quad \quad 7 - 5 - 0 =$$

$$6) \quad 3 - 2 - 1 = \quad \quad 5 - 1 - 2 = \quad \quad 9 - 3 - 1 =$$

7) Risca o subtraendo:

$$\begin{array}{r} 63 \\ 31 \\ \hline 32 \end{array}$$

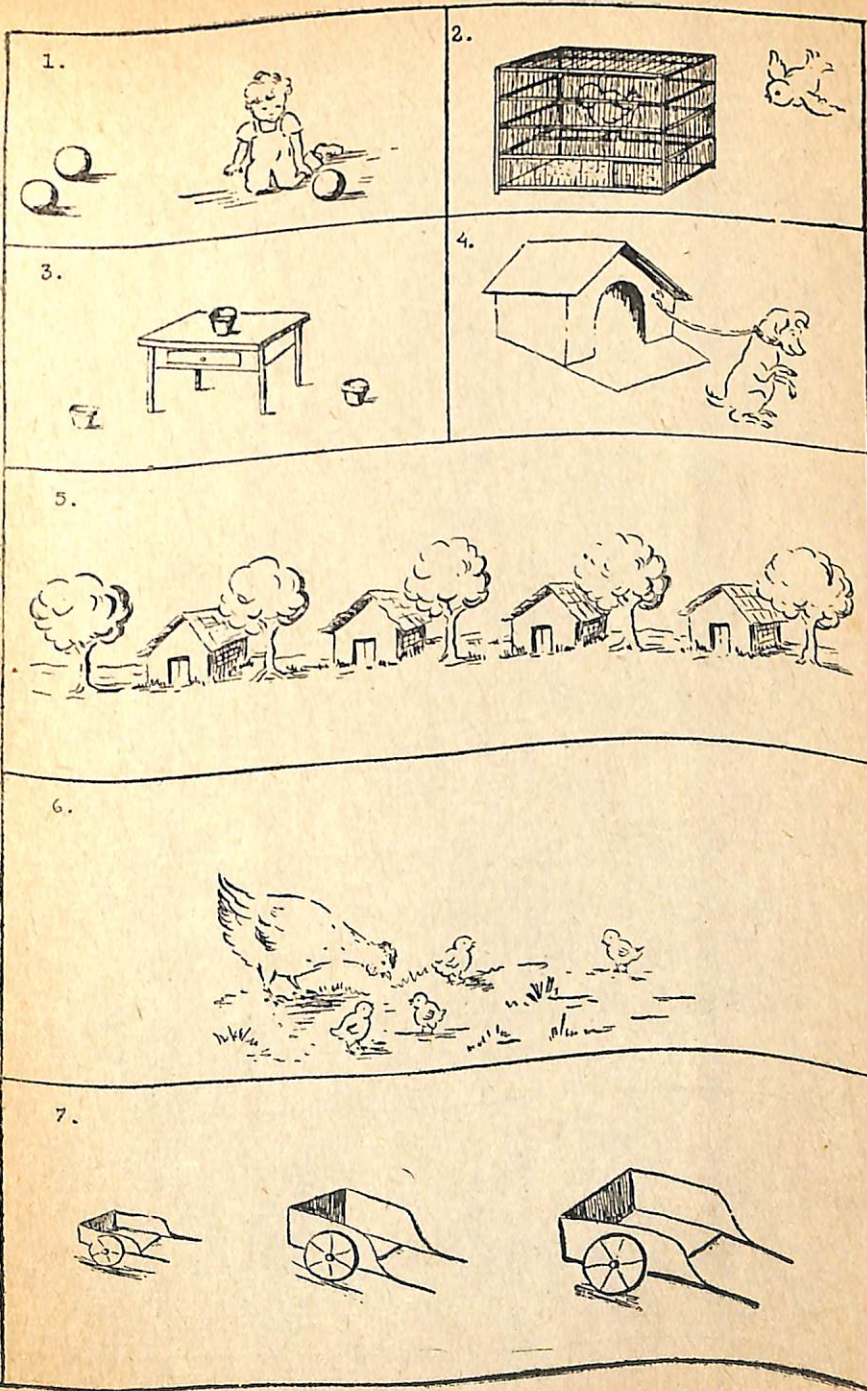
8) Risca o minuendo:

$$\begin{array}{r} 45 \\ 22 \\ \hline 23 \end{array}$$

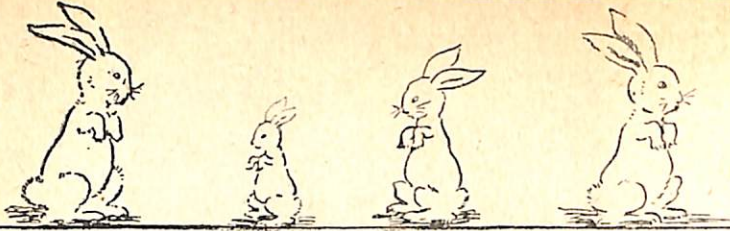
9) Risca o resto:

$$\begin{array}{r} 78 \\ 44 \\ \hline 34 \end{array}$$

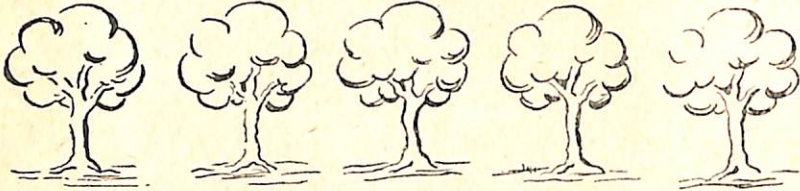
XI PARTE



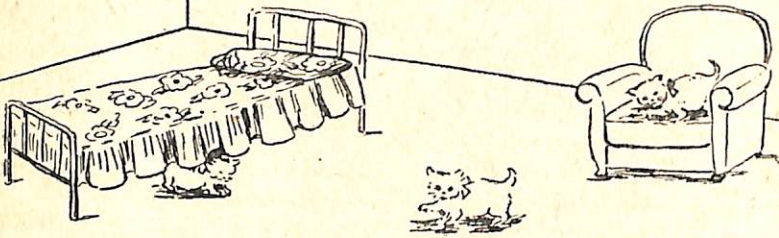
8.



9.



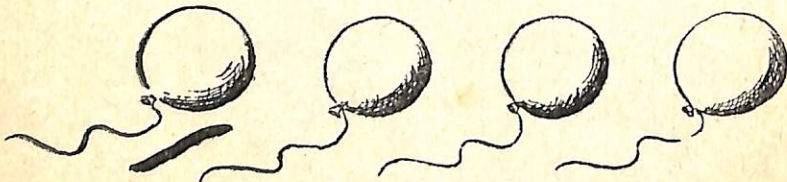
10.



11.



12.

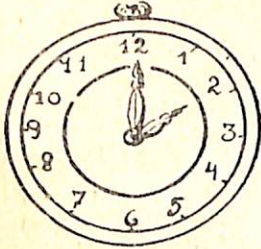


XI PARTE

13. Papai mandou pesar Joãozinho e Lili. Joãozinho pesou 32 quilos e Lili, 26 quilos.

..... é mais leve do que.....

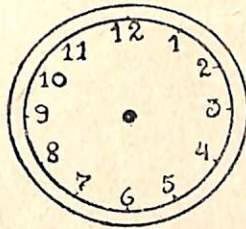
14. O relógio está marcando a hora em que começa a aula de Lili.



Que horas são?

..... horas.

15. Joãozinho saiu com mamãe e voltou às 11 horas. Marca, neste relógio, a hora em que Joãozinho chegou.



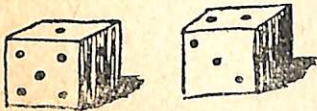
16. Zézinho ganhou uma bola e um jogo chamado "De vagar se vai ao longe". O jogo tem dois dados e um cartão.

a)



A bola de Zézinho tem a forma de.....

b)



Os dados têm a forma de.....

17. Risca a parcela maior:

$$\begin{array}{r} 24 \\ 14 \\ \hline 38 \end{array}$$

18. Risca o total:

$$\begin{array}{r} 35 \\ 34 \\ \hline 69 \end{array}$$

XII PARTE

Subtrai:

- | | | |
|-------------|--------------|------------------|
| 1) 13 — 8 = | 10) 10 — 8 = | 19) 15 — 7 — 4 = |
| 2) 14 — 7 = | 11) 16 — 7 = | 20) 14 — 6 — 2 = |
| 3) 18 — 9 = | 12) 11 — 6 = | 21) 10 — 5 — 2 = |
| 4) 11 — 8 = | 13) 13 — 6 = | 22) 12 — 6 — 1 = |
| 5) 10 — 2 = | 14) 15 — 4 = | 23) 16 — 3 — 2 = |
| 6) 12 — 9 = | 15) 14 — 7 = | 24) 13 — 6 — 1 = |
| 7) 12 — 3 = | 16) 16 — 8 = | 25) 11 — 5 — 2 = |
| 8) 15 — 9 = | 17) 15 — 9 = | 26) 14 — 7 — 1 = |
| 9) 10 — 7 = | 18) 10 — 4 = | 27) 10 — 8 — 1 = |

28) Escreve, na linha pontuada, os números que estão faltando:

I XII.



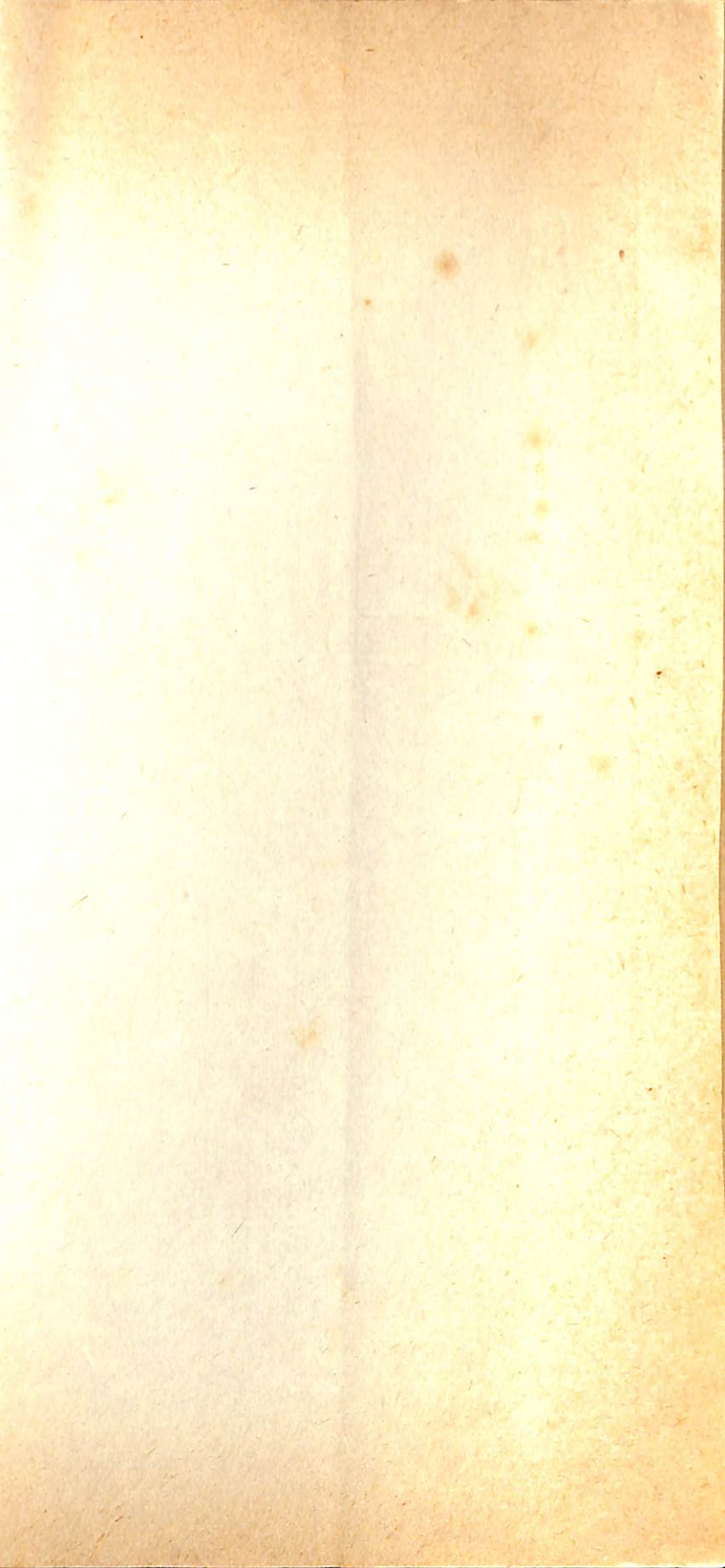


GRÁFICO DE MATEMÁTICA

I — Fatos fundamentais não dominados

S O M A	S U B T R A Ç Ã O
Colunas revisoras da soma	Colunas revisoras da subtração
Somadas de números compostos	Subtrações de números compostos
Subtrações com minuendo composto	

II — PROBLEMAS

Acertos:	
Erros:	
	$5 + 3$ $4 + 3 + 2$ $8 - 2$ Uma dúzia + 5 Uma dúzia - 8 Uma dezena + 4 $\frac{1}{2}$ dúzia + 3 $\frac{1}{2}$ dúzia - 4 50 cent. + 40 cent. 4×2 (casais) $19 : 2$ 3×2 $26 - 14$ 3 cruz. + 1 cruz. 2 cruz. - 1 cruz. 5 cruz. - 2 cruz. 5×2 5 \times 20 cent. 4 \times 50 cent. 10 cruz. - 6 cruz. 4 cruz. + 4 cruz. 10 cruz. - 8 cruz. 10 - 5 (metade) Dóbro de 4

III — NOÇÕES

Acertos:	
Erros:	
	Representação de números Ordem crescente Contagem de 3 em 3 Contagem de 10 em 10 Ordem decrescente Números pares Dóbro Metade Meia dezena Dezena Centena Dúzia Meia dúzia Noção de par Números ímpares Números vizinhos Subtraendo Minuendo Resto Distância (perto) Posição (fora) Posição (em cima) Posição (dentro) Ordem numérica (3.º) Ordem numérica (1.º) Ordem numérica (último) Distância (longe) Tamanho (maior) Tamanho (menor) Posição (meio) Posição (em baixo) Posição (esquerda) Posição (direita) Pêso Horas Esfera Cubo Parcela Total Números romanos



46219